

# ESCUTAR, DIALOGAR, PROTAGONIZAR:

o trabalho  
com projetos  
no NDC  
CAp UFC

# **ESCUTAR, DIALOGAR, PROTAGONIZAR:**

**O TRABALHO COM PROJETOS NO NDC CAp UFC**



**Pedro & João**  
editores



**Fátima Sampaio Silva**  
**Fátima Maria Araújo Saboia Leitão**  
**Maria Auricélia da Silva**  
**(Organizadoras)**

**ESCUTAR, DIALOGAR, PROTAGONIZAR:**

**O TRABALHO COM PROJETOS NO NDC CAp UFC**

  
**Pedro & João**  
editores

**Copyright © Autoras e autores**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

---

**Fátima Sampaio Silva; Fátima Maria Araújo Saboia Leitão; Maria Auricélia da Silva [Orgs.]**

**Escutar, dialogar, protagonizar: o trabalho com projetos no NDC CAP UFC.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 192p. 16 x 23 cm.

**ISBN: 978-65-265-2042-7 [Impresso]**

**978-65-265-2043-4 [Digital]**

1. Psicologia do Desenvolvimento. 2. Pedagogias da Infância. 3. Educação Infantil. 4. Núcleo de Desenvolvimento da Criança - NDC. I. Título.

CDD – 370

---

**Capa:** Luidi Belga Ignacio

**Arte da capa:** produções de crianças do NDC CAP UFC. A divulgação das imagens das crianças foi autorizada por seus familiares

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

**Revisão:** Lourdes Kaminski

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Editorial da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2025

## PREFÁCIO

Impossível não revelar a alegria que senti ao ser convidada para escrever o prefácio do livro sobre o Trabalho com Projetos desenvolvidos no Núcleo de Desenvolvimento da Criança (NDC), Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Ceará (atualmente, NDC CAp/UFC). Desde sua concepção e implantação, constava entre os objetivos do NDC, a criação de uma escola de Educação Infantil que constituiria o eixo em torno do qual seriam desenvolvidas as atividades de ensino, pesquisa e extensão relacionadas à criança e à família.

Justifico meus sentimentos em relação a esta publicação, pois integrei a equipe de professoras que, nos idos de 1989, planejou e implementou esse Núcleo. Posso afirmar, portanto, que o vi nascer e crescer, desde que, na função de Coordenadora, acompanhei sua trajetória por vinte e dois anos, com entusiasmo profissional e muita afetividade!

Sou testemunha, pois, que a escolha pelo NDC do Trabalho com Projetos, como forma preferencial de organização das práticas pedagógicas, não ocorreu porque na época de sua criação esta nova alternativa de ensino e aprendizagem havia se tornado a baliza pedagógica de muitas instituições de Educação Infantil em nosso país.

Ao contrário, a referida opção foi fruto de um constante e profícuo diálogo que a equipe pedagógica do NDC sempre estabeleceu entre os conhecimentos teóricos da Psicologia do Desenvolvimento e das Pedagogias da Infância e aqueles construídos no exercício da docência com crianças entre 3 e 6 anos, na instituição. Constituiu, portanto, um processo intensamente pensado e constantemente avaliado.

Vale destacar que essa equipe sempre buscou a coerência entre os princípios teóricos que norteiam a Proposta Pedagógica do NDC, notadamente as concepções de aprendizagem e

desenvolvimento formuladas por Piaget, Vygotsky e Wallon, entre outros, e as práticas pedagógicas a serem desenvolvidas. Desde que esses autores concebem as crianças como seres ativos, que pensam, sentem e participam da construção de seus conhecimentos, a escolha destas práticas precisaria ter como alicerce essas concepções.

Após alguns anos trabalhando com temas geradores, a equipe pedagógica do NDC se apropriou de conhecimentos sobre o Trabalho com Projetos e constatou que esta alternativa metodológica proporcionaria às crianças experiências que lhes dariam oportunidades de investigar, levantar hipóteses, questionar, buscar estratégias para a resolução de problemas, imaginar, negociar, tomar decisões, enfim de se desenvolver e aprender de forma significativa e prazerosa.

Como muito bem explicado no capítulo da Introdução, no decorrer dos anos, a prática do Trabalho com Projetos no NDC passou por transformações que acompanharam as mudanças teóricas e metodológicas da nossa Proposta Pedagógica. Como este livro apresenta projetos que foram desenvolvidos em tempos bem diferenciados, os leitores constatarão que eles diferem em alguns aspectos, principalmente em relação a um maior ou menor protagonismo das crianças no planejamento das atividades e à definição pelas professoras de etapas a serem seguidas. No entanto, em todos eles, há algo que os caracteriza como projetos: todos surgiram a partir dos interesses manifestados pelas crianças, captados pela escuta constante e sensível das professoras, que acolhiam suas indagações, ideias e sugestões!

E como eram variados e instigantes os interesses das crianças!!! Elas procuravam respostas para as mais diversas perguntas, tais como: Será que os lobos mudam de cor quando ficam velhos? A pena é a roupa dos pássaros? As bactérias estão dentro do nosso dedo? Por que as pétalas caem do girassol? Por que o beija-flor pega mel das flores? Por que a vaca não tem chifre? Amarelo com azul, fica o quê, gente? Quem pintou esse quadro? Por que a gente pode ficar fedendo? Nossa arte vai para o museu para as pessoas verem

e quererem fazer igual? A lista seria interminável, pois quase infinita a curiosidade das crianças sobre os mais variados aspectos do nosso mundo físico e social!

Convido, pois, os professores, coordenadores e gestores da Educação Infantil, bem como outros leitores a se encantarem com os oito capítulos que compõem este livro: uma introdução que apresenta os fundamentos teóricos do Trabalho com Projetos e os sete Projetos desenvolvidos no NDC pelas professoras atuais e outras que fizeram parte da instituição em tempos passados.

A descrição detalhada dos Projetos incluídos neste livro, com destaque para as falas das crianças, possibilitará que os leitores conheçam a dinâmica dos Projetos desenvolvidos no NDC. Demonstrará, portanto, como as professoras, por meio de práticas pedagógicas significativas e prazerosas, efetivamente contribuíram para a ampliação dos conhecimentos das crianças, favorecendo assim sua aprendizagem, seu desenvolvimento e bem-estar.

A todos, pois, uma excelente leitura!

*Fátima Sampaio Silva*



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
Fátima Maria Araújo Saboia Leitão	
<b>“QUEM ESTÁ BEBENDO O NÉCTAR DO PASSARINHO?”</b>	<b>29</b>
Marcelle Arruda Cabral Costa	
<b>CRIANÇAS FAZENDO ARTE COM LÁPIS, PAPEL, COLA, TINTA, PINCEL E GLITTER</b>	<b>51</b>
Maria Auricélia da Silva	
<b>PROJETO BUMBA MEU BOI</b>	<b>79</b>
Diana Isis Albuquerque Arraes Freire	
<b>CRIANÇAS PINTORAS: UM PROJETO DE ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b>	<b>99</b>
Daniele Silva Vieira Celiane Oliveira dos Santos	
<b>O FANTÁSTICO MUNDO DAS BORBOLETAS</b>	<b>121</b>
Kátia Cristina Fernandes e Silva	
<b>PROJETO DO LOBO-GUARÁ FOFINHO CUIDANDO DA NATUREZA, INFANTIL 5A, 2018</b>	<b>147</b>
Lina Alves Coelho Sílvia Cristina Costa Gomes	
<b>PROJETO HIGIENE CORPORAL</b>	<b>171</b>
Antonia Emanuela Oliveira de Lima Denise de Castro Feijó Fátima Carneiro de Vasconcelos Araújo	
<b>SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES</b>	<b>189</b>



# INTRODUÇÃO

Fátima Maria Araújo Saboia Leitão

Na forma de convite, o conteúdo deste livro tem o objetivo de, em conjunto com a bibliografia já existente sobre o Trabalho com Projetos, não somente discorrer sobre a sua importância como alternativa de ensino e aprendizagem, mas especialmente, contribuir com reflexões acerca dos princípios que embasam o desenvolvimento do trabalho com projetos, dentre eles, os da intenção e da ação (Barbosa; Horn, 2008), que, relacionados ao protagonismo da criança, contribuem para sua aprendizagem e desenvolvimento. Neste livro, incluiremos a discussão sobre algumas polêmicas que envolvem essa prática, expressas em questões, tais como: Qual é, de fato, a participação das crianças? E do professor? As questões e interesses das crianças são considerados fundamentais na prática de trabalho com projetos? Como ocorre a dinâmica de participação dos envolvidos na realização de projetos?

A narrativa da história da construção do conceito de Trabalho com Projetos e da sua efetivação na prática pedagógica desenvolvida no cotidiano do Colégio de Aplicação, Núcleo de Desenvolvimento da Criança da Universidade Federal do Ceará - NDC CAp/UFC pretende estabelecer um diálogo permanente da teoria com a prática, fornecendo subsídios teóricos e práticos para a discussão proposta.

Almejada como espaço de troca de aprendizagem, a discussão apresentada visa contribuir com argumentos teóricos e práticos para a formação de professores de Educação Infantil com relação ao desenvolvimento de uma prática pedagógica de qualidade, fundamental para a aprendizagem, o desenvolvimento e a felicidade da criança.

Na parte inicial deste livro intitulada “Da história e da denominação do Projeto”, apresentamos um panorama da prática de projetos desenvolvida no mundo, alguns de seus autores e perspectivas, abordando as diferentes nomenclaturas sobre o Trabalho com Projetos, seus diversos pontos de vista conceituais, políticos e pedagógicos e os consequentes equívocos advindos dessas diferentes leituras. Ao final desta abordagem, informamos qual a denominação adotada na Proposta Pedagógica do NDC CAp/UFC. Nessa discussão, também são incluídas as diferentes polêmicas que envolvem o trabalho com projetos: variadas concepções de projetos que trazem como consequências contradições metodológicas, tais como a supervalorização de um produto em detrimento da importância de todo o processo vivenciado; e a ideia equivocada sobre a forma de participação de todos os envolvidos no desenvolvimento do Projeto.

A parte denominada “Da escolha por trabalhar com projetos no NDC CAp/UFC” apresenta uma justificativa para a opção por esta alternativa de ensino e aprendizagem no Núcleo de Desenvolvimento da Criança, refletindo sobre os fundamentos teóricos que o explicam como experiência educativa autêntica e significativa para a criança.

Por último, o item “Da construção do conceito de Trabalho com Projetos no NDC CAp/UFC” apresenta um pouco da história da construção do conceito de trabalho com projetos que fundamenta a prática pedagógica, ancorada na perspectiva de John Dewey. O item também inclui a apresentação de projetos pedagógicos desenvolvidos no NDC. O critério estabelecido de apresentação desses projetos foi o cronológico, dos mais atuais para os mais remotos. A intenção é possibilitar identificar, na evolução da construção do trabalho com projetos no NDC CAp, as mudanças ocorridas, especialmente, com relação ao papel protagonista das crianças no planejamento e desenvolvimento dos projetos pedagógicos.

## Da história e da denominação de “Trabalho com Projeto”

O termo Projeto surgiu no século XV (Boutinet, 2002), associado a um sentido de ordenação espacial e vinculado à etimologia latina do verbo “*projicio*”, que significa lançar para frente, ligado à ideia de tentativa de inovação. Na Educação, encontramos nomes como Pestalozzi e Fröebel, precursores do trabalho com projetos, pois preconizaram uma educação voltada para os interesses da criança (século XVIII). Ferrière, Krupskaja e Makarenko propuseram a realização de experiências com projetos integrados (século XX); Montessori e Decroly defenderam o ensino ativo e a adoção de temas lúdicos.

Contudo, foram Dewey e Kilpatrick que, com a preocupação em tornar a escola um espaço vivo e aberto ao real, onde o “aluno” tornava-se ator de sua formação por intermédio de aprendizagens concretas e significativas, desenvolveram a ideia de trabalhar por via de projetos na escola (década de 1920). Para Kilpatrick (2006), o termo “*projecto*” não pode ser utilizado numa “acepção mecânica e parcial”; deve, sim, ser aplicado ao “acto intencional”, referindo-se a uma intenção dominante que faz da educação a própria vida. Ainda, segundo esse estudioso, o projeto tem as seguintes características: atribui ênfase ao fator da ação; sua realização se dá num cenário social; pressupõe empenho máximo e tem a intenção real como essência. Na década de 1930, aparece Freinet com a valorização do trabalho e da atividade em grupo para estimular a cooperação.

No Brasil, o trabalho com projetos ficou conhecido desde o movimento da Escola Nova. As propostas pedagógicas do “Método de Projeto”, criado por Dewey e Kilpatrick, foram disseminadas por Anísio Teixeira e Lourenço Filho.

Países como Itália e Portugal têm tradição em incluir o trabalho com projetos em suas práticas pedagógicas com as crianças. As experiências italianas com projetos em Reggio Emilia e San Miniato, por exemplo, são difundidas em diversas publicações que alargam o repertório teórico sobre o tema.

Vários autores utilizam denominações e significações diferentes para fazer referência ao trabalho com projetos. A francesa Jolibert (1994; 2006) apresenta os projetos “referentes à vida cotidiana”, que envolvem as decisões tomadas em relação à escola; os projetos “empreendimentos,” com atividades mais complexas, como organização do pátio ou da biblioteca, uma excursão, por exemplo; e, finalmente, o “projeto de aprendizagem”, relativo aos conteúdos oficiais. Fernando Hernández (1998), educador espanhol, emprega a expressão “projetos de trabalho”, que enfatiza não ser uma metodologia ou uma técnica de ensino, mas uma forma de refletir sobre a escola e sua função, uma concepção de ensino, uma posição pedagógica. Nogueira (2001) denomina “projeto temático”, definindo-o como uma ferramenta propiciadora de uma melhor forma de trabalhar “os velhos conteúdos”, de maneira mais atraente e interessante. Em Portugal, Pacheco (1995) utiliza a denominação “trabalho por projetos”, que define como um trabalho coletivo, elaborado com base nas contribuições e envolvimento de todos.

Ainda em Portugal, Oliveira-Formosinho (2009) refere-se à “aprendizagem da abordagem de projeto”, desenvolvida com base num referencial teórico construtivista, que apoia e orienta as escolhas do professor. As norte-americanas Helm, Beneke e Cols (2005) apontam a abordagem voltada para a utilização de projetos como modelo que ajude a superar as dificuldades das crianças pequenas que estudam em comunidades com problemas relacionados à pobreza. As estudiosas denominam abordagem de projeto e utilizam a definição apresentada por Kartz (1994, p. 22)

como uma investigação em profundidade de um assunto sobre o qual valha a pena aprender [...] cuja característica é o esforço de pesquisa para encontrar respostas para as questões levantadas pelas crianças ou pelo professor.

Consideram os projetos como mais um tipo de experiência de aprendizagem.

No Brasil, Lúcia Helena Alvarez Leite (1996) cunha a expressão “pedagogia de projetos”, e a define como a ressignificação do espaço escolar em espaço vivo de interações, voltado para a “formação de sujeitos ativos e reflexivos”, mais relacionado a uma “postura pedagógica”. Guiomar Namó de Mello utiliza duas denominações com significados diferentes: projeto relacionado à “proposta pedagógica”, que significa um projeto a ser desenvolvido de forma contínua, referente aos objetivos da escola e ao modo como são concretizados; e projeto, como alternativa de ensino-aprendizagem, atividade privilegiada para se trabalhar a interdisciplinaridade e a contextualização. As estudiosas Barbosa e Horn (2008) denominam “projetos pedagógicos”, que são definidos como um dentre muitos modos de organizar a prática pedagógica.

É importante destacar que, de diferentes formas, os autores citados abrem a possibilidade de proposição de projetos pelos sujeitos envolvidos, além das crianças: professores, profissionais da gestão da escola, pessoas da comunidade e outros. A literatura registra exemplos de “projetos empreendimentos” da escola e da comunidade.

Além da profusão de denominações, a utilização do trabalho com projetos no campo educacional traz confusões que são advindas, especialmente, das diferentes significações ou concepções atribuídas aos projetos (Pacheco, 2002; Boutinet, 2002; Hernández, 1998). Assim, encontramos o trabalho com projetos como: uma metodologia; uma ferramenta; uma forma de organizar as práticas pedagógicas; um sistema complexo; uma ação intencional planejada coletivamente; uma possibilidade interessante em termos de organização pedagógica; uma prática pedagógica; uma unidade didática, com controle de tempos e de temas para dar conta do programa escolar; e, até como uma forma de atender os desafios relacionados às condições de comunidades pobres (Helm; Beneke; Cols, 2005). Observamos, em muitos dos casos, que tais confusões têm relação com diferentes abordagens políticas e pedagógicas. Não há unanimidade e observamos que

nem todas as perspectivas contemplam os princípios básicos, em especial, o que se refere à participação dos envolvidos.

Existem termos referidos ao trabalho com projetos que demonstram uma interpretação equivocada do princípio que se refere ao protagonismo da criança no desenvolvimento de projetos, inclusive e principalmente, no planejamento das ações. Por exemplo, o termo “aplicado” com referência ao trabalho com projeto como método, subentendendo sua aplicação indiscriminada, em qualquer contexto pré-determinado, sem a participação das crianças; ou, o projeto considerado uma unidade didática do programa escolar, com controle de tempos e de temas, também previamente concebidos, com predeterminação de objetivos e atividades.

Outra interpretação equivocada sobre o trabalho com projetos refere-se ao fato de se atribuir superpoderes a ele, isto é, de ser considerado uma poção mágica que resolverá todos os problemas da escola. Por exemplo, atribuir ao trabalho com projetos o poder de ser uma fuga para práticas ruins; o poder de o “aluno” tomar gosto pela leitura; possibilitar momentos de autonomia e cooperação do grupo; fazer a criança pensar em temas importantes do seu ambiente; refletir sobre atualidade e de considerar a vida fora da escola; possibilitar que a criança aprenda conhecimentos historicamente construídos pela humanidade de forma relacional e não linear; por fim, o poder para superar os desafios, em especial, de crianças pobres e com deficiências.

Sob a perspectiva de inovação, de forma equivocada, em muitas situações, o trabalho com projetos foi introduzido nas instituições sem a compreensão de alguns professores sobre seu conceito e significado para sua prática. Alguns depoimentos de professores de Educação Infantil apontam para esse impasse.<sup>1</sup>

Por exemplo, a professora Ilma, mesmo com prática de Trabalho com Projetos em uma escola particular, afirmou que nunca havia pensado em trabalhar com projeto na sua sala, numa

---

<sup>1</sup> Leitão (2011).

instituição pública municipal. Explicando, ela disse: “Eu tinha certeza de que nenhum pai iria ajudar nas pesquisas sobre o tema do projeto. A família mal aparece! O que diria participar de um projeto!”. Nesse exemplo, observamos que a professora condiciona o desenvolvimento do projeto à participação direta dos familiares com a pesquisa sobre a temática, como se o projeto para ser desenvolvido, precisasse, obrigatoriamente, da participação dos familiares, disponibilizando informações sobre a temática pesquisada.

Já a professora Maria afirmou:

A gente tinha uma semana para fazer uma investigação com as crianças. Para escolher um tema do projeto, a gente fazia tipo uma enquete, **lógico sem as crianças saberem** [grifo meu]. Tinha três professoras para duas turmas, e a gente fazia um rodízio: duas professoras ficavam nas salas, enquanto a terceira planejava e pesquisava sobre o tema do projeto. Também definia todo o 'como fazer'. Se o projeto fosse durar duas semanas, ela fazia o planejamento de uma semana, e a outra professora seguinte, do rodízio, terminava. Todas as salas trabalhavam o mesmo projeto e com as mesmas atividades.

Como último exemplo, temos a fala da professora Rosa: “Escolhi como tema do projeto os animais porque esse tema está previsto nos conteúdos da grade curricular e eu não posso fugir”. Nessa fala, constatamos que o Trabalho com Projetos está restrito aos conteúdos previstos para a turma, sendo utilizado, pois, para lhes dar uma “nova roupagem”.

Os exemplos apresentados mostram a existência de uma contradição teórica e metodológica envolvendo o desenvolvimento de projetos. Principalmente, porque não há o respeito ao princípio básico que sustenta o trabalho com projetos, que é a participação ativa e agente das crianças. Ao contrário, persiste a centralidade das ações nos adultos envolvidos, professores ou familiares. Outra contradição é o entendimento de que a temática do projeto precisa estar vinculada à grade curricular proposta, quando deveria surgir a partir do interesse da criança. Segundo Pacheco (2002), o projeto

possui sentido fora das “muralhas das disciplinas” e possibilita a aprendizagem de saberes integrados e problematizados, que tornam possível a aprendizagem significativa. Boutinet (2002) definiu tal abordagem sobre projetos como “um equívoco sobre a ação pedagógica”, apenas para suscitar alguma criatividade no programa oferecido às crianças. Esse estudioso aponta, ainda, essa confusão referente às motivações equivocadas e contraditórias para a utilização do trabalho com projetos, mas afirma que há um consenso de que trabalhar com projetos é uma ação positiva.

De fato, incluir o trabalho com projetos na prática pedagógica como forma de integrar e organizar as experiências no cotidiano constitui um avanço, pois, já inicialmente, demonstra inquietação do professor com sua ação pedagógica e a sua busca de um fazer diferente.

Para que o Trabalho com Projetos contribua para melhorar as condições de aprendizagem precisa vir acompanhado da compreensão do professor sobre seu real significado para sua ação em sala. É imprescindível, pois, repensar a prática pedagógica e as concepções que a embasam, com mudança de posicionamento com relação à concepção de aprendizagem e desenvolvimento da criança, mais especificamente sobre a agência e o protagonismo das crianças e a mediação do professor. A prática de desenvolver projetos com as crianças não se coaduna com a ação de um professor preso a práticas autoritárias e dono do saber.

No NDC CAp/UFC, a denominação utilizada é Trabalho com Projetos, concebido como uma alternativa de ensino-aprendizagem que, na perspectiva de John Dewey, envolve mais diretamente o professor e a criança em ações conjuntas para a integração e organização das experiências a serem vivenciadas no cotidiano na instituição.

### **Da escolha por trabalhar com projetos no NDC CAp/UFC**

Coerentes com os princípios teóricos e metodológicos da Proposta Pedagógica do NDC CAp/UFC, que apontam a criança e

suas interações como foco do planejamento das ações, a perspectiva de trabalho com projetos fundamenta-se nos estudos de John Dewey. Como foco, a criança é competente e agente de sua aprendizagem; desempenha papel ativo; é protagonista no planejamento e na vivência das experiências de apropriação do mundo e da cultura. São convicções que fundamentam nossa escolha pelo Trabalho com Projetos como possibilidade coerente de integrar e organizar as experiências no cotidiano das crianças.

Das ideias apresentadas nos estudos de Dewey relacionadas ao Trabalho com Projetos, destacamos a relação que ele estabelece da educação com a experiência. Para ele, educação, que é vida, é definida como “algo de fluente, embrionário e vital” (Dewey, 2002, p. 163), que pressupõe estado de inteireza com aquilo que está acontecendo e tem como característica a continuidade. Já a experiência é considerada uma forma de interação, ação dos corpos sobre os outros, numa modificação recíproca.

Uma experiência é o que é, porque uma transação está ocorrendo entre um indivíduo e o que, ao tempo, é o seu meio, podendo este consistir de pessoas com quem esteja conversando sobre certo tópico ou acontecimento, o assunto da conversa também constituindo parte da situação (Dewey, 1976, p. 36).

Contudo, Dewey refere-se não a qualquer experiência, mas ao que ele chamou de experiência educativa, que é a experiência reflexiva e inteligente, em que participa o pensamento, possibilitando a percepção de relações e continuidades antes não percebidas, o alargamento dos conhecimentos e o enriquecimento do espírito, dando maior significado à educação, portanto, à vida.

Dois princípios estão relacionados à experiência educativa: o princípio da continuidade e o da interação. O princípio da continuidade significa que as experiências passadas influenciam e modificam as experiências subsequentes. Esse princípio envolve a formação de atitudes emocionais, intelectuais e a sensibilidade frente às situações. O outro princípio, o da interação, considera de

forma igualitária os fatores da experiência, que são as condições objetivas e as condições internas.

Esse conceito de experiência encontra-se nos fundamentos do Trabalho com Projetos, pois trabalhar com projetos pressupõe uma situação de interatividade dos envolvidos, um processo sistemático de negociação e transação nos momentos de escolhas e definições das ações. Outro aspecto é a importância de se considerar as experiências vividas e os conhecimentos construídos por todos, reconhecendo que eles têm repercussão nas futuras ações. No caso dos projetos, os conhecimentos construídos ao longo de seu desenvolvimento, devido ao interesse, envolvimento e esforço das crianças, repercutem na ampliação de novos conhecimentos e no surgimento de outros questionamentos.

Segundo Dewey (1959), o projeto, para ser verdadeiramente educativo, precisa preencher algumas condições: ser interessante, significativo e provocar o “uso das emoções e dos desejos”; ter um valor intrínseco na vida de todos. Além disso, que o processo de busca da solução da situação problemática suscite novas curiosidades, uma “sede de novas informações”; e que tenha continuidade garantida pela conexão das etapas do processo investigativo. Para isso, seu tempo não deve ser previamente determinado, mas deve, sim, assegurar o cumprimento do plano de ação e do objetivo.

O desenvolvimento de projetos pedagógicos significa uma proposição de práticas pedagógicas participativas e democráticas com as crianças, em que o protagonismo se efetiva, por meio de escolhas e negociações, numa clara preocupação com seu interesse, motivação e esforço. Para Dewey (1998), os conceitos de interesse e esforço têm relação com o Trabalho com Projetos e se referem ao processo de desenvolvimento e aprendizagem. Ainda de acordo com esse autor, o verdadeiro desenvolvimento ocorre na experiência e por meio da experiência, sendo dependente da organização de um meio educativo que considere todos os envolvidos. Nesse meio, o professor precisa conhecer de que forma o educando aprende e se desenvolve e identificar seus interesses e

questões para, a partir disso, incentivar e estimular novas experiências. Aprender torna-se, assim, uma ação significativa, interessante, envolvente, que projeta a criança para além de seu desenvolvimento. Vida e aprendizagem são “fatos supremos” do processo educativo, isto é, vive-se aprendendo e o que se aprende se fixa no organismo e possibilita viver melhor.

O Trabalho com Projetos favorece aprendizagens de saberes, pois a criança aprende novas informações sobre objetos e pessoas; adquire competências, porque é incentivada a cooperar, a trabalhar em grupos, a descobrir as potencialidades do seu valor pessoal; aprende a utilizar instrumentos científicos de observação e coleta; de disposições; e desenvolve a capacidade de imaginar, prever, explicar, pesquisar e questionar. Além disso, a criança aprende a gostar de aprender e de sentir, pois aprende a aceitar os outros e a si mesma de forma positiva (Oliveira-Formosinho, 2002). Para Barbosa e Horn (2008, p. 87) “o trabalho com projetos estimula a aprendizagem do diálogo, da argumentação, do aprender a ouvir os outros, da construção coletiva da cooperação e da democracia”. Para Pacheco (2002, p. 24, 35), o trabalho com projetos diferencia-se de uma atividade qualquer:

[...] pela intencionalidade, sentido que possui, pela organização que pressupõe, pelo tempo de realização e pelos efeitos que produz [...] são vários os verbos que estão relacionados com o trabalho com projetos: perguntar, investigar, duvidar, fazer, realizar, avaliar, decidir, produzir e construir (*Ibidem*, p. 24, 25).

Na perspectiva de trabalho com projetos fundamentada na compreensão de criança como protagonista, o surgimento e o desenvolvimento de um projeto ocorrem a partir das questões e interesses das crianças, e seu planejamento acontece de forma coletiva. É, portanto, uma ação intencional que envolve todos e depende do tipo de problema, do tema e das experiências prévias de quem participa. Seu desenvolvimento “é feito concomitantemente com as ações e as atividades que vão sendo construídas” (Barbosa; Horn, 2008, p. 42) e se baseia, portanto, nas

questões, comentários e interesses das crianças, cabendo ao professor acolher e legitimar a sua curiosidade, valorizando e apoiando suas investigações.

Partindo dessa dinâmica, o trabalho com projetos não se desenvolve de forma generalizada, improvisada e rotineira, com o risco de cair no que Hernández (1998) denominou de “inércia didática”. Ao contrário, o processo deve ser criativo, inovador e formativo também para o professor. Construído na e pela ação, as decisões e os caminhos percorridos dependem da participação efetiva das crianças e dos professores.

Para Pacheco (2002), desenvolver projetos demanda tempo porque envolve negociações, diálogos, escuta, acolhimento, planejamento coletivo e seu desenvolvimento; inclui as etapas de coleta de dados com observações, experimentações, entrevistas, produções das crianças nas diferentes linguagens, registros das ações e produções e as socializações das descobertas realizadas, que farão parte das experiências de todos.

Em síntese, no desenvolvimento de trabalhos com projetos, a criança, a partir de suas experiências, sugere as questões a serem abordadas no projeto; busca informações e aprende a tratar e situar-se perante as informações; participa da elaboração e decisão de ação. O professor acolhe as questões das crianças; orienta-as ao exercício da observação, percepção, análise e criatividade; investe na criação de um clima de envolvimento e interesse; estuda e atualiza as informações sobre as temáticas; mantém o diálogo, contribuindo, assim, para a ampliação dos conhecimentos das crianças.

### **Da construção do conceito de Trabalho com Projetos no NDC CAp/UFC**

É importante destacar que a evolução do conceito de Trabalho com Projetos e sua efetivação na prática pedagógica desenvolvida no NDC expressam as marcas das vivências da equipe de profissionais deste Núcleo em diferentes “comunidades

aprendentes". Segundo Oliveira-Formosinho (2001), estas pressupõem um processo formativo de colaboração sistemático entre os profissionais que participam de interações, experimentações, reflexões e partilhas. Pressupõem, também, a construção de conhecimentos, competências e valores a partir das experiências desenvolvidas no contexto e nas situações de trabalho com as crianças. Denotam, ainda, o compromisso e a compreensão da equipe do NDC sobre a necessidade de transformar a prática pedagógica e, conseqüentemente, as experiências das crianças, tornando-as mais ricas e instigantes.

A história da produção de projetos no NDC testemunha, portanto, a consolidação da perspectiva defendida atualmente, com base nas ideias de John Dewey, em especial no destaque dado ao protagonismo da criança.

Desde o início, o interesse pelo Trabalho com Projetos justificou-se porque vislumbrávamos uma possibilidade real de tornar a prática mais significativa e interessante, em especial por suas características de inovação, que incluem a participação e ação dos envolvidos e a investigação conjunta, da professora e da criança.

O percurso de construção da proposta de Trabalho com Projetos no NDC caracteriza-se como uma caminhada em busca de transformar a prática pedagógica para contribuir com a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, considerando as mudanças teóricas e metodológicas ocorridas na nossa Proposta Pedagógica.

Se comparadas à forma mais atual de desenvolvimento e registro de projetos, algumas diferenças podem ser identificadas nos projetos desenvolvidos em épocas diferentes, ao longo dos primeiros trinta e quatro anos de existência do Núcleo, em especial os primeiros projetos desenvolvidos. Apontamos, como exemplo dessas diferenças em alguns desses projetos, a descrição e registro a partir da perspectiva da professora, centrada na sua ação em algumas etapas e atividades propostas, com pouca participação

ativa da criança, destacadamente, no planejamento e desenvolvimento do projeto.

Vale a pena evidenciar, que, desde a criação do NDC CAP/UFC, a Proposta Pedagógica, por se fundamentar na concepção de criança como sujeito agente e ativo, respeita e acolhe a participação da criança, apostando na escuta aos seus interesses e necessidades.

Nos primórdios da prática de desenvolver projetos no NDC CAP/UFC, a literatura sobre esse tema, escassa na época, subsidiava a equipe na tentativa de compreender os princípios envolvidos no desenvolvimento do trabalho com projetos. Dentre os aspectos mais destacados na bibliografia estudada, encontravam-se, por exemplo, o conceito de projeto e a apresentação das etapas de desenvolvimento, desde a etapa denominada detonador do projeto, com a escolha da temática a ser estudada, à sua finalização, definida como culminância. Também eram apresentadas as etapas da avaliação e da documentação, essas com menos destaque.

Com ênfase nas etapas, já desenvolvemos projetos em que sugerimos a temática a ser estudada, na certeza de que seria interessante para as crianças. Também definimos antecipadamente os objetivos do projeto e as atividades que seriam desenvolvidas para o estudo da temática escolhida e, por fim, privilegiamos a culminância, como a etapa na qual as crianças apresentariam para seus familiares ou demais crianças, os conhecimentos construídos. O acesso à ampliação bibliográfica sobre projetos e nossa prática reflexiva permanente ao desenvolver projetos com as crianças contribuíram para transformações importantes, em especial, com relação à participação das crianças.

É importante insistir no fato de que, no desenvolvimento de projetos na época e atualmente, o grande e permanente desafio da equipe foi e é incluir as crianças de fato no processo, respeitando-as como protagonistas em todas as etapas, não somente em atividades planejadas e sugeridas pela professora. Em outras palavras, considerá-las agentes ativos em todo o processo de

desenvolvimento de projetos que inclui: a escolha das questões a serem investigadas, o planejamento das estratégias para responder aos questionamentos, o desenvolvimento das experiências escolhidas e sua socialização.

Nesse sentido, consideramos que o mergulho nos argumentos teóricos propostos por Dewey foi fundamental porque possibilitou, por exemplo, compreender tanto a relação do projeto com o conceito de experiência, como a ação educativa a ser vivenciada pela criança, com seu esforço, motivação e empenho quanto a necessidade de reconhecer e incentivar o protagonismo da criança em todo o processo. Possibilitou ainda, construir a certeza de que o professor, para a identificação das questões e interesses das crianças, precisa observar suas ações e escutar o que dizem e propõem.

Ao integrar toda essa compreensão, atualmente, o desenvolvimento de projetos no NDC CAp/UFC inclui, portanto, planejamentos que buscam o movimento ou a dinâmica: As crianças, a partir das experiências, questionam, propõem estratégias, atuam e propõem outras experiências. As professoras, que observam, escutam e registram os interesses das crianças acolhem esses interesses e questões, oportunizando e ampliando as propostas das crianças. Portanto, os planejamentos ocorrem de forma coletiva, com as crianças e não para as crianças.

Na perspectiva dessa dinâmica de projeto apresentada, em que o seu surgimento e desenvolvimento ocorrem a partir das questões e dos interesses das crianças, o projeto não pode possuir uma estrutura única. Seu movimento não-linear descarta a predeterminação das etapas, e, por sua imprevisibilidade, não pode ser preconcebido.

Como ação intencional, é construído com a participação de todos, crianças e professores, com seus repertórios de experiências, na ação e pela ação, na escolha dos caminhos e nas decisões. Crianças com suas questões e professor valorizando a curiosidade e sustentando suas pesquisas. Como ação organizada, que prevê o envolvimento de todos, o trabalho com projetos não pode ser considerado nem desenvolvido como uma receita (Pacheco, 2002).

É essa dinâmica que possibilita compreender o rico percurso desenvolvido, no qual a participação da criança que é determinante para as experiências seguintes precisa ser garantida durante todo o processo.

A figura mostra como o interesse de uma criança em pintar folhas coletadas (início do projeto), compartilhado com outras crianças, se transforma em uma experiência de homenagem para uma galinha (final do projeto) que envolveu toda a Turma.

### A dinâmica do Trabalho com Projetos



Vamos pintar essas folhas?  
(Fernanda)



Uma homenagem para a galinha  
(Gabriel)



Em síntese, a realização de projetos nessa perspectiva, envolvendo a participação das crianças em todas as etapas, pressupõe a dinâmica destacada: as crianças, na vivência de suas experiências, questionam, propõem, atuam. A professora observa, escuta e registra seus interesses; acolhe, oportuniza e amplia as propostas das crianças.

## Referências

- BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BOUTINET, J. **A Antropologia do Projeto**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- CORTESÃO, L.; LEITE, C.; PACHECO, J. A. **Trabalhar por projetos em educação: Uma inovação interessante?** Porto Editora, LDA. Porto – Portugal, 2002.
- DEWEY, J. **Vida e Educação**. Trad. Anísio Teixeira. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- DEWEY, J. **Experiência e Educação**. Trad. Anísio Teixeira. São Paulo, Ed. Nacional, 1976.
- DEWEY, J. **A escola e a Sociedade e a criança e o Currículo**. Trad. Paulo Faria *et al.* [1ed. 1900] e [1ed. 1902]. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2002.
- HELM, J. H.; BENEKE, S. (org.) **O poder dos Projetos: novas estratégias e soluções para a educação infantil**. Trad. Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- HERNANDÈZ, F.; VENTURA, M. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- JOLIBERT, J. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda, 1994.
- JOLIBERT, J. *et al.* **Além dos muros da escola: a escrita como ponte entre alunos e comunidade**. Trad. Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- LALANDA, M. C.; ABRANTES, M. M. **O conceito de reflexão em John Dewey Manual de Portfólio**. Um guia passo a passo para o professor (Shores, 2001).
- KILPATRICK, W. **O método de projeto**. Viseu: São Paulo: Pretexto, 2006.
- LEITÃO, F. M. A. S. **O Trabalho com Projetos e o desenvolvimento profissional dos professores de Educação Infantil**. Tese Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Federal do Ceará, 2011.

- LEITE, L. H. A. **Pedagogia de Projetos intervenção no presente. Revista Presença Pedagógica**, v. 2, nº 8, março/abril, 1996.
- NOGUEIRA, N. R. **Pedagogia dos Projetos**. Uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das Múltiplas Inteligências. São Paulo: Érica, 2001.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. **Uma Pedagogia Participativa: Desenvolvendo a qualidade em parceria**. Estudos de caso. Direção-geral de inovação e de desenvolvimento curricular. Ministério da Educação. Lisboa Portugal, 2009. (Coleção Aprender em Companhia).
- PACHECO, J. A. **O Pensamento e a Ação do Professor**. Porto: Porto Editora, 1995.
- PINAZZA, M. **John Dewey: inspirações para uma pedagogia da infância**. In: DEWEY, J. **Vida e Educação**. Trad. Anísio Teixeira. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- PINAZZA, M. **Experiência e Educação**. Trad. Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1976.

## “QUEM ESTÁ BEBENDO O NÉCTAR DO PASSARINHO?”

Marcelle Arruda Cabral Costa

Este capítulo apresenta uma investigação realizada no âmbito do desenvolvimento do Projeto “Passarinhos do NDC”, empreendida por quinze crianças com idades entre três e quatro anos, com o apoio de duas professoras.<sup>1</sup> Contamos também com a participação significativa das famílias e da equipe de gestão do Núcleo de Desenvolvimento da Criança da Universidade Federal do Ceará. À medida em que foi vivida por crianças e professoras, a história do projeto foi construída coletivamente e teve início com o aparecimento de um ninho de rolinha, mostrado para nós pelo Sr. Tiquinho,<sup>2</sup> no pátio da instituição.

O ninho despertou o interesse das crianças sobre os pássaros que vivem nos arredores e visitam o NDC. Essa situação cotidiana convidou os olhares para o alto; despertou curiosidades e nos oportunizou ver, ouvir, observar e descobrir que os arredores da Unidade são lugares de morada de várias espécies de pássaros. Essas interações aguçaram a curiosidade das crianças e nos levaram a vários passeios para além dos muros do NDC, propiciando aventuras, desventuras e diversos percursos investigativos.

Aproximar as crianças da natureza e promover o desaparelhamento já fazem parte de nossa prática pedagógica e de nossa proposta institucional; dessa forma, o interesse das crianças pelos pássaros foi apenas um motivo a mais para explorar os arredores da Unidade. “Se brincar na natureza é um direito humano porque corresponde à necessidade de integridade do ser,

---

<sup>1</sup> Uma professora efetiva e uma pedagoga voluntária.

<sup>2</sup> Sr. Haroldo, carinhosamente chamado de senhor Tiquinho, funcionário vinculado à Unidade na ocasião.

esse direito se materializaria como acesso ao universo que está para além das paredes e dos muros escolares” (Tiriba, 2018, p. 5).

Passear pelo *campus* do Pici, avistar rolinhas, periquitos e bem-te-vis, ouvir e reconhecer seus sons, procurar seus ninhos, esperar pelos beija-flores, espreitar o gavião e, sobretudo, vivenciar a natureza, suas cores, seus sons, suas texturas e aromas foram experiências que rechearam nosso cotidiano, durante todo o ano. A resposta de Rafael a um amigo que o convidava a brincar: “*Não vou, estou ocupado olhando as árvores*”, dá uma ideia do encantamento das crianças nesses momentos. Buscamos viver “o cotidiano como o lugar do ritual, do repetitivo, mas que escuta o extraordinário que existe no dia a dia. O cotidiano é onde se aprende a ver a beleza das pequenas coisas” (Barbosa, 2013, p. 219).

É importante ressaltar que o desenvolvimento do trabalho com projetos no NDC se fundamenta na perspectiva adotada por John Dewey (1976), como um articulado de experiências educativas que respeita e acolhe os interesses das crianças; que é planejado com a participação delas e as envolve como uma totalidade, potencializando suas aprendizagens e desenvolvimento, valorizando a iniciativa e despertando sua curiosidade e criatividade. Nessa perspectiva, os trabalhos com projetos surgem no cotidiano, na relação intensa das crianças com o mundo que as cerca. Portanto, os projetos possuem, no seu planejamento e desenvolvimento, uma dinâmica própria que acolhe a imprevisibilidade e, por isso, não podem ser antecipadamente planejados.

O planejamento vai se realizando coletivamente sempre a partir da demanda dos interesses das crianças, em um movimento permanente, em que:

a) as crianças, a partir das experiências, atuam, questionam, observam, constroem hipóteses e teorias, propõem experiências.

b) as professoras buscam intencionalmente oportunizar, ampliar as propostas, questões, observações, investigações, apoiando e mediando novas experiências.

Nesse processo, a escuta interessada e sensível é primordial. Rinaldi (2010, p. 236) nos diz que em uma “pedagogia da escuta aprendemos o valor da aprendizagem que é coletiva, colaborativa e democrática”. Não é por acaso que Fochi e Carvalho (2017, p. 29) afirmam “o cotidiano como um importante catalisador de experiências”.

O interesse das crianças cresceu e se aprofundou a partir de circunstâncias cotidianas como a presença do ninho, a morte e o sepultamento de um periquito, o suposto ataque de um gavião a um ninho, penas encontradas no chão do parque, o som do bem-te-vi nos passeios pelo *campus*, entre outros, que motivaram curiosidades, hipóteses e desejos de investigar. Essa atuação das crianças desencadeou pesquisas e diversas situações intencionalmente planejadas e mediadas pelas professoras para ampliar as experiências das crianças. Esses movimentos constituíram episódios significativos, interligados pela continuidade que o interesse pelos pássaros possibilitou.

No entanto, um mistério se destacou em meio às experiências relacionadas aos pássaros, o qual nomeamos: “Quem bebeu o néctar do passarinho?”. Esse mistério desencadeou também outras situações decorrentes desta investigação que resultaram no recorte aqui compartilhado.

### **“Nós temos que descobrir!” (Lina)**

Após a descoberta do ninho, as crianças passaram a procurar pássaros pelo parque; essa busca suscitou muitas interações e diálogos, como o diálogo iniciado quando uma das crianças anuncia a presença de um passarinho no parque:

*Criança: Um passarinho!*

*Rafael: É um ovo de ninho.*

*Lara, quando vê, diz: Eu já fiz a comida! (pratinho com areia)*

*Professora: Vamos trazer água para ele?*

*Várias crianças correm para pegar água: Esther, Bianca, Letícia Ayumi e Leticia.*

*Esther: A gente pode pegar o almoço dele? Eu acho que ele almoça revista!*

*Leticia Ayumi: Meu cachorro come ração!*

*Professora: O que vocês acham que o passarinho come?*

*Lara: Areia.*

*Bianca: Eu acho que ele come minhoquinha.*

A partir desse interesse sobre o que os passarinhos comem, as crianças realizaram uma pesquisa sobre o assunto. Na apresentação das pesquisas aos amigos, algumas crianças, como André Felipe e Bianca, trouxeram pequenos vídeos para mostrar à turma; outras mostraram suas representações por meio de desenhos e imagens. Compartilharam com os colegas suas descobertas: Layon: (O tucano) “*come frutas e lagarta. Come ovos de outros pássaros. O bico dos tucanos é grande e forte*”; Esther apresentando o desenho: “*Eu fiz o biquinho do passarinho. Um ninho. (O néctar) é onde ele (passarinho) vinha almoçar*”; Analice: “*Eu pesquisei os passarinhos da escola. Eles comem florzinhas*”.

Diante do interesse crescente das crianças pelos passarinhos, as professoras resolveram levar para o NDC um néctar artificial (comprado em *pet shops*) para atrair mais pássaros para o entorno da sala de atividades das crianças. Logo nas primeiras preparações do néctar, as professoras convidaram as crianças e todo o grupo participava da atividade. As professoras liam o modo de preparo e as crianças ajudavam separando a quantidade de água, colocando as colheres com o pó de preparo do néctar e, principalmente, mexendo bem. Todas queriam mexer um pouquinho para realizar a mistura.

Inicialmente, convidamos todo o grupo na hora de preparar o néctar. Depois, resolvemos observar se as crianças se lembravam, se interessavam e pediam para realizar a preparação. O trabalho em pequenos grupos, guiado pelos interesses das crianças, se mostrou adequado, produtivo e um aliado das professoras, pois íamos percebendo aos poucos, observando conversas, brincadeiras e grupos que se interessavam em preparar o néctar. Ao mesmo tempo, esse preparo oportunizou que as crianças se engajassem em diferentes atividades, conforme seu maior interesse no momento.

**Imagens 1 a 5: Crianças em atividades no pátio da escola.**



1. Preparação do néctar em grupo.



2. Pai da Leticia ensina a cuidar dos bebedouros.



3. Analice preparando o néctar.



4. Esther coletando água.



5. Esther e Bianca cuidando dos bebedouros.

Fonte: Acervo do Projeto.

Iniciamos, então, um período de grande expectativa! Professoras e crianças prepararam um espaço privilegiado, o observatório! (um móvel junto à janela no qual as crianças subiam para observar melhor e dispunham de câmeras fotográficas e binóculos de brinquedo). Para observar e esperar os pássaros, muitas vezes, as crianças pediam silêncio umas às outras, com

receio de que os barulhos afastassem os passarinhos. Também se escondiam atrás das árvores para observar. “Será que eles vêm?” Era a principal pergunta do grupo.

*Lara: Vou me esconder para ver o passarinho.*

*Professora: O que vocês estão fazendo aí?*

*Rafael: Tomo escondido.*

*Professora: Para quê?*

*Leticia: Para ver o passarinho.*

**Imagens 6 a 9:** Crianças observando os pássaros.



6. Rafael, Leticia, Luiz Fernando e Esther esperam os beija-flores.



7. Layon observa com o binóculo de brinquedo e espera os beija-flores.



8. Lara e Layon se escondem esperando os beija-flores.



9. Leticia coloca sua filha boneca na janela esperando os beija-flores chegarem.

Fonte: Acervo do Projeto.

Dessa maneira, foi com grande alegria e emoção que as crianças presenciaram um beija-flor visitando o parque da escola

pela primeira vez, fato que foi registrado por algumas crianças por meio de desenho.

Observando os pássaros e cuidando dos bebedouros, começamos a perceber que o néctar estava acabando cada vez mais rápido, ainda que, algumas vezes, o líquido de um bebedouro acabasse mais rápido do que o outro. Sempre aproveitamos para fazer comparações com as crianças e conversar sobre o que estaria acontecendo. Lina Maria: *O bebedouro tá seco, o passarinho tomou tudinho.*

Certo dia, ao sair mais tarde do NDC, uma das professoras percebeu que os bebedouros estavam com bastante néctar. Começamos a desconfiar que algum outro bicho poderia estar bebendo também. Resolvemos, então, partilhar com as crianças a observação e instigar a curiosidade e as hipóteses sobre o que estaria acontecendo. Foi o início do mistério: “Quem está bebendo o néctar dos passarinhos?”

As professoras, então, conversaram com as crianças sobre a situação de o néctar estar sumindo, muito possivelmente durante a noite:

*Professora: Gente, ontem eu saí daqui quase de noite e ainda tinha muito néctar. Eu acho que não é o passarinho que está bebendo o néctar. Quem será?*

*Analice: É o mosquito.*

*Lara: É uma bruxa.*

*Professora: Será?*

*Bianca: Eu acho que é um grilo.*

*A professora conversa com André e Pedro Afonso.*

*Professora: Quem será?*

*Pedro Afonso: Eu acho que foi uma borboleta.*

*André: O tucano não foi. Porque o tucano não toma néctar.*

*Professora: Quem será que foi? O Pedro Afonso acha que foi a borboleta. Será?*

*André: Não foi o passarinho.*

*Professora: Vamos descobrir?*

*Rogério: Foi o sapo. Leticia concorda: Foi o sapo.*

*Professora: Ele alcança?*

*Lina Maria: Ele pula.*

*Rogério brincando e rindo: Foi o Rafael.*

*Rafael ia passando e diz: Eu não, foi o passarinho.*

*Leticia: Eu não sei quem foi.*

*Leticia Ayumi: Foi um lobo mau.*

*Lívia: Foi um monstro.*

*Lina Maria: Temos que descobrir de noite.*

*Layon: Foi a formiga, não foi um dinossauro!*

*Rafael: Dragão.*

*Luiz Fernando: O dragão voou e a bruxa ficou com medo. Foi o beija-flor.*

*Professora: Mas se ele (passarinho) dorme a noite?*

*Luiz Fernando: Foi ele que bebeu tudo. Foi o passarinho.*

*Bianca: O grilo veio à noite e bebeu o néctar.*

*Esther: O passarinho bebeu o néctar todo e o dinossauro o pegou.*

*Lina Maria: Eu acho que a gente tem que vir de noite para descobrir.*

Destaca-se assim, uma abordagem, na qual a importância do inesperado e imprevisto é reconhecida como forma de a criança participar do processo, possibilitando experiências e processos compartilhados com os/as professores/as, as crianças e as famílias. Nesta perspectiva, cabe aos adultos (família e professoras) não simplesmente satisfazer ou responder as perguntas, mas favorecer para que as crianças descubram as diferentes e variadas respostas e, mais importante ainda, favorecer para que indaguem a si mesmas e para que construam questões relevantes (Finco; Barbosa; Faria, 2015, p. 10-11).

**Imagem 10:** Comissão reivindicando vir à noite para descobrir o mistério.



Fonte: Acervo do projeto.

A partir dessa ideia de Lina Maria, um grupo representativo da turma foi até a sala da Diretora Fátima Saboia pedir autorização para vir até o Núcleo, no turno da noite, para investigar. Lina

Maria, Lara, Letícia Ayumi, Analice e Esther tiveram com a diretora a seguinte conversa:

*Professora: Essas crianças querem falar com a diretora.*

*Lara: A gente vem à noite saber quem tá bebendo o néctar do passarinho.*

*Fátima Saboia: Como é que vocês vêm para cá de noite? Aqui tá tudo escuro, minha gente.*

*Lina Maria: De lanterna.*

*Fátima Saboia: Vocês vêm de lanterna? Vocês querem dormir aqui, é? Crianças: Não.*

*Professora: Não é para dormir, é só passar um tempinho.*

*Fátima Saboia: A mãe de vocês vai deixar?*

*Letícia Ayumi: Vai. Minha mãe vai comprar uma lanterna rosa.*

*Lina Maria: Os adultos vão vir aqui.*

*Fátima Saboia: Ah, vêm os adultos e as crianças. Vêm pesquisar o quê mesmo?*

*Lina Maria: Não é pesquisar, não.*

*Fátima Saboia: Ah, não? É estudar o quê?*

*Lina, Lara e Letícia Ayumi, ao mesmo tempo: Nada!*

*Fátima Saboia: E o que vocês vêm fazer aqui? É passear, é?*

*Lara: Não!*

*Fátima Saboia: O que vocês vêm fazer?*

*Lara: A gente vem ver o néctar do passarinho.*

*Lina: Não foi o passarinho que bebeu à noite.*

*Fátima Saboia: Quer dizer que o passarinho não bebe à noite, o néctar?*

*Lina: Não, ele dorme.*

*E as crianças fazem um gesto de dormir inclinando a cabeça com as mãozinhas juntas [...].*

*Fátima Saboia: Vocês têm coragem de vir para cá à noite? Tem Esther?*

*Esther balança a cabeça afirmativamente.*

*Lina Maria: Eu tenho. Analice: Eu tenho.*

*Lara: Eu tenho medo de lobo mau. Analice: Eu tenho medo de bruxa.*

*A professora explica para a diretora que as crianças estão levantando hipóteses sobre quem bebeu o néctar dos passarinhos e que algumas crianças acham que pode ter sido o lobo mau ou a bruxa.*

*Fátima Saboia: Quem é que está bebendo o néctar à noite?*

*Letícia Ayumi: É um mistério.*

*Analice: É um mosquito.*

*Fátima Saboia: Será que é o mosquito da dengue?*

*As crianças riem!*

*Fátima Saboia: Eu vou falar com o segurança, vocês vão falar com os pais de vocês, vão mandar um bilhete... (perguntando) vocês (pais) podem vir de noite para cá?*

Conforme o combinado, as meninas da comissão contaram aos amigos que fariam um bilhete convidando as famílias para virem à noite no Núcleo para descobrir o mistério. O bilhete foi construído coletivamente e as professoras foram escribas, as crianças assinaram, construindo conhecimentos sobre a escrita, inclusive de seus nomes, de maneira contextualizada e significativa.

#### BILHETE

MAMÃE E PAPAI,  
NÓS QUEREMOS VIR NA ESCOLA À NOITE PARA DESCOBRIR QUAL O BICHO QUE ESTÁ BEBENDO O NÉCTAR DO PASSARINHO, SÓ QUANDO FICA DE NOITE DÁ PRA VER. ENTÃO, CONVIDAMOS VOCÊ: SEGUNDA-FEIRA (25/04), ÀS 5 E MEIA (17h30min), VAMOS INVESTIGAR QUEM ESTÁ BEBENDO O NÉCTAR DO PASSARINHO. PODEMOS TRAZER LANTERNAS E VAMOS VIR DEVAGARINHO, SEM FAZER BARULHO.

CRIANÇAS DO INFANTIL 3B

Nos dias que antecederam o evento da investigação, as crianças ficaram muito animadas e a todo o momento falavam que viriam à noite para descobrir o mistério do néctar. No tão esperado dia, dez das quinze crianças que compunham a turma vieram com suas famílias, algumas com pais e irmãos, para investigar o mistério. Muitas trouxeram lanternas e chegaram ao final da tarde no NDC.

**Imagens 11 a 15:** Crianças e famílias foram à noite investigar o mistério.





Fonte: Acervo do Projeto.

À medida que foi escurecendo, algumas chamaram pelas mães, receosas que aparecesse uma bruxa ou lobo mau para tomar o néctar. O clima de suspense e expectativa dominou a noite. De repente, começaram a chegar os bebedores de néctar noturnos causando grande alvoroço entre as crianças.

Eles eram muito rápidos e as crianças custaram um pouco a identificá-los. No entanto, quase ao mesmo tempo, Rafael e Leticia perceberam e denunciaram que quem estava bebendo o néctar dos passarinhos, eram os morcegos. Esse se configurou um momento especial, repleto de curiosidade investigativa, animação e alegria! Foi tão significativo para as crianças, que se referiram ao evento durante todo o ano letivo. A maciça participação das famílias reforçou ainda mais a parceria família e instituição em prol dos interesses das crianças, com o compartilhamento empolgado no

grupo de *Whatsapp*, de fotos, vídeos e impressões sobre a experiência.

No dia seguinte, as crianças que participaram da investigação noturna contaram para os amigos que não puderam participar, que o bicho misterioso era o morcego. Assim que chegavam, iam logo conversando sobre o assunto. Quando contaram a novidade, Letícia Ayumi revelou: *Minha mãe já me contou*. Ela viu o *Whatsapp*, mostrando que mesmo sem poder estar presente fisicamente acompanhou toda a aventura compartilhada no grupo.

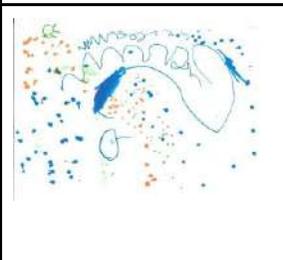
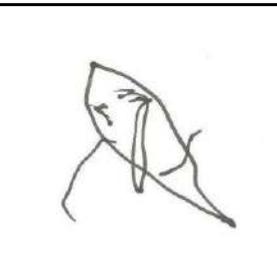
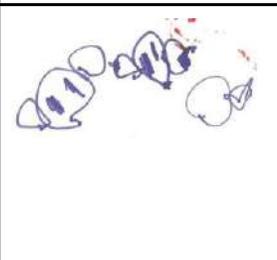
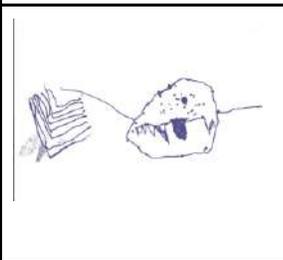
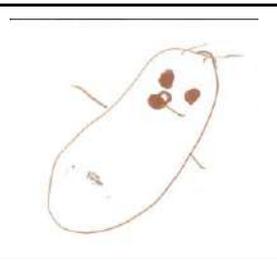
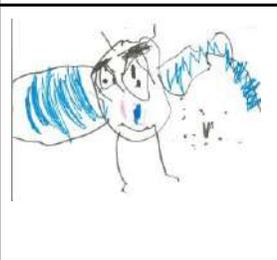
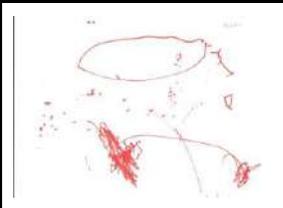
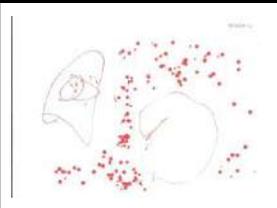
Convidamos as crianças para construir um texto coletivo sobre a aventura vivenciada pelo grupo:

ONTEM A GENTE VEIO PARA A ESCOLA À NOITE E TROUXEMOS LANTERNAS. QUANDO CHEGAMOS, ESTAVA DE TARDE, DEPOIS FICOU ESCURO. VIEMOS PARA INVESTIGAR QUEM ESTÁ BEBENDO O NÉCTAR DO PASSARINHO.

DESCOBRIMOS QUE O BICHO MISTERIOSO É O MORCEGO. GOSTAMOS DOS MORCEGUINHOS QUE RIEM E BEBEM NÉCTAR. O PAI DA LETICIA FOI CORAJOSO, E O MORCEGO É QUE TEM MEDO DELE.

NÓS FICAMOS ALEGRES E NÓS GOSTAMOS PORQUE O PAPAÍ E A MAMÃE TROUXERAM A GENTE PARA DESCOBRIR O MISTÉRIO. AGORA QUEREMOS SABER SE O MORCEGO TEM BICO, PENAS E SE É PASSARINHO.

As crianças também desenharam os morcegos com empolgação e dedicação, mais um indicativo do quanto a experiência foi significativa para elas.

		
Analice - Morcego	André - Morcego tomando banho	Bianca - Morcegos voando
		
Lara - Morcegos no mar	Layon - Morcego bebendo néctar	Letícia Ayumi - Morcegos voando
		
Leticia - Morcego	Lívia - Morcego	Lina Maria - Morcego
		
Pedro Afonso - Morcego	Rafael - Morcego bebendo néctar	Rogério - Morcego

Oportunizando a continuidade das investigações expressas no texto coletivo, as crianças realizaram pesquisas sobre o corpo dos morcegos e pássaros, dando continuidade às questões levantadas após a solução do mistério do néctar. As crianças exploraram cartazes com a anatomia do morcego e do beija-flor, fazendo comparações e encontrando diferenças entre os animais e tendo várias conversas sobre o assunto.

*Professora: Como é o corpo do Morcego?*

*Lara: Igual o nosso. Letícia: É preto.*

*Lara: E ele tem asas.*

*Lina: Ele bebe de cabeça para baixo.*

*Professora: E como ele bebe?*

*Lara: Ele enfia a boca.*

*Lívia: Ele voa como a borboleta.*

*Lara: Eu vi a boca do morcego.*

*Rogério: Eu não vi. Ele voa muito rápido. Eu acho que ele tem bico.*

*Pedro Afonso: Ele tem bigode... Ele é feio.*

*Letícia: Ele tem focinho.*

A partir da exploração da anatomia, construímos com as crianças duas listas com características dos morcegos e beija-flores. As tarjetas com imagens e palavras, elaboradas a partir da lista feita pelas crianças sobre as características do morcego, complementam os cartazes em um mural simples.

MORCEGO – ASA E PELOS, BOCA/FOCINHO, NOITE, DORME DE CABEÇA PARA BAIXO, TEM ORELHAS.

BEIJA-FLOR – ASA E PENAS, BICO, DIA.

Após a resolução do mistério, o interesse das crianças pelos pássaros continuou. Sempre atentas observando, vendo, ouvindo e descobrindo sobre os pássaros que vivem em nosso entorno. Começaram então a acompanhar a construção de um ninho feito por um casal de rolinhas em uma coluna, em frente à nossa sala de atividades. A funcionária Eci foi uma colaboradora muito importante, pois quase todos os dias nos dava notícias das rolinhas,

que, muitas vezes, se ausentavam do ninho, nos momentos de atividades nas salas. Acreditamos que por conta do intenso movimento. Outras investigações também foram desencadeadas por esse interesse pelo ninho e foi mais ou menos nesse período que descobrimos que o néctar artificial, que estávamos disponibilizando para os beija-flores, era prejudicial à natureza.

### **“Isso não é nada bom para a natureza!” (Rafael)**

No início, não sabíamos que o néctar artificial era prejudicial para a natureza. Quando soubemos, decidimos convidar um profissional da área da Biologia para conversar com as crianças. Lucélia, a mãe de Lina Maria, nos recomendou a bióloga Amanda Rodrigues. Amanda visitou o NDC e conversou com as professoras sobre o Projeto e as demandas da turma e marcamos a visita de Amanda ao NDC, para conversar com as crianças.

Quando a professora avisou que iríamos ter a visita de uma bióloga ao NDC, perguntou se as crianças sabiam o que uma bióloga faz. Rodrigo, primo de Bianca que visitava a Unidade naquele dia, respondeu: *Ela estuda os animais*. Professora: *Que legal, Rodrigo. Que animais será que ela gosta de estudar?* As crianças levantaram várias hipóteses: Leão, macaco, dragão, dinossauro, até que Lina perguntou: *Será que o passarinho também?* E Bianca apostou: *É beija-flor!*

Perguntamos então se as crianças queriam fazer perguntas para a bióloga quando ela chegasse. Entre outras perguntas as crianças fizeram essas: Layon: *Por que o gavião come passarinhos bebês, no ninho?*; Rodrigo: *Por que o beija-flor pega mel das flores?*; Esther também levantou uma questão: *Por que o beija-flor fica no ninho?* Mas Layon logo respondeu: *Para botar os ovos.* E Lina Maria complementou: *E manter os ovos seguros.*

Apresentamos a Bióloga Amanda para as crianças, que confirmou serem os pássaros, seus animais preferidos. Amanda levou objetos importantes para quem deseja estudar os pássaros, dentro de uma caixa surpresa. E iniciou a conversa com as crianças:

**Imagem 16:** Visita da bióloga Amanda.



Fonte: Acervo do Projeto.

*Amanda: Para poder estudar passarinhos a gente tem que ter algumas coisas para poder estudar eles melhor. A gente tem um bocado de livros que tem um bocado de passarinhos dentro, olha! (Amanda mostrou os livros) todos esses passarinhos que vocês falaram aqui estão nesse livro. Aqui diz como é a cor dele, como é o canto dele, como é várias coisas dele.*

*Lina Maria cantou: bem-te-vi*

*Amanda: Isso mesmo, esse (canto) aí, é de qual (passarinho)?*

*Lina: Bem-te-vi [...].*

*Amanda: Eu trouxe dois livros para vocês verem tá bom?*

As crianças exploraram os livros, encontrando imagens dos pássaros que vinham observando e investigando, como a rolinha, o beija-flor e o gavião.

*Layon: É o mesmo bicho que tem ali, apontando para a imagem do pássaro do Cantinho do projeto.*

*Bianca: Eu vi um passarinho azul!*

*Layon: Tem gavião?*

*Professora: Será que tem gavião?*

Quando encontramos o gavião no livro, Layon imitou o grito do gavião. As crianças se interessaram bastante pelos livros e umas que não estavam conseguindo ver bem reclamaram: *ô, a gente quer ver!* Quando Amanda teve que guardar seus livros, Pedro e André

ficaram muito aborrecidos porque não queriam parar de explorar os livros.

**Imagem 17:** Pedro Afonso, André e Layon explorando o livro de Amanda.



Fonte: Acervo do Projeto.

A professora então propôs que as crianças solicitassem a compra desses livros para o Núcleo. André, muito chateado, disse: *eu não quero*, mas Pedro Afonso afirmou: *eu quero*. Amanda ainda mostrou outro acessório muito importante para os estudiosos dos pássaros, o binóculo e combinou que após as perguntas das crianças, iríamos para o parque observar os pássaros com o binóculo.

As crianças então fizeram perguntas, como a de Layon:

*Layon: Por que o gavião come outros passarinhos bebês e sai sangue?*

*Amanda: Olha o gavião está dentro de um grupo de aves que a gente chama aves de rapina que está junto com a águia, está junto com a harpia, que são os pássaros enormes que têm uns bicos bem afiados e as garras bem afiadas. Eles comem carne, então, eles vão procurar outros passarinhos para comer, eles vão procurar lagarto, eles vão procurar cobra, eles vão procurar macaco. Tem uma ave que ela é tão grande, tão grande, lá na Amazônia, que ela come até preguiça. Ela pega a preguiça na árvore e vai se alimentar.*

*Lara: É o gavião?*

*Amanda: É a harpia. Ela é parente do gavião, é bem parecida com ele.*

*André: Ah, sim! O gavião é o bicho mais enorme.*

*Professora: Você acha André? Vamos perguntar para Amanda se existe ave de rapina maior que o gavião?*

*Layon aponta para a imagem: Tá ali, gavião.*

*Amanda: Tem sim, tem a harpia, aquela que eu falei para vocês.*

*Layon: Que é que ela come?*

*Amanda: Ela come bichos bem grandes.*

*Bianca: Amanda, a professora Lina já viu uma ave bem grande.*

*Amanda: Foi? Qual é a ave?*

*Bianca: A harpia [...].*

Um dos objetivos mais importantes da visita de Amanda era esclarecer que o néctar artificial é inadequado para a natureza. E a questão de Rodrigo, primo de Bianca, foi justamente sobre a alimentação dos beija-flores:

*Rodrigo: [...] Por que o beija-flor pega mel das flores?*

*As professoras pediram a atenção das crianças: Com licença gente, Amanda vai contar uma coisa muito importante sobre o beija-flor. Amanda: Na verdade, o alimento natural do beija-flor na natureza não é um mel, ele se alimenta do que a gente chama de néctar. Néctar é uma substância que fica dentro da flor, é uma substância muito nutritiva.*

*Lara interrompeu Amanda e disse: Aconteceu uma coisa muito misteriosa, sabe quem toma néctar? O morcego.*

*A professora explicou para Amanda: É porque aconteceu um mistério aqui, a gente tinha um néctar, mas não era o da flor, o néctar começou a acabar e não eram os passarinhos que tomavam o néctar; era um mistério.*

*Lara pegou embalagens do Néctar para mostrar a Amanda.*

*Analice: É muito misterioso.*

*Amanda: O beija-flor o alimento natural dele na natureza é o néctar das flores e às vezes os morcegos também podem tomar o néctar das flores. Por isso que quando vocês colocaram água com o néctar, esse daqui que não é da flor, pro beija-flor, acabou que o morcego foi também. Porque eles comem a mesma coisa. Mas, às vezes, não faz bem a gente dar esse néctar da caixinha rosa para o beija-flor, porque aquilo pode fazer mal para ele.*

*Professora: Então, não é legal?*

*Amanda: Não, não é legal colocar isso. Sabe o que é que é legal para gente colocar para que o beija-flor possa vir? A gente pode plantar várias florzinhas e eles vão vir para cá tomar esse néctar.*

*Professora: Amanda, e o que pode acontecer quando o beija-flor toma esse néctar da caixinha?*

*Amanda: Às vezes, pode não fazer bem para ele e não é correto a gente colocar um alimento a mais, que não é da natureza daquele local, porque isso vai mexer no equilíbrio da natureza. Porque aí várias coisas ruins podem acontecer.*

*Professora: Crianças vocês sabiam que era ruim a gente botar esse néctar para o beija-flor?*

*André, Lina e Lara: Não.*

*Professora: E agora?*

*Amanda: A gente pode colocar várias florzinhas.*

*Lara pergunta surpresa: Aqui dentro da sala?*

*Amanda: Não, lá fora.*

*Professora: Vocês querem colocar flores para os beija-flores? Crianças: Sim!*

*Professora: Quando o beija-flor vai tomar o néctar na flor, vocês sabem o que acontece? Ele leva o quê no biquinho dele, vocês sabem?*

*André: Néctar.*

*Professora: Ele leva sementinhas que vão plantar flores em outros lugares. Quando ele bebe esse néctar da caixinha, ele enche a barriguinha e nem ajuda a espalhar sementes.*

*Professora: É legal, gente, o beija-flor pegar o néctar das flores e levar sementinhas ajudando a natureza? Sim, responderam algumas crianças.*

*Professora: Vocês querem pegar florezinhas para os beija-flores? Lina: Mas nós vamos precisar de um regador para regar.*

*Bianca: Eu quero dizer uma coisa, a minha vovó Luiza tem um regador.*

*Lara: Eu tenho um regador também.*

*Professora: A Amanda ontem falou essa surpresa para a gente, que não era legal colocar o néctar. Aí, a professora Lina e a professora Marcelle foram pegar algumas flores para substituir se vocês quisessem, vocês querem?*

*Lina: Sim, agora!*

*Professora: Pois vamos cuidar das flores?*

*Lara: Tem aguador aqui?*

*Professora: Tem sim.*

*As crianças pegaram as flores e levaram para o parque.*

*Professora: Então, vamos substituir aquele néctar ali que não é legal. Vamos tirar o néctar e botar as flores? Amanda substituiu o néctar pelas flores.*

*Professora: Depois nós vamos ficar observando para ver se os beija-flores vêm para cá.*

A aventura do mistério sobre “quem está bebendo o néctar do passarinho?”, esteve bastante presente nas narrativas cotidianas das crianças, por ter sido extremamente significativo para elas. O episódio, que teve um desfecho favorável aos cuidados ambientais, teve a narrativa das crianças transformada em um livro de

Literatura Infantil, com texto, ilustração e arte da capa produzidos pelas próprias crianças e organizado pelas professoras. O livro foi nomeado pelas crianças: “Mistério no NDC”; em seu reconto coletivo, as crianças afirmaram que “... não pode botar o néctar para o Beija-flor porque ele pode passar mal e doer a barriga dele. E isso não é nada bom para a natureza”. O livro foi contado e recontado muitas vezes por nós, professoras e crianças, encantadas e empolgadas com as experiências que vivemos.

### **Epílogo: Os pássaros continuam aqui....**

O percurso do Projeto “Passarinhos do NDC” foi norteado pelos interesses das crianças e ancorado em interações e brincadeiras, visando contribuir para o desenvolvimento integral das crianças e ampliação do repertório de conhecimento, a partir de experiências diversificadas.

As experiências vivenciadas no Projeto perpassam todas as experiências fundamentais previstas na Proposta Pedagógica do NDC, elaborada com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI; 2010). As crianças narraram, investigaram, observaram, conheceram, questionaram, opinaram, votaram, escolheram, decidiram, declamaram, cantaram, pintaram, desenharam, leram e produziram textos, utilizaram scanner, fotografaram, contaram, colecionaram, jogaram, brincaram, construíram, plantaram, regaram, contemplaram a natureza, enfim, ampliaram seu desenvolvimento nos mais diversos aspectos e seus conhecimentos nas mais diversas áreas.

É importante destacar que as experiências foram desenvolvidas a partir de uma intencionalidade pedagógica comprometida com a significatividade dos processos, especialmente para as crianças, o que implica uma escuta atenta e interessada e reflexão permanente sobre nosso papel como professoras. Tendo vivenciado uma educação produtivista na infância e adolescência, e muitas vezes ainda na vida adulta, é perigoso cair na armadilha da pressa, da produtividade, da

fragmentação do tempo e esvaziamento dos sentidos. Compartilhar a vida e os sentidos é experienciar, na perspectiva de Dewey. Barbosa nos lembra, ainda, que a vida coletiva compartilhada e a democracia caminham de mãos dadas:

Será no exercício compartilhado da vida coletiva que as crianças, efetivamente, irão socializar-se, aprender a conviver, confrontar, discutir, procurar soluções com seus pares e o apoio dos adultos. A democracia, mais que uma forma de governo ou um modo de vida social, é uma estruturação simbólica do ser em comum, de uma vida coletiva, aprendida no cotidiano (Barbosa, 2013, p. 219).

Nos últimos dias, o interesse das crianças pelos pássaros estava vivo e perceptível, expresso em suas falas: *“Quando eu brinquei eu vi um beija-flor perto do portão da minha casa”* (Analice); *“Da minha varanda eu vi cinco passarinhos o beija-flor o bem-te-vi o periquito o gavião e a rolinha”* (André); *“Eu encontrei o bem-te-vi”* (Esther); *“Professora, quando eu vim para cá hoje eu ouvi o canto da rolinha”* (Layon); *“Professora Lina, como a gente vai ver os passarinhos com o nosso observatório tampado? Meu aniversário vai ser amanhã e vai ser de passarinhos”* (Lina). Para completar, como um presente, nos últimos dias, aos poucos, os beija-flores foram aparecendo para se alimentar nas flores.

É gratificante a aventura de investigar, descobrir, conhecer com as crianças porque elas nos desafiam, a cada dia, a nos tornarmos professoras mais comprometidas não apenas com o desenvolvimento e aprendizagem de cada uma delas, mas, como diria Barbosa (2013) em *“viver juntos uma vida digna, justa e alegre”*.

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

- BARBOSA, M. C. S. Tempo e Cotidiano: tempos para viver a infância. **Leitura: Teoria & Prática**, v. 31, p. 213-222, 2013.
- DEWEY, J. **Vida e Educação**. Trad. Anísio Teixeira. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- DEWEY, J. **Experiência e Educação**. Trad. Anísio Teixeira. São Paulo, Ed. Nacional, 1976.
- FOCHI, P. S. *et al.* Pedagogia do cotidiano: reivindicações do currículo para a formação de professores. **Revista em Aberto**, INEP, v. 30, p. 23-42, 2017.
- FINCO, D. *et al.* (org.). Campos de experiências na escola da infância: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro. **Leitura Crítica**, Campinas, v. 1, 2015.
- RINALDI, C. A pedagogia da Escuta: a perspectiva da escuta em Reggio Emília. *In*: EDWARDS, C. *et al.* **As cem linguagens da criança**: a experiência de Reggio Emília em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016.
- TIRIBA, L. Prefácio. **Desemparedamento da infância**: A Escola como lugar de encontro com a Natureza. 2 ed. Rio de Janeiro, 2018. (Criança e Natureza e Instituto Alana).

## CRIANÇAS FAZENDO ARTE COM LÁPIS, PAPEL, COLA, TINTA, PINCEL E *GLITTER*

Maria Auricélia da Silva

### **Para início de conversa...**

O “Projeto Crianças fazendo arte com lápis, papel, cola, tinta, pincel e *glitter*” foi desenvolvido pela Turma Infantil 5B (treze crianças de cinco anos), ao longo de um ano letivo, no Núcleo de Desenvolvimento da Criança, da Universidade Federal do Ceará (NDC/UFC). As crianças foram acompanhadas pela professora e um bolsista de Extensão, com o apoio dos familiares e da gestão escolar. A temática e os caminhos percorridos foram escolhidos pelas crianças e planejados com elas, com atenção especial aos seus interesses e à integração dos aspectos cognitivo, emocional, psicomotor e psicossocial.

Durante a realização das experiências, priorizamos os aspectos lúdicos e as interações, eixos fundantes das práticas pedagógicas na Educação Infantil, conforme estão apresentados na Proposta Pedagógica do NDC, como recomendam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), elaboradas pelo Ministério da Educação e Cultura (Brasil, 2010) e da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). Participamos de muitas experiências divertidas e desafiadoras: rodas de conversa; pesquisas; passeios culturais; desenho; pintura; “recortagem”; colagem; fotografia; isogravura, dentre outras.

Buscamos garantir os Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento das crianças, quais sejam: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e se conhecer e identificamos as experiências relacionadas nos Agrupamentos 1 e 2 da Proposta Pedagógica do NDC, que incorporam os cinco Campos de Experiência discutidos na Base Nacional Comum Curricular –

BNCC (Brasil, 2018): o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

O Campo de Experiências intitulado Traços, sons, cores e formas recomenda que as crianças devem “conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar (Brasil, 2018, p. 37). O referido documento cita experiências como pintura, modelagem, colagem, fotografia, música, teatro, dança e outras que podem contribuir com a aprendizagem e desenvolvimento infantil. Assim, neste Projeto, as experiências vivenciadas, a partir dos interesses das crianças, contribuíram para o desenvolvimento da sua criatividade e do senso ético e estético.

As famílias participaram de todos os momentos, apoiando as crianças na realização de pesquisas, na produção de experiências artísticas individuais e coletivas, que envolveram as crianças e seus familiares, além de visitarem as exposições das suas produções realizadas ao longo do ano. Desse modo, os familiares e os educadores agiram como parceiros na missão de cuidar das crianças e educá-las.

As vivências das crianças, durante o desenvolvimento do “Projeto Crianças fazendo arte com lápis, papel, cola, tinta, pincel e *glitter*”, estão expressas em forma de diálogos, representações e produções, registradas em textos, fotografias e demais atividades produzidas.

As narrativas contidas, neste trabalho, constituem a primeira etapa do Projeto, vivenciado nos meses de abril a junho, acerca das produções intituladas pelas crianças de *Recortagem e Colagem*. Quando as crianças retornaram ao Núcleo em agosto, após as férias, continuaram demonstrando grande interesse pela arte, razão pela qual demos continuidade ao Projeto, vivenciado por experiências e expressões várias: pintura em azulejo; arte com fotografia; gravura e isogravura.

Ao longo do desenvolvimento deste Projeto, muitas coisas aconteceram, o que torna por demais complexas a ventura e a aventura de registrar, com fidedignidade, as experiências vivenciadas. A linguagem cumpre seu papel, mas não abarca tudo o que vivemos, o brilho nos olhos, a satisfação expressa em sorrisos, palavras, gestos, emoções, conquistas, saberes e fazeres vivenciados por crianças e adultos.

### **“Professora, ainda dá tempo de fazer ‘recortagem’ e colagem?”**

Desde o início do ano letivo, as crianças demonstraram grande interesse por experiências de desenho, pintura, recorte e colagem. Diariamente, elas desenhavam; faziam recorte e colagem; usavam tinta guache, pincel e *glitter*, dentre outros recursos.

No mês de abril, recebemos a ex-bolsista de Extensão do NDC, Karolina Falcão, a fim de desenvolver uma pesquisa para a produção do seu Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), pois estava concluindo a graduação em Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Seu objeto de pesquisa era arte com crianças da Educação Infantil, o que a motivou a realizar seu trabalho em nossa Unidade.

Durante a pesquisa da Karol, as crianças participaram ativamente, expressaram o que compreendiam sobre arte e onde viam manifestações artísticas.

*Karol: Hoje é a última sexta-feira que eu venho aqui no NDC.*

*Professora: Mas você pode vir nos visitar?*

*Karol: Não, porque eu tenho os meus alunos onde trabalho. Mas... o que eu vim fazer aqui no Infantil 5B?*

*Crianças: Arte.*

*Karol: Isso mesmo. E qual a pergunta que eu fiz?*

*Lina e Leticia: O que é arte.*

*Bianca: Pintar, desenhar com canetinha.*

*Karol: E o que é arte?*

*Lina: Eu desenhei minha família.*

*Karol: Hoje eu vou fazer outra pergunta. Onde vocês veem arte, onde vocês acham que tem arte?*

*Sophia: Na minha casa.*

*André Felipe: Na minha casa e no museu.*

*Analice: Na minha casa e no museu. Só nesses dois.*

*Lara: Vejo alguns lugares que... na pracinha aonde eu vou, vejo um pouquinho de arte. Eles pintam umas coisas lá na pracinha para ficar colorido. Também tem na minha casa e eu vejo arte em algumas escolas.*

*Karol: Por exemplo?*

*Lara: Aqui.*

*Ana Lis: Lá na minha casa, na minha vó, também faço um monte de coisa, eu corto, desenho. Minha vó escreve.*

*Sophia: Na minha casa, na pracinha do lado, não me lembro.*

*Leticia: Na casa da minha vó, na minha casa, só isso.*

*Bianca: Nas escolas e, na minha casa, eu faço desenho para a minha mãe.*

*Lina: Na minha casa, no museu... só.*

*Karol: Para onde foi o passeio de vocês?*

*Crianças: Para o teatro.*

*Karol: E vocês sabiam que o teatro também é arte? Então, já que o teatro é arte, o que mais pode ser arte?*

*Lina: O ator, a história.*

*Karol: Sabia que música também é arte?*

*Analice: Tudo é arte.*

*Lara: Seu vestido é arte.*

*Sophia: Sabia que eu toco bateria?*

*Karol: Pois vocês convivem com a arte em vários lugares.*

Certo dia, estávamos nos preparando para uma roda de conversa, quando Lara perguntou: *Professora, ainda dá tempo de fazer 'recortagem' e colagem?* Sugerimos, então, que Lara consultasse o grupo, visto que precisaríamos redistribuir o tempo, caso sua solicitação fosse aprovada. As crianças gostaram da ideia, e ficou combinado que faríamos "recortagem e colagem" após o lanche, para que dispuséssemos de bastante tempo para essa experiência, pois a turma já estava pronta para a roda de conversa, e o lanche seria servido após o diálogo do grupo.

Para a produção de suas obras, as crianças utilizaram papel 40kg e papel sulfite de várias cores, cola branca, cola para isopor, tesoura e muita imaginação. Elas ficaram tão enlevadas em sua produção, que chegamos ao final da tarde sem que percebessem que estava na hora de retornarem para suas casas.

À medida que as crianças concluíam o trabalho de “recortagem” (termo usado por elas que consideramos um neologismo) e colagem, dirigiam-se ao espaço de exposição dos trabalhos para afixarem sua produção e apreciarem os trabalhos dos colegas. Eis as primeiras produções das crianças que estavam presentes.

**Imagem 1:** Trabalho de “recortagem” realizado pelas crianças.



Fonte: Acervo do Projeto.

Com o passar dos dias, percebíamos o interesse crescente das crianças por manifestações artísticas, especialmente “recortagem” e colagem. Então, seguimos suas pistas, muitas vezes, não verbalizadas, mas demonstradas em atitudes e brincadeiras. Nesse

período, tínhamos uma quase certeza: estávamos desenvolvendo um projeto de arte. No intuito de corresponder aos interesses por recortagem e colagem, propusemos às crianças uma pesquisa sobre artistas que, como nós, gostavam de fazer recortagem e colagem.

### “O canto de flores também tem laranja”

As crianças pesquisaram, socializaram o que haviam aprendido e, a partir dessa pesquisa, chegamos à artista Beatriz Milhazes.

Depois de combinarmos que estudaríamos um pouco da vida e da obra de Beatriz Milhazes, participamos de uma roda de conversa muito acalorada. As crianças comentaram aspectos da obra da artista, como cores vivas, formas geométricas e uso de diferentes recursos.

No sentido de ampliarmos as experiências das crianças, apresentamos *slides* (produzidos a partir das pesquisas das crianças e ampliados com outras informações e imagens) que continham fotos de Beatriz Milhazes, um mapa do Brasil com indicações do lugar onde ela mora e do lugar onde moramos, bem como fotografias de algumas de suas obras.

**Imagem 2:** Visualização e análise de *slides* sobre Beatriz Milhazes e sua obra.



Fonte: Acervo do Projeto.

Enquanto visualizavam os *slides*, as crianças conversavam, faziam comparações, levantavam-se para apontar o que achavam interessante, reportando-se a vivências anteriores e ao seu repertório de experiências. Como nos ensina Pillar (2004), “o olhar de cada indivíduo está impregnado com experiências anteriores, associações, lembranças, fantasias, interpretações [...]”, como indicam a percepção e as falas das crianças.

*Professora: Vocês reconhecem essa moça na foto?*

*Sophia: Beatriz.*

*Lina: Beatriz Milhazes.*

*Professora: Qual será a profissão da Beatriz Milhazes?*

*Bianca: Tá vendo ali em cima? Começa com B, igual eu.*

*Professora: Sim, Bianca! O nome dela também inicia com a letra B.*

*Lara: Tem um monte de pintura.*

*Ana Lis: Sabia que eu estudo no colégio da minha mãe [no contraturno] e também tem uma amiga minha que é Beatriz.*

*Professora: Então há mais pessoas que têm o nome Beatriz.*

*Lara: Ela trabalha com pintura.*

*Bianca: Ela faz desenho.*

*Lara: A gente pode desenhar o que a gente mais gostou dela?*

*Professora: Depois nós vamos desenhar, mas vamos conversar um pouco mais?*

*André Felipe: Tem uma amiga da minha mãe que é Beatriz.*

*Professora: Estão vendo? Mais uma Beatriz.*

*Luiz Fernando: Ontem eu fui lá no Alex e tive uma colega com nome B. E ela era muito legal, bem grande. A Beatriz é muito pequena porque é apenas uma bebê.*

*Leticia: Sabia que aquilo, a letra M tem no meu nome?*

*Professora: E vai ter a letra M no nome da sua irmã: Mariana.*

*Luiz Fernando: Eu achei que ela gosta de pintar, do nariz e fazer palhaçada.*

*Analice: Sabia que todo dia, alguns dias que fico em casa, eu faço pintura e desenho?*

*Professora: Muito bom, Analice. E vocês acham que a Beatriz Milhazes usa muitas ou poucas cores?*

*Bianca: Muitas.*

*Lara: Branco, vermelho, prata, tem tudo.*

*Luiz Fernando: Ela gosta de colorir, ela gosta de imitar animal pros coleguinhas. A Beatriz só gosta de fazer animais pros coleguinhas.*

*Lara: Quadro Retrato. Eu sei o nome.*

*Professora: Muito bem, Lara! E por que precisa colocar o nome?*

*Lara: Mas aí não tem, eu não vi.*

*Professora: Todo artista assina suas obras. Se não assinar, como a gente vai saber qual artista fez uma obra?*

*Lina: É. Tem que botar o nome. Eu já vi.*  
*Professora: E quais formas podemos ver nesses quadros de Beatriz Milhazes?*  
*Bianca: Um círculo com preto.*  
*Luiz Fernando: E também tem um círculo com roxo e branco.*  
*Lina: Tem uma flor.*  
*Professora: Vocês veem formas geométricas?*  
*Crianças: Sim.*  
*Lara: Círculos.*  
*Sophia: Quatro flores.*  
*Luiz Fernando: Tem um olho.*  
*Lina: Azul.*  
*Lara: Flores vivas.*  
*Bianca: Tem um círculo ali.*  
*Lina: Cinco círculos e duas flores. Uma flor gigante.*  
*Lara: Círculo.*  
*Professora: Pintura ou colagem?*  
*Bianca: Coisa colada.*  
*André Felipe: Tem uma cor branca e amarela.*  
*Analice: Os desenhos que eu vejo é colorido.*  
*Bianca: Verde e azul.*  
*Professora: Tem peças de crochê e renda?*  
*Bianca: Por que renda?*  
*Professora: Parece que ela gosta de usar vários materiais.*  
*Bianca: Laranja, vermelho, verde, um pouco de preto. É um sol, só que tá “cobrido” com flores.*  
*Professora: Esse quadro parece grande ou pequeno?*  
*Crianças: Grande.*  
*Luiz Fernando: Metade de rosa, de formato de abelha.*  
*Lara: Tem uma forma bem grande, que é lisa.*  
*Luiz Fernando: É um bico de gato de cabeça para baixo.*  
*Sophia: Bico de passarinho.*  
*Bianca: Bico de passarinho, porque tem essa forma.*  
*André Felipe: E bico de pato. Não é bico de gato, porque gato não tem bico.*  
*Sophia: Eu quero dizer que a gente vota em bico de passarinho.*  
*Professora: Olha esse quadro.*  
*Lina: Símbolo.*  
*Luiz Fernando: Fogo debaixo do círculo.*  
*André Felipe: Não pode ser de fogo ou ia matar o pássaro, ou virar carvão. É um fogo de mentira com mola.*  
*Bianca: Ali! O canto de flores também tem laranja.*  
*Lina: Prateado.*  
*Bianca: Tem uma moeda debaixo da flor, deve ser uma moeda de verdade.*

*Lina: Pra mim é uma coisa da flor.*  
*André Felipe: As flores e a moeda escondida.*  
*Lina: Milhares de dinheiro.*  
*Professora: Aqui no mapa está o lugar onde Beatriz Milhazes nasceu.*  
*Analice: Parece nome de lugar. Brasil.*  
*Lara: Canindé tá difícil.*  
*Luiz Fernando: Nasceu na terra.*  
*Lina: No Rio.*  
*Lara: Rio de janeiro.*  
*Professora: Ela usa papéis de bombons.*  
*Lara: Balas. Eu sou louca por essas coisas.*  
*Professora: Peças com glitter também.*  
*Lara: Tipo E.V.A.*

Depois de tantas ideias e apreciação de alguns quadros, a etapa seguinte foi a produção de obras de arte inspiradas na obra de Beatriz Milhazes. Antes, porém, precisávamos preparar o material que seria utilizado pelas crianças, pois pretendíamos que elas dispusessem de materiais diversos, a fim de aguçar bastante sua imaginação.

Foi então que tivemos a ideia de contar com a colaboração das famílias para a coleta de material. Para tanto, contamos a história “O Saco”, de Ivan e Marcello, Editora Nova Fronteira.

Após a leitura da história e das considerações das crianças, cada uma preparou um grande envelope de papel pardo, que seria o saco em que cada criança colocaria o material a ser usado na produção de sua arte, usando a técnica de Beatriz Milhazes.

Para a coleta de material, as crianças tiveram uma semana, e o combinado foi que elas observariam os ambientes e materiais por onde passassem durante esse período e coletassem o que achassem interessante.

Após a coleta de material feita pelas crianças, também disponibilizamos: papel de vários tamanhos, cores e texturas; cola branca, colorida e de isopor; tinta guache de diversas cores; tesouras; pinceis; adereços adquiridos em armarinhos e lojas que vendem material para bijuterias, dentre outras coisas. Essa estratégia encontra apoio em Diefenthaler (2017, p. 62), ao afirmar

a importância de oferecer diversos materiais às crianças: “grandes, pequenos, lisos, com textura, coloridos, enfim, existe uma infinidade de formas e usos de materiais para que possam descobrir suas preferências, gozos, rejeições”. Assim, podem fazer suas escolhas e explorar as possibilidades.

As crianças utilizaram o material que haviam coletado e o que havíamos disponibilizado, compartilharam o material e trocaram ideias para a produção de suas obras.

**Imagens 3 e 4:** Crianças em atividades criativas.



Fonte: Acervo do Projeto.

Ao final da produção, ficamos extasiados com os resultados, pois as crianças produziram lindas obras.

**Imagens 5 a 15:** Exposição dos trabalhos realizados.



Flores arco-íris (Ana Lis)



Conto de fadas (Analice)



Espaço sideral (André)



Cidade dos elefantes  
(Bianca)



Formas, corações e  
flores (João)



Inspiração (Lara)



Liberdade (Leticia)



Jardim (Lina)



Toquinho (Luiz  
Fernando)



Sem título (Marcos  
Kaiky)



Uma floresta (Sophia)

Fonte: Acervo do Projeto.

### **“Parece um lagarto, parece um calango”**

Enquanto essa etapa do Projeto acontecia, a Professora Marcelle (também docente do NDC/UFC) nos emprestou o livro *Zoologia Bizarra*, de Ferreira Gullar, Editora Casa da Palavra. Em nossa Unidade, compartilhamos os interesses e projetos de todas as turmas em nossas reuniões, de modo que ficamos atentas ao material que pode enriquecer os projetos desenvolvidos com as crianças de outras turmas.

Deixamos o livro à disposição, na sala, para vermos se ele atraía os olhares e interesses das crianças. Rapidamente, elas começaram a folheá-lo e a mostrar as imagens aos colegas, o que resultou em várias solicitações para que, também, fizessem

recortagem e colagem de animais. Percebendo o interesse geral, preparamo-nos para esse desafio.

A princípio, solicitamos nova pesquisa a ser realizada com os familiares, a fim de que eles acompanhassem o desenrolar do Projeto, e todos nós conhecêssemos mais sobre a obra de Ferreira Gullar, que vai muito além de recorte e colagem. As crianças descobriram várias informações sobre o artista e desenvolveram grande empatia com sua arte.

Depois, apresentamos *slides* com vários animais bizarros, seus nomes estranhos e engraçados, criados por Ferreira Gullar para suas produções. Apresentamos, também, o mapa do Brasil contendo os lugares onde nós moramos, onde Ferreira Gullar nasceu e onde morava. Quando as crianças perceberam que ele havia morado no Rio de Janeiro, logo fizeram relação com o lugar onde Beatriz Milhazes nascera e vivera durante a maior parte do seu tempo.

*Professora: Crianças, o que vocês estão vendo nos slides?*

*Pedro Afonso: Eu tô vendo um macaco azul.*

*André: Parece um lagarto, parece um calango.*

*Bianca: Eu acho que isso é uma lagartixa azul gigante.*

*Professora: O nome desse homem é Ferreira Gullar. Ele é um artista que gosta de recortar e colar, como nós.*

*Bianca: Ele já tá velho.*

*Pedro Afonso: Porque as pessoas envelhecem com a idade. Meu irmão disse que tem homem que chega a 103 anos.*

*Bianca: As pessoas envelhecem quando crescem.*

*Lara: Elas ficam com cabelo branco.*

*Professora: Ter cabelos brancos é sinal de que a pessoa envelheceu?*

*Lina: Os avós têm cabelo branco.*

*Professora: Esse homem, o Ferreira Gullar, já morreu. Ele nasceu em São Luís, no Maranhão, mas morava no Rio de Janeiro.*

*(A professora mostrou os estados do Maranhão e Rio de Janeiro no mapa do Brasil).*

*Lara: A Beatriz também.*

*Pedro Afonso: A gente mora no país Fortaleza.*

*André: A Fortaleza é dentro do Brasil.*

*Professora: Fortaleza é a cidade onde nós moramos. Brasil é o nosso país. O André tem razão. Fortaleza está dentro do Brasil.*

*(A professora, novamente, mostrou Fortaleza, o Ceará e o Maranhão no mapa do Brasil).*

*Lina: A gente mora perto de onde o Ferreira Gullar nasceu.*

*Lara: É mesmo! Olha aí! (E apontou para o mapa)*

*Professora: Ferreira Gullar fazia muitas coisas. Ele gostava de recortar envelopes, folhas de revista e colar para fazer algo interessante. Depois ele dava um nome.*

*(A professora mostrou várias obras do livro Zoologia Bizarra para as crianças apreciarem).*

*Bianca: Que estranho!*

*Rogério: É um elefante.*

*Bianca: Isso é doido!*

*Lina: O mais parecido de antes. (Sobre o Dragão Bonzinho)*

*Rogério: Parece um peixe caindo na água. (Sobre o Peixe)*

*André: Parece um bicho comendo outro. (Sobre o Pelicano)*

*André: Parece uma garça. Garça também gosta de comer peixe.*

*Sophia: Parece uma árvore. (Sobre a obra Pelicano versus Cachorro-lagartixa)*

*André: Parece um coqueiro.*

*Pedro Afonso: Parece que é um cachorro misturado com uma lagartixa.*

*Bianca: Parece um homem-pássaro. (Sobre o Pássaro Tenista)*

*Pedro Afonso: Parece uma pessoa.*

*Ana Lis: Peixe.*

*Bianca: Sabia que existe uma cobra elétrica? Pode ser uma cobra elétrica?*

*Ana Lis: Isso parece um avião com gente. (Sobre a obra Ataque)*

*Pedro Afonso: Acho que isso é uma pessoa que vive no lixo.*

*André: Acho que ela é fedorenta.*

*Pedro Afonso: Parece um unicórnio. (Sobre a obra O Voo do Pássaro)*

*Ana Lis: É uma cobra.*

*André: É o rei do mar. Isso parece um rato comendo uma minhoca. (Sobre a obra Caranguejeira)*

*Pedro Afonso: Parece um hipopótamo. (Sobre a obra O Touro Encantado)*

*Rogério: É fofinho. (Sobre a obra Lhama Bailarina)*

*Lina: Serpente é maior que cobra.*

O passo seguinte foi a produção das obras das crianças, sendo que elas poderiam criar o que desejassem, podendo ser animais, como Ferreira Gullar, ou não.

**Imagens 16 e 17:** Crianças em atividades criativas.



Fonte: Acervo do Projeto.

O importante era dar asas à imaginação e o resultado foi uma variedade de ideias, cores e obras.

**Imagens 18 a 29:** Produção das obras das crianças.



Assusta dragão (Ana Lis)



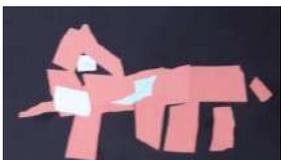
O quintal (Analice)



Jacaré (André)



Siri (Bianca)



Elefante (Carlos Rogério)



Meu nome (João Sasaque)



Arte princesa (Lara)



Paisagem (Leticia)



Boneco do Minecraft (Lina)



Meu cachorro Tobe  
(Luiz Fernando)



Gato Cristiano Ronaldo  
(Pedro Afonso)



Borboleta  
(Sophia)

Fonte: Acervo do Projeto.

Apreciar as obras produzidas pela turma é um exercício muito interessante, pois as crianças aprendem umas com as outras, percebem as ideias que os colegas tiveram e apuram o olhar sobre a arte. Ao apreciarem as obras dos colegas, as crianças deram sua interpretação sobre o que viam, e os autores comentavam o que haviam produzido.

*Professora: Crianças, eu queria falar sobre essas colagens que vocês fizeram. Vejam como ficaram bonitas! Vocês lembram que nós pedimos para vocês colocarem um nome na obra para a identificação do autor?*

*Leticia: Lembro.*

*Professora: Vejam essa colagem da Bianca.*

*Analice: Parece uma poça.*

*Professora: E esta colagem aqui?*

*André: É o espaço sideral. Eu que fiz.*

*Professora: Vejam o trabalho do João.*

*André: Parece um presente.*

*Professora: E este? É o trabalho da Sophia.*

*Lina: Parece uma floresta.*

*Professora: E o da Lina?*

*Lina: É um presente.*

*Ana Lis: Um presente?*

*Professora: E este?*

*Sophia: É o da Ana Lis. Ela fez perto de mim.*

*Ana Lis: O nome é "flores".*

*Professora: Lara, qual nome você deu para sua obra?*

*Lara: Não me lembro. Tá bom, é assim mesmo.*

## “Bandeirinhas brancas e vermelhas”

Ao final do mês de maio, passamos a discutir o que faríamos no período junino, quais experiências as crianças desejavam desenvolver e como queriam vivenciar essa etapa. Elas manifestaram o desejo de produzir bandeirolas coloridas para decorar a sala e o restante do Núcleo. E foi o que fizemos.

Também nesse período, André, Lara e Pedro Afonso estavam montando álbuns de figurinhas da Copa do Mundo, de modo que havia outro tipo de bandeira a ser considerado: as bandeiras dos países que participariam da Copa do Mundo.

Mais uma vez, procuramos artistas que se identificassem com essa temática e encontramos Alfredo Volpi, conhecido por pintar casarios e arraiais juninos enfeitados com bandeirolas. Aproveitamos as pesquisas e o material coletado pelas crianças para apresentação em *slides*, estratégia que favorecia o diálogo coletivo. Observamos os locais de nascimento e moradia de Volpi e as crianças observaram, no mapa-múndi, o país de nascimento do artista, o oceano que separa a Europa da América e, só depois, visualizamos o estado de São Paulo, lugar onde Volpi desenvolveu seu trabalho.

*Professora: Vocês conhecem esta pessoa?*

*Lina: Eu vi a foto. É Alfredo.*

*Professora: Isso mesmo. Alfredo Volpi. Ele nasceu na Itália, mas veio morar no Brasil quando era criança, assim da idade de vocês. Ele morava em São Paulo.*

*(A professora mostrou o mapa-múndi).*

*Lina: Ele morreu.*

*Professora: É verdade, Lina.*

*Luiz Fernando: O Ferreira Gullar e a Beatriz.*

*Professora: O Ferreira Gullar também já faleceu, mas a Beatriz Milhazes está viva e produzindo muita arte. Vocês lembram onde mora a Beatriz Milhazes?*

*Crianças: Rio de Janeiro.*

*Sophia: É bem pertinho.*

*Professora: É pertinho mesmo, Sophia? Vamos observar o mapa. Onde nasceu Ferreira Gullar?*

*(A professora mostrou o mapa do Brasil).*

*Luiz Fernando: Ele morava no Santo Maranhão.*

*Professora: Isso! Em São Luís, no Maranhão. E nós, onde moramos?*  
*Kaiky: No amarelo. Olha a nossa foto! [Kaiky indicou o estado do Ceará e a foto da nossa turma, que indicava o Estado onde moramos].*  
*Professora: Isso mesmo, Kaiky. Nós moramos no Ceará, que está pintado de amarelo.*  
*Sophia: Eu morava em Fortaleza.*  
*Professora: Nós moramos em Fortaleza, Sophia. E o Alfredo Volpi morava em outro lugar: em São Paulo.*  
*(A professora mostrou novamente o mapa do Brasil e indicou onde morava Alfredo Volpi).*  
*Leticia: Meu tio mora em São Paulo.*  
*Professora: É mesmo, Leticia?*  
*Leticia: São Paulo é muito longe. Passa dois dias viajando. Tem que dormir no avião.*  
*Kaiky: Se a gente pegar avião, a gente fica perto dele.*  
*Professora: É verdade, Leticia e Kaiky! Olhem o que o Alfredo Volpi gostava de pintar.*  
*Lina: Bandeirinhas.*  
*João: Bandeirinhas estruturadas. (Leu o nome da obra).*  
*Kaiky: Bandeirinhas brancas e vermelhas.*  
*Lara: Bandeirinhas coloridas.*  
*Professora: E vocês, gostariam de fazer pintura ou colagem usando bandeirinhas, como o Alfredo Volpi?*  
*Crianças: Sim!*  
*Lara: Vai ser muito legal!*

Após estudarmos um pouco sobre vida e obra de Alfredo Volpi, as crianças quiseram produzir bandeirinhas. Algumas desenharam e pintaram bandeirolas no papel que servia como suporte e pintaram com guache; outras desenharam bandeirolas juninas, recortaram-nas, pintaram-nas e montaram sua ideia em cartolina branca, cortada ao meio e usada como suporte. Pedro Afonso produziu a bandeira da Suécia, pois estava muito envolvido com os países da Copa do Mundo.

Imagens 30 a 42: Exposição dos trabalhos das crianças.



Arco-íris bandeira  
(Ana Lis)



Bandeirinhas e a floresta  
(Leticia)



Bandeirinhas  
(Marcos Kaiky)



Bandeirinhas Netflix  
(Luiz Fernando)



Uma festa de São João  
(Analice)



Arco-íris (Lina)



Bandeirinhas (Lara)



Ninjas dançando São  
João (Carlos Rogério)



Sem título (André)



Arbusto, bandeirinha,  
casa (Bianca)



Suécia (Pedro Afonso)



As bandeirinhas  
(João Sasaque)



Sem título (Sophia)

Fonte: Acervo do Projeto.

Durante o mês de junho, fizemos uma visita ao Museu de Arte da UFC (MAUC), a fim de que as crianças conhecessem artistas cearenses, reafirmassem seu interesse pela arte e ampliassem suas experiências. A visita foi guiada pelos diversos ambientes e exposições permanentes do Museu, de modo que as crianças tiveram acesso às obras de artistas como Aldemir Martins, Antônio Bandeira, Chico da Silva, Descartes Gadelha e Raimundo Cela.

Em cada ambiente, as crianças eram convidadas a observar cores, formas, traços e demais peculiaridades das obras expostas, que incluíam óleo sobre tela, escultura, gravura e arte popular.

**Imagem 43:** Esculturas em cerâmica/MAUC.



Fonte: Acervo do Projeto.

**Imagem 44:** Obras de Chico da Silva/MAUC



Fonte: Acervo do Projeto.

No retorno ao NDC, as crianças produziram um texto coletivo, como forma de registro de suas impressões e memórias relativas à visita ao MAUC.

## VISITA AO MUSEU DE ARTE DA UFC

*Tinha muita arte e tinha muitas obras de madeira.*

*Vimos obras de vidro coloridas, pintadas e outras não.*

*O dragão era feito na parede.*

*Raimundo Cela arrancava as folhas pra pintar elas e botar em quadros.*

*Aldemir Martins gostava de pintar gato, coruja, caranguejo e galo. Tinha uma mulher que ele pintou que tinha o pescoço.*

*Tinha aquele espaço de Jesus, Padre Cícero. A Maria tinha o coração de facas. E Jesus tinha o coração cortado no meio.*

*Tinha uma obra de madeira pintada machucando Jesus.*

*Tinha uma escada cheia de esculturas.*

*Tinha uma escultura com um cara com narigão, que nem o Pinóquio.*

### “Qualquer cor é de pele”

Paralelamente ao desenvolvimento deste Projeto, havíamos trabalhado vários aspectos do nome próprio, como: quem havia escolhido os nomes das crianças e o porquê; qual o significado do nome; prenome e nome completo; identificação dos parentes mais próximos; construção de uma árvore genealógica simples com nomes e fotos dos familiares mais próximos.

As discussões sobre estatura, “cor” da pele, brincadeiras de menino e menina estavam ganhando bastante importância nesse período, pois as crianças começavam a olhar mais para si e para os colegas, estabelecendo comparações. Certa vez, registramos uma conversa muito importante sobre a “cor” da pele dos coelhos e das crianças após uma visita ao Coelhário da UFC:

*Bianca: Os coelhos bebês, na caixa, acordaram. Tinham cor de pele.*

*Aloísio: E qual é a cor de pele?*

*Lara: A cor da Ana Lis.*

*Aloísio: E a minha cor de pele?*

*Luiz Fernando: É preto.*

*Rogério: Marrom.*

*Professora: Vamos observar nossa pele. Elas são iguais? Será que só existe uma cor de pele?*

*Lina: Qualquer cor é cor de pele.*

Como esse tipo de conversa perdurou, propusemos às crianças a produção de um autorretrato. Nossa ideia era promover observações e discussões sobre ideias preconcebidas e reproduzidas pelas crianças sobre questões étnicas. Chegava a hora de elas se perceberem com suas características próprias e a diversidade que constituía nossa turma. Para essa atividade, selecionamos fotos recentes das crianças para que cada uma escolhesse uma imagem e disponibilizamos material bem diversificado para a produção dos trabalhos. Nessa etapa, tomamos por base a obra do artista Vik Muniz, artista plástico e fotógrafo, que utiliza uma grande variedade de materiais para a produção de suas obras, dentre as quais rostos de pessoas.

Inicialmente, projetamos as fotos das crianças, para que elas desenhassem a silhueta a lápis, em cartolina branca. Feito o esboço do autorretrato, as crianças selecionaram o material necessário, tendo o cuidado de consultar o espelho para observar sua própria imagem: corte de cabelo, cor da pele e dos olhos, formato do nariz e da boca, dentre outros detalhes. As meninas adicionaram laços nos cabelos, batom e brincos, como elas gostam de estar no dia a dia.

**Imagens 45:** Projeção e desenho da silhueta.



Fonte: Acervo do Projeto.

**Imagem 46:** Pintura e colagem – autorretrato.



Fonte: Acervo do Projeto.

Depois dessa etapa, os autorretratos estavam prontos, cada um com sua singularidade e a expressão de cada criança após exercício de olharem para si mesmas. Mesmo tomando por base uma fotografia inicial para apoiar a produção do autorretrato, as crianças colocaram outros elementos no processo de criação e recriação artística. Como afirma Charles Schwall (2012, p. 32), “as maneiras nas quais as crianças inventam com os materiais costumam ser inesperadas e surpreendentes; portanto, é imprescindível que os adultos [...] adotem uma postura de liberdade e possibilidades [...]”.

**Imagens abaixo:** Exposição da criação das crianças.



Ana Lis



Analice



André



Bianca



Carlos Rogério



João Sasaque



Lara



Leticia



Lina



Luiz Fernando



Marcos Kaiky



Pedro Afonso



Sophia

Fonte: Acervo do Projeto.

Após essa extensa produção e, com a finalização iminente do primeiro semestre, combinamos expor os trabalhos já produzidos e convidar os familiares para a visitação. As crianças mostraram-se muito interessadas e elaboraram um convite para as famílias.

Antes da elaborao do convite, precisávamos dar nome ao projeto da turma. Como as crianças são muito eloquentes, facilmente sugeriram vários nomes, que foram compilados por elas mesmas. Ficou acertado que seria Projeto do Infantil 5B: usando cola, papel, tinta e pincel. Como ainda estávamos na primeira etapa

do Projeto, combinamos de retomar essa discussão ao final do ano letivo, após vivenciarmos o Projeto por inteiro.

Depois da definição do nome do Projeto, ainda que provisório, foi elaborado o convite para os familiares visitarem a exposição intitulada **Recortagem e Colagem**.

#### CONVITE

*Convidamos os familiares e amigos para a exposição de obras do Projeto Arte do Infantil 5B: usando cola, papel, tinta e pincel.*

*Vai ser na UUNDC, dia 20 de junho, às 2 horas da tarde.*

*Gostaríamos que vocês não faltassem.*

*Crianças do Infantil 5B*

As crianças fizeram mais uma atividade de recortagem e colagem, desta vez utilizando o texto produzido, que seria o convite para os familiares prestigiarem a primeira exposição parcial do nosso Projeto.

As crianças participaram da preparação da exposição, intitulada **Recortagem e Colagem**, pois era importante que elas vivenciassem a escolha do local, a disposição das obras e acompanhassem a finalização dessa etapa.

**Imagens abaixo:** Organização da exposição.



Fonte: Acervo do Projeto.

Os familiares e amigos das crianças visitaram a exposição, fizeram perguntas às crianças e elogiaram muito a produção artística da turma.

Sugerimos às crianças que, após a visita, convidassem os familiares a produzirem uma obra de arte, tendo as crianças como mediadoras, pois já estavam bastante experientes em atividades de recortagem e colagem.

Imagem da Oficina de arte com familiares.



Imagem da Oficina de arte com familiares.



Imagens da Visitação à exposição



Fonte: Acervo do Projeto.

À medida que as crianças e seus familiares concluíam o trabalho, o expunham em espaços previamente preparados para essa segunda exposição.

Como a arte envolve e contagia a todos, as famílias pareciam enlevadas com a atividade, completamente entregues à produção artística, de modo que produziram mais de um trabalho.



## **Depois de tudo o que vivemos, (re)aprendemos e (re)afirmamos que ...**

A arte contagia as crianças, de qualquer idade, nos mais diversos ambientes; favorece a formação do senso estético; amplia o olhar e a percepção das crianças para as diversas manifestações artísticas e culturais; proporciona aprendizagens variadas e abrangentes; favorece a construção de um ambiente de aprendizagem tranquilo, repousante e favorável à criação, dentre outros aspectos pedagógicos.

Enquanto as crianças observam, criam e recriam suas obras, experimentam materiais diversos, colaboram entre si, apreciam as produções dos colegas, apresentam sugestões, vivenciam os direitos de aprendizagem e transitam pelos campos de experiências previstos na BNCC (Brasil, 2018).

Em todo esse processo, fez-se necessária uma escuta atenta aos interesses que as crianças demonstraram por meio de várias formas de expressão, bem como o planejamento colaborativo, no qual as crianças tiveram espaço para apresentar ideias, sugestões, realizar ações individuais e coletivas, exercer o protagonismo, a criatividade e a autonomia.

Todas essas ações foram vivenciadas de forma lúdica e divertida, como recomendam as DCNEI (2010), ao mesmo tempo em que a intencionalidade pedagógica favoreceu a ampliação das experiências e as aprendizagens.

## Referências

- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Básica – Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Básica – Brasília: MEC, SEB, 2017.
- DIEFENTHÄLER, D. da R. L. **Arte, imaginação e crianças**. Curitiba: Appris, 2017.
- PILLAR, A. D. **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- SCHWALL, C. O ambiente e os materiais do ateliê. *In*: GANDINI, L. *et al* (org.). **O papel do ateliê na Educação Infantil: a inspiração de Reggio Emilia**. Porto Alegre: Penso, 2012.



# PROJETO BUMBA MEU BOI

Diana Isis Albuquerque Arraes Freire

## Início de conversa

O propósito deste relato é compartilhar as experiências do Projeto Bumba meu Boi, um projeto musical, dançante, alegre e de muitas cores que certamente marcou o imaginário das crianças, por meio de vivências culturais com a figura lendária do Bumba meu Boi.

Então, a minha escrita docente se constitui uma memória saudosa de um trabalho coordenado por mim, feito com e para as crianças e que teve muitos colaboradores (estagiários, bolsistas, famílias, gestão), encantando, unindo e alegrando a todos. Por isso me refiro ao “nós” em alguns momentos no texto.

O Projeto recebeu o nome de “Bumba meu Boi”, que segundo uma criança era “um nome perfeito!” e todas da turma concordaram. Foi desenvolvido no Núcleo de Desenvolvimento da Criança (NDC), da Universidade Federal do Ceará (UFC), com a turma Infantil 4, composta por catorze crianças entre quatro e cinco anos de idade.

O Projeto Bumba meu Boi, como outros projetos incríveis, faz parte da história do NDC, instituição que possui como um forte distintivo de suas práticas pedagógicas o trabalho com projetos na Educação Infantil, na perspectiva de que surgem a partir dos interesses das crianças, mediante a escuta cuidadosa pela professora de suas indagações e curiosidades e pela prática do registro das suas falas.

A Proposta Pedagógica do NDC se ancora nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (Brasil, 2009), cujos eixos norteadores das práticas são as interações e as

brincadeiras. O “Projeto Bumba meu Boi”, como veremos, aconteceu com esse respaldo legal, reunindo um conjunto de experiências diversas, integradoras e significativas para que as crianças pudessem aprender e se apropriar de sua cultura.

### **Como o projeto aconteceu**

Eis uma narrativa descritiva do projeto, desde como percebemos seus indícios e como perdurou até o final do ano de 2018. Elegi alguns momentos marcantes que representam o Projeto, acrescidos de reflexões que julgo pertinentes.

Buscamos alimentar o interesse e o encantamento pelo personagem Bumba meu Boi, mantendo a “chama acesa”: sistematizando as ideias das crianças e propostas dos adultos envolvidos. O projeto foi ganhando forma, sendo fortalecido a cada dia, tocado pelo envolvimento das crianças e apreço delas pelo Bumba meu Boi.

As crianças viviam um cotidiano em que a leitura e a contação de histórias eram bastante apreciadas por elas. Costumavam pegar livros na estante para “ler” todas as manhãs e se reuniam na roda durante um bom tempo para ouvir mais de uma história no mesmo dia, às vezes três ou quatro!

Em meados de abril, recebi duas estudantes do curso de Pedagogia da UFC, que seriam acompanhadas por mim, como professora, para o Estágio Supervisionado em Educação Infantil. Ao chegarem, lhes informei que as crianças gostavam muito de histórias e que, no momento, a atenção delas estava voltada para os mitos e as lendas do folclore brasileiro.<sup>1</sup> Assim, poderiam pensar

---

<sup>1</sup> No NDC as crianças desenvolvem um interesse ávido pela literatura, apreciando diversas histórias, dentre elas os mitos e as lendas. Sabemos que nas culturas indígenas, os personagens são seres reverenciados e que a cultura urbana os reduziu ao folclore, contudo, é algo vivo para eles. Na intenção de respeitar essas culturas, o contato com os mitos e as lendas não se limita ao “Dia do Folclore”; assim buscamos valorizá-los continuamente, ao longo do ano, buscando não os

em mediações a partir desse interesse. As estagiárias concordaram em dar continuidade à ideia de trabalhar com as lendas.

Nesse caminho formativo de estágio, as estagiárias estavam percebendo na prática a grande importância da literatura infantil para o desenvolvimento cultural das crianças e a formação delas como leitoras. Então, elas passaram a ler algumas lendas para as crianças, bem como fazer o conto oral (sem livro), como um costume antigo.

Uma das lendas contadas pelas estagiárias foi a do Bumba meu boi que foi contada oralmente para as crianças na roda, trazendo um pouco da vivência das tradições orais (posteriormente, um livro foi utilizado para a leitura da lenda). Em resumo, contaram que uma mulher grávida chamada Catirina ficou com desejo de comer língua de boi. Seu marido, Pai Chico, cortou a língua do boi do fazendeiro para satisfazer a esposa. O boi adoeceu e seu dono ficou preocupado, tendo que chamar o pajé para curar o boi. O pajé fez uma oração e o boi ressuscitou, e todos comemoraram fazendo a festa do Bumba meu Boi.

Após esse momento, as crianças foram convidadas a irem para perto do aparelho de som para ouvir a música Boi Bumbá, de Luiz Gonzaga. De imediato, elas começaram a pular e dançar alegre e festivamente, pedindo “de novo” para repetir a música.

A construção de uma pinhata do boi (caixa de papelão em formato de boi contendo guloseimas)<sup>2</sup> também foi outra proposta das estagiárias feita à turma. As crianças ajudaram a confeccionar o boi para essa brincadeira, colando tiras de papel para enfeitá-lo e depois fizeram a brincadeira: com os olhos vendados precisavam acertar com um pedaço de pau a pinhata pendurada até que ela se desmanchasse e todos ganhassem as pipocas que estavam dentro.

---

tratar de forma estereotipada. Nessa perspectiva, os personagens povoam o imaginário das crianças sem que o adulto “quebre” o encanto.

<sup>2</sup> Como na Proposta Pedagógica do NDC existe o propósito de oferecer alimentação saudável às crianças, na pinhata não continha guloseimas (doces, bombons), e sim pipocas.

**Imagem 1:** Registro da proposta de enfeitar a pinhata do boi, feita pelas estagiárias de Pedagogia.



Fonte: Acervo do projeto.

A partir dessas propostas, as crianças passaram a pedir diariamente “*professora, coloca a música do Boi*”, “*a gente pode brincar de boi?*”. A brincadeira do boi já fazia parte da rotina da turma; era um “pega-pega” criado por elas, vestindo uma fantasia de boi que havia no NDC. Elas mesmas entravam em consenso sobre quem seria o boi. Esta brincadeira interessou a todas as crianças da turma que se divertiam fugindo do boi, correndo pela sala ou no parque.

**Imagem 2:** Registro de um momento da brincadeira de boi no parque.



Fonte: Acervo do projeto.

Com ajuda da professora, das estagiárias e das bolsistas, as crianças estabeleceram as regras para a brincadeira na sala: *“não pode empurrar o amigo, não pode puxar o rabo do boi, tem que afastar as cadeiras para ninguém se machucar, pode entrar duas crianças na fantasia de boi”*. De modo semelhante no parque: *“o boi não sobe na casinha; corre só na areia para não cair”*. Essas regras<sup>3</sup> sinalizavam a autonomia das crianças em plena construção.

Diariamente, na sala ou no parque, acontecia a brincadeira de Bumba meu Boi com a fantasia de boi, acompanhada pela música Boi Bumbá, de Luiz Gonzaga. Essa brincadeira foi uma marca forte do projeto. E só parecia ter graça com a música.

---

<sup>3</sup>A construção de regras (combinados) e o desenvolvimento da autonomia, no NDC Cap., são constantemente trabalhados por meio do diálogo, seja em conversas na roda ou em conversas diante das situações que requerem reflexão. Ajudamos as crianças em seus conflitos e as questionamos sobre “o que foi legal e o que não foi”, bem como estabelecemos limites claros (visando integridade física e emocional) para que elas consigam fazer seus processos internos de regulação, que se refletem no âmbito social. Desse modo, a iniciativa das crianças para a construção de regras se torna visível.

As crianças desejavam e pediam diariamente para “fazer o boi”. Estiveram envolvidas em propostas que giravam em torno da lenda do Bumba meu Boi e de representações artísticas da figura deste personagem, como criações com desenho, pintura, recorte, colagem e artesanato. As vivências, somadas às discussões na roda sobre bois, foram permitindo à turma familiaridade com a cultura nordestina, mediante a admiração da figura do vaqueiro como um herói do sertão.

**Imagem 3:** Registro de uma proposta de desenho do Bumba meu Boi para completar.



Fonte: Acervo do Projeto.

Compreendemos que na Educação Infantil muitos dos interesses das crianças têm sua origem nas experiências do cotidiano da instituição, nos modos como esses sujeitos ressignificam os acontecimentos e que podem ser instigados e potencializados com as propostas feitas pela professora. No caso deste Projeto, a partir do interesse já demonstrado pelas crianças pelo Bumba meu Boi, as estagiárias, mediante minha orientação, planejaram com as crianças atividades relacionadas à literatura. As crianças responderam muito bem pois se alegraram, dançaram e

expressaram o desejo de repetir o momento divertido de dança e música.

O ano transcorria e entre final de maio e início de junho começou a movimentação para os festejos juninos. Então, de tanto se envolverem com a música Boi Bumbá, brincando e dançando diariamente, ela foi escolhida pela turma, em uma conversa, para a apresentação da festa junina do Núcleo. Os ensaios nunca eram entediantes, pois prevalecia o clima de brincadeira.

Havia apenas uma fantasia de Bumba meu Boi e todas as crianças gostavam de vesti-la. Numa conversa na roda, problematizamos a questão sobre como faríamos na festa, já que todas queriam ser o Boi. Perguntamos às crianças o que elas achavam de construir seus próprios bois para dançar na festa. As crianças “toparam” a ideia, mas como? Restava descobrir uma maneira.

Eu e duas bolsistas<sup>4</sup> fizemos pesquisas na *Internet* sobre como fazer Bumba meu Boi e nos deparamos com os modelos encontrados: todos iguais nas imagens e feitos pelo adulto, sem indícios do toque artístico e individual das crianças; eram todos de um único modelo. Nosso desejo era que as crianças construíssem seus bois para a experiência se tornar significativa; que elas mesmas pintassem, escolhessem as cores, os materiais (pincel ou rolinhos); escolhessem e colassem as fitas coloridas e fizessem o rosto do boi do seu jeito. Assim seria uma maneira de dar autoria às crianças e de valorização da sua estética. Como professora, o ato de pesquisar durante o processo de desenvolvimento do trabalho com projetos amplia o repertório para lidar com os questionamentos das crianças.

Então a ideia que pareceu mais viável foi propor a construção de bois com caixa de papelão, pois as crianças teriam mais possibilidades de enfeitar e seria algo sem custo. Solicitamos às famílias que trouxessem caixas de papelão que dessem para as

---

<sup>4</sup>A essa altura as estagiárias já haviam finalizado o Estágio, então as bolsistas passaram a colaborar com as ideias referentes ao boi.

crianças “vestirem”, entrando nelas. As crianças demonstravam animação com a chegada das caixas e com a expectativa de conseguirmos a quantidade suficiente.

O processo de confecção dos bois ocorreu sem pressa, para que as crianças se envolvessem e aproveitassem esses momentos; conversando sobre o Bumba meu Boi, enquanto pintavam. Utilizaram tinta guache, *glitter*, papel crepom, recortes de tecido, fitas coloridas e lantejoulas. Para o rosto do boi, colocamos à disposição um tipo de E.V.A brilhoso e colorido. Cada criança desenhou o rosto do seu boi e o recortou, bem como os olhos, o nariz, a boca e os chifres. A proposta possibilitou a escolha desses materiais.

Até que chegasse o dia da festa, os familiares (pais, mães, avós) relataram a empolgação das crianças com a festa junina, especialmente porque dançariam o Bumba meu Boi com os bois feitos por elas; não queriam perder essa festa de forma alguma!

No dia da festa, era visível a alegria das crianças dançando vestidas de Bumba meu Boi. Elas dançavam e sorriam durante a apresentação e pareciam orgulhosas de si mesmas. Olhavam umas para as outras e comunicavam esse sentimento. Olhavam para nós (professora, bolsistas e estagiárias, que participaram da festa) com satisfação, demonstrando contentamento com o nosso apoio. A festa, então, foi um momento altamente significativo no qual celebramos e compartilhamos nosso carinho pelo Bumba meu Boi.

Convém aclarar que a ideia do Bumba meu Boi não havia sido pensada previamente e, portanto, não imaginávamos que ganharia a dimensão de projeto. O que havia no planejamento eram os momentos de leitura e contação de histórias na rotina da turma, o que possibilitava identificar as histórias preferidas das crianças. O interesse pelo Bumba meu Boi se transformou em um “currículo vivo” para a turma, à medida que o projeto caminhava. Porém, somente no segundo semestre assumimos que tínhamos um projeto.

**Imagem 4:** Registro do momento da dança na festa junina ao som da música Boi Bumbá de Luiz Gonzaga.



Fonte: Acervo do Projeto.

Após as férias de julho, o interesse pelo Bumba meu Boi se manteve vivo. As crianças continuaram a pedir a música do boi. Com recurso da TV e *pendrive*, relembramos os momentos da festa junina com a turma por meio de fotos, bem como a lenda com o recurso do livro. As crianças voltaram a brincar de boi, dessa vez com um novo elemento a ser representado por elas: quem se vestisse de boi se fingia de morto e os outros tentariam ressuscitá-lo (tal qual como na lenda). Assim o boi acordava (diziam “*acorda, boi!*”) e o pega-pega começava. O Bumba meu Boi era o assunto principal e novos questionamentos surgiam.

Propusemos, então, uma pesquisa a ser feita em casa, desafiando as crianças a trazerem novas informações sobre o Bumba meu Boi. Um mural de pesquisas foi feito para que elas ficassem visíveis e todos pudessem consultá-las e “ler” quando quisessem. A montagem foi feita aos poucos, possibilitando que cada criança falasse o que aprendeu em casa e mostrasse a sua pesquisa por meio do desenho, da escrita (de um familiar) ou da colagem. As crianças se posicionavam a cada pesquisa

apresentada: *“Professora, eu gostei porque ela fez do jeito dela”, “eu gostei porque tem as fitas do boi”, “tá bonito”*. Uma das crianças trouxe uma figura do Bumba meu Boi colada no papel, o que foi motivo de mais conversa na roda: *“tá feio”, “colar figura não vale, só vale desenho de boi”, “eu não gostei”*. Pudemos, então, conversar sobre a importância de cada um ter sua opinião, como também respeitar a ideia dos amigos, aprender a valorizar o que o outro faz. Enfatizamos que cada um havia feito do seu jeito, de forma diferente, dando sua contribuição para o mural. As crianças destacavam as características do Bumba meu Boi como roupa colorida, a *“saia”* do boi, fitas coloridas, chifres e a cara do boi.

**Imagem 5:** Registro da proposta de compartilhamento das pesquisas das crianças sobre o Bumba meu Boi.



Fonte: Acervo do Projeto.

Destaquei alguns comentários e questionamentos das crianças, para exemplificar suas falas que guiaram as discussões e serviram para dar prosseguimento ao projeto, acrescentando um tom mais investigativo. No semestre anterior, o tom havia sido de descoberta do Boi, da lenda, da brincadeira, do embalo com música e dança.

## O que você sabe sobre o bumba meu boi?

LEVI – “As fotos são da ensaiada do boi e o dia do boi do Ceará. As fitas. A cabeça do boi e as fitas. A roupa é colorida e muita fita. Ele não dança sozinho, ele dança com um palhaço e um índio”.

JOÃO FILIPPO – “Ele assusta a gente e tenta pegar na gente. Ele gosta de comer capim”.

ANA CECÍLIA – “Eu sei que ele tem fitas coloridas no corpo, e ele tem uma saia e um vestido em formato de saia toda colorida de flores. E ele tem olho e boca. Ele gosta de dançar”.

RAFAEL – “Ele tem fitas na cabeça e uma estrela e chifres, eu já sei disso”.

JESSIE – “Eu fiz o boi. Eu fiz os olhos, a boca. Eu gosto de dançar a música do boi. Eu não tenho medo porque ele é muito carinhoso”.

MARINA – “Ele gosta de dançar. Eu vi um vídeo. Ele tem chifres e uma saia colorida. Ele gosta de dançar. E dança bem animado”.

RUTH – “Tem uma pessoa dentro dele e ele dança sozinho e ele come sereia. A roupa do boi tem uma saia colorida e ele é todo cheio de flor e ele tem um bigode. Chifre, fitas coloridas, orelhas, rabo, olho, boca e uma estrela no meio”.

DAVI – “Eu gosto das fitas na cabeça e chifres. Eu não tenho medo”.

NAUAN – “Eu gosto dos chifres. É grande e “assim”.

LUCAS – “Eu desenhei”.

GABRIELA – “Ele tem uma roupa engraçada, é de festa junina. Ele é feliz. Ele gosta de ficar em casa e de dançar. Ele é mansinho”.

(Roda de conversa sobre bois)

### ALGUNS QUESTIONAMENTOS SOBRE BOIS

JOÃO FILIPPO – “Por que o Bumba meu Boi assusta e pega alguém? Eu já vi um boi na rua e todo mundo se assustou”.

LEVI – “O boi que o João viu tem só um chifre? Ele tava fantasiado? Se tem só um chifre é um unicórnio. Ele pode bater o chifre dele e quebrar”.

ANA CECÍLIA – “O boi anda solto? Se é invenção, é fantasia?”

RUTH – “O boi que o João viu é uma vaca, porque vaca não tem chifre”.

JESSIE – “O boi tem um amigo, o palhaço”.

SABRINA – “Eu quero o boi e a vaca. Não é Boi Bumbá, é o Bumba meu Boi”.

(Roda de conversa sobre bois)

### QUAL A SUA CURIOSIDADE SOBRE O BOI? O QUE VOCÊ QUER SABER SOBRE O BUMBA MEU BOI OU O BOI DE VERDADE?

MARINA – “Como o boi dorme? Assisti um vídeo no celular da minha mãe que tinha uma vaca tirando leite e apertava no botãozinho (peito da vaca)”.

ANA CECÍLIA – “Por que às vezes o boi é de mentira ou de verdade? Porque se esconde das pessoas e porque usam a fantasia, homem ou mulher. O boi não dorme porque é pra festejar na cidade inteira. Eu sei o que é uma vaca malhada, é uma vaca que malha muito”.

JOÃO FILIPPO – “Não gosto do Bumba meu Boi porque não vi um boi de verdade”.

NAUAN – “Chifres”.

LEVI – “Os chifres é pra ele se defender. Por que o boi fica andando o dia todo até de noite e não vai pra cama?”

JESSIE – “Boi de verdade e boi de mentirinha”.

FERNANDA – “Eu vi um vídeo que os bois tavam andando. Por que eles fazem isso?”

LUCAS – “Eu quero saber sobre o boi de verdade e o boi de assustar”.

RAFAEL – “Boi de verdade”.

GABRIELA – “Por que o boi tem chifres e fitas?”

(Roda de conversa sobre bois)

#### OBSERVAÇÃO DE IMAGENS DE BOI IMPRESSAS

LUCAS – “Boi come capim. Esse lugar é um sítio ou uma fazenda. Olha esse cacto. Não pode cair no chão (leite). Eu acho que é uma vaca malhada e um bezerro”.

JOÃO FILIPPO – “Que triste os bois sem capim, sem água. Eles estão com saudade dos primos deles. Os bois morreram. A boiada empurra ele (vaqueiro).”

GABRIELA – “Se eu fosse pra lá (sertão) eu ia levar água e capim pra dar pra eles. Isso são as tetas, onde sai leite para os bebês mamar. Bota num balde; se cair no chão estraga. Vocês perceberam que tem um cachorro? Ele não tem medo de nada (vaqueiro). Ele vai acompanhar a boiada”.

ANA CECÍLIA – “Esse boi é bonitão (boi forte). Êei boi”.

DAVI – “É engraçado. Eu gostei”. Foi buscar a lupa para ver as imagens.

MARINA – “Ele é macio”. Apontou para o peito da vaca, que chamava atenção.

SABRINA – Observou as imagens e demonstrou gostar do bezerro, pegando a imagem e abraçando.

(Roda de conversa sobre bois na casa de taipa)

Nas rodas de conversa, muitas das curiosidades das crianças eram satisfeitas, pois elas tinham a oportunidade de discutir e trocar conhecimentos. Elas demonstravam entusiasmo ao falar sobre bois e, juntas, compartilhavam saberes, ampliavam suas ideias, estando, pois, unidas cultivando o interesse pelo Boi.

As crianças continuavam querendo fazer bois! Então fomos perguntando como gostariam de fazer e surgiram várias ideias das crianças. Elas expressavam: “*Professora, a gente vai fazer o boi?*”, “*Eu quero desenhar*”, “*Eu quero fazer o boi*”, diziam elas. Assim, ajudamos as crianças a fazerem os bois de diferentes formas. Eles foram feitos: com desenho de livre representação (foram feitos muitos desenhos), desenho com a cabeça do boi para completar, desenho do vaqueiro e de seus objetos (sandálias, chicote, chapéu de couro que apresentamos concretamente), quebra-cabeça com pintura, recorte e colagem de figuras de boi no caderno, criação de bois de massa de modelar, enfeite do boi com papel picado, fantoche de boi com dobradura, escrita de palavras significativas no caderno (BUMBA MEU BOI, BOI DA CARA PRETA, VACA, BEZERRO), recorte e colagem dos personagens da lenda no caderno, vídeos (Turma do Folclore e Quintal da Cultura), gravação de vídeos em casa com os fantoches (personagens da lenda) pela família, criação de bois de manga com palitos no parque, confecção de bois de lata (lata, tecidos, *glitter*, lantejoulas coloridas).

O Projeto contemplou a literatura infantil, de modo que reunimos alguns títulos sobre o Bumba meu Boi para momentos de leitura e contação de história.

**Imagem 6:** Registro de um momento de leitura da história Boi Espácio na sala.



Fonte: Acervo do Projeto.

Esses livros ficavam à disposição das crianças na sala, bem como eram lidos nas rodas de história na sala ou na biblioteca.

Além da música Boi Bumbá, de Luiz Gonzaga, o projeto encontrou outras músicas como, O meu boi morreu, o que será de mim? (preferida da turma, depois de Boi Bumbá), Boi da cara preta e Levanta Boi! Nessa parte, tivemos uma considerável contribuição dos estagiários do curso de Música da UFC.

Uma experiência que enriqueceu o Projeto do Bumba meu Boi e dos “bois de verdade” foi um passeio realizado ao Museu do Vaqueiro, localizado no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, em Fortaleza. Muitas conversas antecederam essa visita e as crianças mostravam cada vez mais entusiasmo.

Durante a visita, as crianças não foram apenas receptoras de informações; ao contrário, foram protagonistas. Interagiram com o monitor, verbalizando seus conhecimentos e trocando informações. Quando se falou sobre o Bumba meu Boi, as próprias crianças se encarregaram de contar a lenda, surpreendendo o monitor. Elas viram exemplares de utensílios de vaqueiro (chapéu, roupa e sandálias de couro), berrante, várias imagens de sertão, de curral e de fazenda. As crianças relacionaram o museu do vaqueiro ao Bumba meu Boi, como se pode ver no título que deram ao texto produzido pela turma.

**Imagem 7:** Registro do passeio cultural: visita à exposição Vaqueiros.



Fonte: Acervo do Projeto.

O texto produzido em sala (de volta à UUNDC) também relata outras ideias lembradas pelas crianças.

PASSEIO AO MUSEU DO VAQUEIRO E DO BUMBA MEU BOI  
13/09/2018

NÓS FOMOS DE ÔNIBUS GRANDE DA UFC. NÓS SUBIMOS AS ESCADAS E PASSAMOS PELA RAMPADA. O MUSEU ERA ESCURO. O MONITOR TROUXE PRA GENTE VER: UM CARRO DE BOI, CHAPÉU DE COURO, O BERRANTE (QUE É FEITO DO CHIFRE DO BOI E PARECIDO COM UMA TROMBA DE MÚSICA).

NÓS VIMOS: A CARA DO BUMBA MEU BOI, A ROUPA DO VAQUEIRO, A CAMA DO VAQUEIRO E A REDE DO VAQUEIRO, UM CAVALO DO VAQUEIRO (PRA ELE CORRER ATRÁS DO BOI PRA PEGAR O BOI), O BUMBA MEU BOI E A CASA DO BOI (CURRAL), MÁSCARAS DA FESTA DO BOI, A ESCULTURA DO HOMEM PUXANDO O BOI, O FOGÃO DO VAQUEIRO.

TINHA CABEÇA DE CAVALO E CABEÇA DE BOI (CHIFRES, OLHOS ABERTOS, PELE COM PELOS). PEDAÇOS DE MADEIRA QUE FICAVA A COMIDA DO BOI (COCHO). ELE COME CAPIM, RAÇÃO, BEBE ÁGUA. A GENTE VIU A CERCA DE PAU PARA O BOI NÃO FUGIR.

A voz ativa das crianças neste passeio nos confirmava mais ainda que o projeto estava sendo significativo para elas.

Na sala, criamos o “Cantinho do Boi”, um ambiente constituído por materiais referentes ao projeto: cartazes impressos de bois, o texto do passeio, os cartazes com as letras de músicas, fotos das vivências, os bois de brinquedo, bois de barro, bois feitos com mangas colhidas no parque, utensílios de vaqueiro (sandálias e chapéus), livros de história, quebra-cabeça de boi e as fantasias de boi. Diariamente, as crianças recorriam a este espaço da sala, para manipular os materiais. Quase sempre nas rodas de conversa, as crianças traziam objetos desse espaço para a roda.

**Imagem 8:** Registro de um momento de conversa no Cantinho do Boi na sala.



Fonte: Acervo do Projeto.

No “Cantinho do Boi”, havia também algumas reproduções das obras do artista Adriano Dias, denominadas “Boi de reis”, que estiveram expostas para que as crianças pudessem contemplar. Selecionei alguns registros da opinião delas acerca das que mais gostaram.

ANA CECÍLIA – “São tantas lindas! Aquela não gostei. Eu gostei dessa, porque o boi é grande. Porque tem girassóis e é muito lindo. O boi tá se alegrando pra acordar, pra ele ficar alegre pra dançar”.

LUCAS – “Esse. É porque esse boi é tão lindo! Cheio de lantejoulas. Eu acho que ele tá andando no Piauí. (Lucas nomeou cada quadro de acordo com a letra da música: “Boi do Piauí, Boi do Mangangá, Boi do Ceará e Boi do Macapá”).

DAVI – “Esse, porque tem fitas. Tá acontecendo a festa do Bumba meu Boi. As pessoas gostam dele. Tá animado!”.

RUTH – “Eu gostei dessa imagem, eu gostei porque o pajé tá ressuscitando o boi. Tem a festa do boi. Porque a festa do boi só acontece quando o boi ressuscitar”.

SABRINA – “Esse, porque o boi tá de sapato. Ele tá dançando. Ele dança muito. Ele tem fitas. É a festa do Bumba meu Boi. Eu gosto”.

Para garantir às crianças mais uma experiência com o Bumba meu Boi, convidamos o Oré Anacã, Grupo de Dança Popular da UFC, que nos prestigiou com uma linda apresentação para crianças e familiares na UUNDC. As crianças puderam acariciar o Bumba meu Boi antes da apresentação (para que não se assustassem), fazendo uma experiência sensorial, tocando-o, pegando nas fitas, nos chifres e na roupa. As crianças pareciam realmente encantadas ao tocar o boi, sentindo-o com suas próprias mãos e vendo com os próprios olhos todo o colorido da apresentação.

Foi uma vivência de muita sensibilidade, alegria e interação com o personagem que tanto gostavam. Havia dançarinos vestidos de vaqueiros e de indígenas. Ao final da dança, as crianças pediram “*de novo! de novo!*”. Então foram convidadas a dançar junto com o Bumba meu Boi ao som da música animada.

**Imagem 9:** Registro da apresentação do grupo Oré Anacã com o Bumba meu Boi.



Fonte: Acervo do Projeto.

Esses recortes foram acontecimentos de destaque, mas na vivência da rotina havia todo um processo, muita conversa e experiências que resultaram nesses momentos. Havia um genuíno interesse das crianças pelo Bumba meu Boi e pelos bois. Elas tinham muita curiosidade e desejo de desenhar e fazer o boi. Eu,

como professora, os estagiários e bolsistas, como sujeitos mais experientes, ajudamos as crianças na ampliação e oferta de propostas que pudessem expandir o conhecimento e as experiências de cada criança.

Na festa de final de ano da UUNDC, as crianças pediram para dançar novamente a música do boi e assim fechamos um ciclo.

### **Reflexões para finalizar**

No imenso desafio de descrever e finalizar essa escrita, o que posso concluir, a partir do envolvimento das crianças, é que foi um projeto forte, potente e de grande significado para as crianças.

Podemos afirmar que o projeto permitiu que as crianças adotassem o Bumba meu Boi como um dos seus personagens preferidos, assim como o vaqueiro. Discutimos sobre bois, vacas, vaqueiros, a seca e a cultura nordestina. Em meio a tantos personagens veiculados pela mídia que atraem as crianças, a figura do Bumba meu Boi encantava a todos na UUNDC, incluindo os familiares.

A brincadeira do Bumba meu Boi, bem como os embalos com as músicas evidenciavam o interesse comum e a união do grupo, afinal esta brincadeira só ganhava sentido se fosse vivida em conjunto. Era evidente que bom era conversar uns com os outros sobre os bois, cantar, dançar e brincar. A intimidade gerada nesse contexto favoreceu o diálogo como uma forma valiosa de resolver os conflitos do cotidiano e de expressar os sentimentos.

Acreditamos que a dimensão corporal foi bastante contemplada por meio das danças e da brincadeira, que implicava na destreza nos movimentos e na liberdade de expressão.

Cabe refletir também que o trabalho com projetos é formativo para professores, seja para os que estão em formação inicial (no curso de graduação), seja para quem já possui experiência. Trabalhar com projetos é um caminho de aprendizagens, de erros, acertos e aprimoramento das práticas docentes. Abala profundamente algumas concepções enraizadas, permitindo

renová-las. O trabalho com projetos na Educação Infantil favorece uma convicção de que este é um caminho seguro de práticas pedagógicas que integram experiências diversas para as crianças, gerando aprendizagem e desenvolvimento.

Fecho os olhos e lembro como foram prazerosos todos os momentos animados, dançantes e cheio de risos com as crianças.

Finalizo a história desse projeto tão precioso para mim, pois, como professora da turma, foi possível criar as condições para dar continuidade e ampliar os interesses das crianças. O meu desejo é que minha partilha inspire e encoraje professoras a desenvolverem projetos criativos com suas crianças.

## **Referências**

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. da G. S. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB nº 5**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/CEB, 2009.



# CRIANÇAS PINTORAS: UM PROJETO DE ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Daniele Silva Vieira  
Celiane Oliveira dos Santos

*Todas as crianças são pintoras artistas.*  
(Ricardo, 5 anos).

## Introdução

Este capítulo apresenta os percursos trilhados pelas crianças da Turma Infantil V e suas professoras durante o Projeto “Crianças Pintoras”, no ano de 2009. Participaram do projeto 13 crianças na faixa etária de 5 ½ a 6 anos de idade. O título do projeto como as demais experiências vivenciadas pelo grupo partiram do próprio interesse das crianças, quando, durante uma atividade na área de artes, assim falaram: o que estavam fazendo “*eram verdadeiras obras de artes*” e mostraram interesse por fazer uma exposição, assim como exposições de outros artistas.

A criança cuja fala aparece na epígrafe desse texto vivenciou com seus colegas e professoras trajetórias que transformaram o cotidiano da turma e marcaram o processo de produção de sentidos, experimentação e construção de conhecimentos na Educação Infantil. Os diálogos das crianças em cada experiência foram decisivos para a organização das propostas, de modo que os itinerários de ensino e aprendizagem se revelaram na sua complexidade, incerteza e potencialidade de problematização.

As experiências com as Artes Visuais na UUNDC não ocorrem de forma fragmentada ou descontextualizada das demais experiências cotidianas, uma vez que o cuidado, a educação e o desenvolvimento das crianças são considerados de forma integral,

envolvendo múltiplos aspectos. Nesse sentido, concordamos com Silva (2015, p. 90), quando enfatiza que:

As Artes Visuais não são atividades que acontecem de forma isolada ou esporádica, mas precisam constituir e atravessar o cotidiano das instituições de Educação Infantil, porque sua presença na vida das crianças pode contribuir para ampliar o olhar de cada uma sobre o mundo e suas experiências estéticas.

Articula-se a essas dimensões, a forte consideração pelos princípios que norteiam o trabalho com projetos na instituição – cooperação, interesse e protagonismo das crianças, investigação, negociação, escolhas, flexibilidade, ação, reflexão, seleção de instrumentos e materiais, entre outros. Assim sendo, as crianças são consideradas como pesquisadoras ativas, capazes, produtoras de cultura, portanto, suas indagações impulsionam os percursos educativos.

Para Ostetto e Melo (2019), pensar as artes visuais na Educação Infantil não é reduzir a experiência da criança ao produto de um fazer criativo. Para as autoras:

Experimentar materialidades, pesquisar características físicas e simbólicas dos materiais enquanto os manipula pode fertilizar processos de criação que, suscitados por hipóteses formuladas na ação com/sobre a matéria, ampliam possibilidades expressivas, alargando, por sua vez, o conhecimento do mundo. Nesse processo criador, a criança envolve-se de corpo inteiro, sentindo e pensando (*Ibidem*, p.498).

Nessa perspectiva, possibilitar experiências no campo de conhecimento Arte com as crianças pequenas implica:

Colocar em movimento as aprendizagens do sentir, perceber, ver, ouvir, reconhecer-se como sujeito expressivo que se move pelo espaço de modos novidadeiros e inusitados que deslocam o olhar, surpreendem a escuta e reinventam o que é cotidiano. Nas descobertas e nos exercícios do fazer arte e dos gestos que emergem de cada uma dessas ações, revelam-se estéticas infantis que se nutrem das estéticas adultas e com elas dialogam, mas que se mostram próprias às crianças pequenas: são as estéticas infantis do

inacabado e do impreciso, do aqui e agora, que dispensam registros para a posteridade (Cunha, 2021, p. 82).

Desse modo, ratificamos a essencialidade da presença das artes visuais no cotidiano das crianças, compreendendo que a Educação Infantil pode se constituir como um contexto cultural que contribui para a ampliação de repertórios artísticos, a potencialização e refinamento das linguagens expressivas na infância, cumprindo um papel determinante de mediação artístico-cultural, conforme Ostetto e Melo (2019).

### *“Verdadeira obra de arte”*

Atentas às manifestações das crianças, pudemos perceber o interesse delas pelas experiências de artes, em especial as Artes Visuais. Certo dia, durante o momento dos “cantinhos”, algumas crianças estavam no “Cantinho das Artes” e faziam pinturas espontâneas com tinta; uma delas então comentou que o que elas estavam fazendo “era uma verdadeira obra de arte”:

*Ádila: Nossas pinturas estão uma verdadeira obra de arte.*

*Sofia: Isso mesmo.*

*Professora: Vocês sabiam que assim como vocês existem pintores famosos que também pintaram flores?*

*Ádila: É. E nós podíamos fazer também uma exposição com a nossa arte.*

*Professora: Vocês gostariam de fazer uma exposição de arte com as artes de vocês?*

*Ádila: Gostaria.*

*Sofia: Sim.*

*Professora: Nós podíamos visitar um museu para observar as obras de artes dos pintores. O que vocês acham?*

*Ádila, Sofia, Thayná: oba!*

*Ricardo: E nós podemos expor nossa pintura lá também para as pessoas vê?*

E assim foram dados os primeiros passos do “Projeto Crianças Pintoras” que, de maneira geral, possibilitou a ampliação de experiências sensoriais, corporais, expressivas das crianças, assim como vivências éticas e estéticas com outros grupos culturais (Brasil, 2009).

## *Construindo a tela: etapas e materiais*

### Visita ao MAUC

*“Por que nós não mostramos nossa arte para eles?”*

Ao final da rotina diária, numa roda de conversa, convidando a turma para socializar as produções de arte que haviam produzido, as crianças lembraram o diálogo que havia acontecido anteriormente sobre uma visita ao museu para observar as artes de outros pintores. Nesse momento, elas souberam que a turma iria, no dia seguinte, fazer uma visita ao Museu de Artes da UFC, ocorreu então o seguinte diálogo:

*Ricardo: Por que nós não mostramos nossa arte para eles?*

*Professora: Vocês gostariam que fosse feita uma exposição no museu com as obras de vocês?*

Todas as crianças se mostraram entusiasmadas com a ideia e responderam positivamente. Mas, a conversa continuou com novas ideias para o projeto:

*Sofia: E também a gente podia fazer um livro com as nossas artes.*

*Professora: Como seria esse livro Sofia?*

*Sofia: É um livro assim como os autores têm, com as artes deles.*

Em seguida, conversamos sobre o nome dos autores e as obras que eles iriam encontrar no museu. Quando mencionamos a existência de quadros de jogadores de futebol do pintor Aldemir Martins (1922 – 2006), os meninos se mostraram bastante entusiasmados para ver os quadros. Também foi notável o interesse por quadros com flores, assim como os quadros nos quais havia dragões, do pintor Chico da Silva (1910 – 1985). Quem é Aldemir Martins? Quem é Chico da Silva? Essas questões foram apresentadas pelas crianças durante as conversas e anunciavam as próximas pinceladas do projeto.

**Imagem 1:** Visita ao MAUC.



Fonte: Acervo do Projeto.

No dia da visita ao museu, as crianças foram recebidas por um orientador que se propôs a acompanhá-las durante o percurso e socializar algumas instruções sobre os cuidados necessários com as obras. Em seguida, as crianças se dirigiram até às galerias, visitando-as uma a uma, enquanto recebiam informações sobre obras, vida dos autores e suas técnicas. Durante as observações dos quadros, as crianças manifestavam seus sentimentos em relação às obras:

*Professora: O que vocês estão vendo nessas artes?*

*Levi: É mato*

*Ádila: O nome dessa arte é Marinha. (lendo a identificação do quadro).*

*Professora: Vem ver esse aqui. O que você está vendo aqui Bento?*

*Bento: um peixe, uma água e um mato.*

*Professora: Vamos ver este gato.*

*Levi: Ei ele é muito feio.*

Para Ostetto e Melo (2019, p. 501):

No processo de representação gráfica, a observação é um ponto muito importante. Olhar, observar é aprendizagem e, no trabalho com artes visuais, é um foco de atuação docente essencial. O exercício de observação e refinamento dos sentidos é enriquecido com as saídas para passeios à

cidade. São imensas oportunidades para ampliar olhares e fortalecer aprendizagens que podem contribuir para o exercício de representação gráfica, apurando os traços e a expressividade no desenho.

As crianças também tiveram a oportunidade de identificar as obras, seus autores e os temas que pintaram:

*Professora: Olha esse quadro aqui.*

*Pedro: Quem foi que pintou?*

*Professora: Foi o Aldemir Martins.*

*Pedro: Isso tudo? (olhando para a galeria)*

*Professora: Foi isso tudo, foi o Aldemir Martins quem pintou. E ele pintou outros quadros de jogador de futebol também. Ele também pintou outros animais. Vamos ver os animais que ele pintou.*

*Levi: Caranguejo*

*Thayná: Coruja*

*Professora: E aqui?*

*Ádila: Pássaros*

*Professora: Um pássaro. Que pássaro será esse?!*

*Bento: Um pavão!*

*Professora: Um pavão?! Por que Bento?*

*Ádila: Isso é uma ave gente!*

*Thayná: Uma cruz!*

*Bento: Jesus!*

*Ádila: Não. É um beato (lendo a legenda do quadro).*

*Thayná: Olha! Um bumba-meu-boi. Um bumba-meu-boi.*

*Professora: E aqui o que tem nesse quadro?*

*Cauany: Outra ave.*

*Professora: Outra ave! Quantos animais ele pintou né? E nesse quadro?*

*Cauany: É um gato.*

*Professora: O que você está vendo aqui?*

*Bento: Um boi.*

*Jairo: Olha um dragão, ele pintou um dragão. Olha, outro dragão, ele pintou um monte de dragão. (olhando para os quadros de Chico da Silva)*

*Paulo Jorge: O Estrigas usou cores claras.*

*Ricardo: Era para o Aldemir Martins ter pintado o jogador de futebol colorido.*

Ao final da visita, uma bolsista do museu reuniu a turma para conversar sobre a experiência e as crianças puderam então expor seus sentimentos, ideias, indagações e informações compartilhadas durante a visita:

*Bolsista: Alguém já foi em um museu?*

*Sofia: Eu sim.*

*Bolsista: Que outros museus vocês foram? Museu Dragão do Mar?*

*Ádila: Sim, para o Dragão do Mar.*

*Bolsista: Então, seu eu perguntasse o que é um museu o que é que vocês iriam responder?*

*Sofia: Tem arte também e tem muitos quadros.*

*Bolsista: Que mais?*

*Sofia: No museu tem muitos quadros de artistas famosos.*

*Bolsista: Certo, muito bem. Mas só tem quadros no Museu?*

*Sofia: Tem quadros e tem muitas outras obras mais.*

*Bento: Eu gostei de tudo.*

A visita ao Museu de Artes da UFC, dentre outras oportunidades, possibilitou que as crianças tivessem uma experiência direta com o assunto pelo qual manifestaram grande interesse. Além disto, por meio da aproximação com o real, isto é, com as obras de arte de cada autor presentes no museu, criou-se um canal “para o desenvolvimento da educação estética, da educação do olhar, da ampliação de referências para percepções e sensibilidades” (Ostetto; Melo, 2019, p. 509). As crianças escolheram dois autores para estudarem suas vidas e obras, ampliando assim seus conhecimentos.

Outro fato marcante na ida ao MAUC foi a presença do pintor Estrigas<sup>1</sup> durante a visita, por ocasião da exposição de suas obras. Esse acontecimento possibilitou um contato direto das crianças com o artista:

*Sofia: Eu perguntei a ele como ele tinha conseguido fazer todas essas obras e ele disse que ele usou muita tinta e um pouco de brilho.*

---

<sup>1</sup> Estrigas faleceu no ano de 2014.

**“Eu vi coisas brilhantes...”**

## **Texto Coletivo**

No dia seguinte, durante a acolhida das crianças, elas comentavam bastante sobre o passeio do dia anterior; então propusemos para a turma a escrita de um texto coletivo baseado nas impressões, ideias e acontecimentos. Em complemento a este momento, apresentamos alguns dos quadros<sup>2</sup> que as crianças puderam observar no museu e seguiu-se o diálogo:

*Professora: Olha só que é que eu trouxe para vocês. Vê se vocês lembram, onde é que a gente foi ontem. (Apresentando as imagens das pinturas dos autores, Chico da Silva, Aldemir Martins, Antônio Bandeira, Estrigas e Raymundo Cela).*

*Ádila: Ual! (admirada)*

*Bento: O dragão.*

*Thayná: É do gato.*

*Ádila: Como é que vocês conseguiram?*

*Sofia: Olha, é do gato verde Ádila! (admirada)*

*Professora: Quem é que pintou essas pinturas. Como é o nome do autor que pintou o gato?*

*Ádila: Aldemir Martins.*

*Ádila: Essa é do Raymundo Cela, essa aqui oh, Chico da Silva, essa aqui é do “Eees... estrigas”. Estrigas? (Lendo a legenda das imagens que continham o nome do autor).*

O texto coletivo foi construído a partir do que haviam observado na visita como, por exemplo, o que viram, o que acharam das obras:

*Professora: Como é o nome do lugar que a gente foi?*

*Sofia: Museu de Artes da UFC.*

*Professora: E o que foi que a gente viu lá?*

*Bento: Eu vi uma mulher com o cabelo todo pintado, colorido.*

*Thayná: Eu vi coisas brilhantes, muito brilhantes.*

*Pedro: Eu vi o homem jogando futebol.*

---

<sup>2</sup> A UUNDC possui algumas réplicas de quadros de grandes artistas como Aldemir Martins, Chico da Silva e Tarsila do Amaral, feitos com impressões das imagens em papel A4 e em dimensões menores.

*Pedro: Eu achei o tucano e o futebol*

*Bento: Eu vi o gato e o futebol.*

*Ádila: Nós vimos as artes.*

*Sofia: Muitas obras.*

*Bento: Eu vi o futebol e o gato.*

*Sofia: Tinha um gato verde e o outro era só preto.*

*Ricardo: Ele tem noventa anos*

*Bento: Eu vi aquela mulher com o cabelo todo colorido.*

*Pedro: Eu vi o gato perto do futebol.*

*Bento: Eu vi o peixe.*

*Sofia: Tinha um gato verde e outro, preto, preto, preto.*

*Thayná: Eu vi uma coruja preta.*

*Professora (1): Quem lembra, que tinha um senhor lá, assim que a gente entrou, que fez as artes daquela sala.*

*Bento: Era o senhor Estrigas.*

*Thayná: É o senhor Estrigas.*

*Sofia: Eu falei com ele como ele fez as artes e ele falou com brilho e muita tinta. E também ele usou uma coisinha pra colocar nos quadros.*

*Sofia: Aquelas formas quadradas para colocar nos quadros.*

*Sofia: E eu também lembro daquele quadro que tinha a moça e aquele outro quadro que era um círculo e tinha muitos desenhos, menino, bicicleta...*

Após a socialização, organizamos as ideias do texto e depois de revisado com as crianças, apresentou-se da seguinte maneira:

AULA PASSEIO CULTURAL AO MUSEU

NÓS FOMOS AO MUSEU DE ARTES DA UFC.

NÓS VIMOS AS ARTES E LÁ TINHA MUITAS OBRAS.

NÓS VIMOS O HOMEM JOGANDO FUTEBOL E A OBRA DO BOI DE OURO.

VIMOS TAMBÉM UMA MULHER COM CABELO TODO COLORIDO.

NÓS VIMOS O GATO, O PEIXE E O JOGADOR DE FUTEBOL PERTO DO GATO.

TINHA UM GATO VERDE E O OUTRO QUE ERA SÓ PRETO.

NÓS VIMOS TAMBÉM UM QUADRO QUE TINHA UM MENINO DORMINDO.

O SENHOR ESTRIGAS FALOU QUE FAZIA AS ARTES

COM BRILHO E MUITA TINTA E USAVA UMA FORMA QUADRADA PARA FORMAR O QUADRO QUE SE CHAMA MOLDURA.

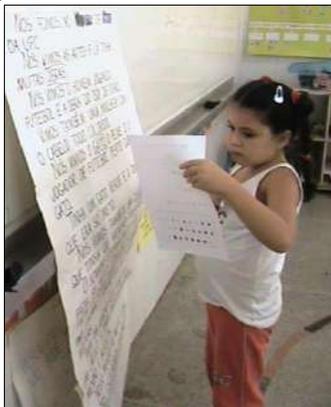
TINHA UM QUADRO AZUL QUE ERA UM CÍRCULO E TINHA MUITOS DESENHOS, MENINO E BICICLETA.

NOSSO PASSEIO FOI MUITO LEGAL.  
NÓS ESCOLHEMOS ESTUDAR SOBRE OS PINTORES CHICO DA SILVA  
E ALDEMIR MARTINS.

De acordo com Deheinzelin (1994), um texto é um ato íntegro de enunciação, oral ou escrita, uma tentativa bem sucedida de alguém (o escritor), de comunicar algo para outras pessoas de acordo com alguma intenção prática. Importa, sobretudo, que ele possa comunicar algo, de alguma forma e ter uma finalidade.

Após a visita ao museu, o texto construído pelas crianças foi bastante significativo para elas, tendo sido utilizado em outras experiências da turma. Em uma das atividades, sob forma de adivinhação, elas descobriam as palavras que estavam em sua atividade gráfica e, em seguida, pesquisavam no texto coletivo exposto na parede da sala.

**Imagem 2:** Atividade com Texto Coletivo.



Fonte: Acervo do Projeto.

*Levi: Olha aí professora, gato.*

*Professora: Quem foi que pintou o gato?*

*Ricardo: Foi o Aldemir Martins*

*Professora: Agora vamos ver se você acha as palavras no texto.*

*Levi: Não tem peixe aqui. (apontando para sua atividade, lendo o texto coletivo tentando achar as palavras que estavam na atividade.)*

*Cauany: Está aqui a letra Jairo.*

*Thayná: Não é essa não Bento, é essa aqui a letra.*

*Ricardo: Professora num tem que ir até o texto né?*

*Levi: Professora já descobri o mistério é gato, quadro e obras.*

*Levi: Está aqui Ricardo a sua palavra, tem outra aqui também, é gato.*

**“Seu nome era...”**

## **Pesquisa Sobre os Pintores**

Considerando os questionamentos das crianças “Quem é Aldemir Martins?” “Quem é Chico da Silva?”, sugerimos que, juntamente com seus familiares, realizassem uma pesquisa sobre as biografias dos artistas. No dia da socialização da pesquisa, numa roda de conversa, demonstrando grande satisfação, elas compartilharam diversas informações. Seguem alguns relatos:

*Ádila: Seu nome era Francisco Domingo da Silva, nasceu no Acre e era filho de uma cabocla. (lendo sua pesquisa)*

*Vitor: Minha pesquisa foi sobre o Chico da Silva*

*Pedro: O Aldemir Martins morreu em São Paulo.*

**Imagem 3:** Pesquisa sobre os artistas.



**Imagem 4:** Painel das pesquisas.



Fonte: Acervo do Projeto.

Após as apresentações, as pesquisas foram organizadas em um painel pelas próprias crianças que, em momentos diversos da rotina, recorriam a elas para consultar e conversar com seus colegas

sobre o tema: “Nós já sabemos de tudo, pois fizemos aquela pesquisa ali” (apontando para o painel das pesquisas).

**“As obras... São muito bonitas!”**

### **Apreciação e Leitura de Obras de Artes**

Segundo Barbosa (1998), preparar a criança para o entendimento das artes visuais, é prepará-la para o entendimento da imagem quer seja arte ou não. Outro momento do projeto consistiu na realização de leituras das pinturas de Chico da Silva e Aldemir Martins.

Para isso, foi organizada com a participação das crianças uma pequena exposição de artes na parte interna da sala das crianças. Réplicas de alguns quadros dos Pintores Aldemir Martins e Chico da Silva, em dimensão menor que as originais e elaboradas por meio da impressão das imagens foram dispostas nas paredes da sala. As exposições ocorreram em dias diferentes.

Ao observar as imagens, as crianças falavam para os colegas o que estavam vendo: as cores usadas pelos artistas, qual cor estava mais forte, ou qual foi mais usada pelos pintores, as formas geométricas que podiam distinguir nos quadros, qual animal ou animais e outras figuras que os artistas tinham representado. Compartilhavam também sensações, curiosidades e impressões.

Após a exposição das obras do Chico da Silva, ao terminar a observação dos quadros, todas as crianças bateram palmas e quando perguntamos por que estavam batendo palmas, responderam que *“era para as obras do Chico da Silva por que são muito bonitas!”*.

Em ambas as exposições, ao finalizar as observações e diálogos sobre os quadros, as crianças solicitaram materiais plásticos como papeis e tintas para também produzirem suas próprias artes.

*“Nós podíamos pintar o muro também assim como o Chico da Silva”*

## **Releitura de Obras de Artes**

Durante o projeto foram realizadas releituras das obras de arte dos artistas. Releitura se relaciona ao fazer artístico que parte da leitura de alguma imagem, de sua decodificação, dando a ela significados e sentidos próprios. As releituras foram feitas no decorrer do projeto, sob forma de diversas atividades como: pintura no cavalete, na área das artes e no muro da escola.

### **Releitura com tinta guache no cavalete**

Numa roda de conversa, iniciou-se uma discussão sobre o que tinha sido observado no museu, enfocando as artes dos pintores escolhidos. Em seguida, mencionamos os materiais que eles tinham usado. Uma das crianças falou *“eles usaram tinta guache, que tem até que colocar um pouquinho de água,”* lembrando do que o instrutor do museu havia dito sobre a técnica usada por Aldemir Martins e Chico da Silva. As crianças também mencionaram pincel e papel.

Na roda de conversa, fizemos a exposição de um painel com as fotografias do Chico da Silva, nas quais as crianças podiam observar fotos do artista em sua atividade de pintura. Nesta ocasião, a professora indagou sobre os materiais que o Chico da Silva estava precisando para fazer a arte, e se elas podiam observar o que o autor estava pintando.

*Levi: Ele está velhinho aqui.*

*Professora: O que ele está usando para desenhar?*

*Ádila: Pincel, tinta e folha.*

*Professora: E o que ele está desenhando?*

*Thayná: Ele está desenhando um galo.*

*Professora: Que cores será que ele está usando para desenhar?*

*Cauany: Vermelho e preto.*

Após este momento, a professora comentou que, assim como os artistas cujas obras viram no museu, eles também iriam fazer a arte deles e que posteriormente poderia ser exposta no museu.

Foi possível observar um grande entusiasmo por parte da turma antes e durante a realização da atividade. Ao terminar de pintar, algumas crianças pediam outra folha para pintar de novo. Na parte externa da sala das crianças, foram dispostos cavaletes, pois lá havia maior espaço para que as crianças pudessem se movimentar entre os cavaletes e observar as produções umas das outras.

Para a disposição das folhas no cavalete, sempre perguntávamos quanto à sua posição, se prefeririam a folha na vertical ou na horizontal. Foram observados nas pinturas temas livres e outros mais relacionados aos artistas estudados.

### **Releitura das Telas de Chico da Silva e Aldemir Martins**

Esta atividade foi realizada após a leitura das obras de arte de ambos os artistas. Cada criança pode escolher um quadro de preferência para fazer a sua releitura.

Durante a produção, as crianças testavam novas cores ao misturar tintas; valorizavam a sua própria produção assim como a do outro, dizendo *“está lindo”*; desenvolviam o cuidado com a produção do outro quando prestavam atenção para não *“borrar”*, assim como tinham cuidado com os materiais utilizados.

Antes da realização do projeto, era comum observar as crianças tecerem os seguintes comentários: *“a sua atividade está feia”*; *“não é assim que se faz”*; *“o meu está mais bonito do que o seu”*. Posteriormente, elas demonstraram maior valorização da produção dos outros colegas, como também da sua própria produção, passando, assim a querer que observassem suas artes e a observar as outras artes também.

*Pedro: É assim oh! Olha ali oh! É assim não é? (Mostrando sua pintura comparando com a de Chico da Silva).*

*Cauany: Tá bonito? (perguntando aos colegas)*

*Pedro: Tá sim, tá lindo.*

*Sofia: Tá bem clarinho.*

*Sofia: Aqui é a casa do Aldemir Martins, porque ele tem que ter um lugar para morar.*

*Cauany: Olha o meu Bento.*

*Bento: Tá lindo e o meu.*

*Cauany: Tá lindo também.*

*Priscila: Amarelo com azul fica o que gente?*

*Priscila: Fica verde.*

*Jairo: O meu tá bonito oh?*

*Cauany: Tá*

Numa roda de conversa sobre as artes do Chico da Silva, foi lembrado pelas crianças que o pintor Chico da Silva havia começado a fazer suas artes, pintando com carvão nos muros. A partir disso, as crianças puderam expor seus conhecimentos sobre a vida do pintor:

*Ádila: Ele começou a pintar com carvão no muro.*

*Thayná: Ele começou a pintar com carvão porque ele era pobre aí um amigo deu tinta pra ele e ele começou a pintar bem colorido.*

Posteriormente, apresentamos um saco de carvão e, em seguida, exploramos os conhecimentos prévios que a turma tinha sobre o carvão. Uma das crianças ao ver o carvão falou:

*Sofia: Nós podíamos pintar o muro também assim como o Chico da Silva.*

*Professora: como seria Sofia?*

*Sofia: Primeiro a gente desenhava com o carvão e depois a gente pintava com tinta.*

*Professora: Gostaram da ideia da Sofia?*

*Todos: Sim*

*Ricardo: Nós vamos pintar o muro da escola?*

*Professora: Vamos pintar o muro assim como o Chico da Silva. Você quer?*

*Ricardo: Quero.*

Entregamos pedaços de carvão para cada criança para que elas pudessem sentir as características como textura, cor, dureza, utilização. Imediatamente, ao pegar o carvão, algumas crianças começaram a pintar a própria mão, descobrindo que o carvão

deixava a cor preta; outros ainda começaram a escrever com o carvão no chão.

*Thayná: Olha professora o carvão suja a mão bem facinho.*

*Ádila: É mesmo.*

*Ricardo: É preto, todo preto.*

*Cauany: É duro professora.*

*Pedro: É mais dá pra quebrar bem facinho, olha. (disse esfarelando um pedacinho de carvão).*

*Vitor: Dá pra pintar com o carvão.*

**Imagem 5:** Releitura no Muro com Carvão.



Fonte: Acervo do Projeto.

Após colocarem os aventais, as crianças se direcionaram ao muro da escola que fica na parte externa, pois assim como o pintor Chico da Silva iriam fazer pintura no muro com carvão e com tinta.

Cada criança se propôs a ajudar nesta tarefa, levando os materiais necessários até o muro que iria ser pintado; algumas levaram as tintas, colocando cada cor em pequenos recipientes e outras levaram os pincéis. Uma das crianças falou “*Professora está faltando a água para lavar os pincéis*”. Esta técnica passou a ser usada pelas crianças com o objetivo de não misturarem as cores, definindo assim cada cor. Usando a água para lavar o pincel antes de usar outra tinta, descobriram que as cores ficavam mais definidas e faziam a mistura das cores só quando realmente desejado.

**Imagem 6:** Releitura no Muro com tinta guache.



Fonte: Acervo do Projeto.

**Imagem 7:** Chico da Silva.



Fonte: MAUC

### **Releitura em folha A4 40kg com carvão no cavalete**

Em outro momento, novamente manuseando o carvão, as crianças começaram a riscar o chão da sala, lembrando a atividade realizada anteriormente de pintura no muro, onde haviam descoberto que o carvão também servia para escrever e desenhar.

Uma delas solicitou folha para pintar com carvão; então veio outra descoberta. Além de pintar no muro, também podiam fazer arte com carvão no papel. Desta maneira, disponibilizamos folhas nos cavaletes para que outras crianças também pudessem experimentar. Com isso, foi oportunizada mais uma aproximação das crianças com uma das técnicas utilizadas pelos artistas, favorecendo a descoberta e a exploração de outra maneira de representação artística.

Paulo Jorge: Eu pensava que pintar com carvão era difícil, mas porque eu nunca tinha pintado com carvão. Agora eu sei que é fácil.

*“...um livro com as nossas artes”*

## **Livros dos artistas**

Esta atividade foi proposta por uma das crianças numa roda de conversa, no início do projeto, quando disse *“E também a gente podia fazer um livro com as nossas artes [...] É um livro assim como os autores têm, com as artes deles”*.

O livro dos artistas, assim denominado pelas próprias crianças, foi composto pela biografia de cada uma contendo seu nome completo, a data de nascimento, o nome completo dos pais, a escrita ou o desenho do que eles mais gostaram no projeto, ou o que elas mais gostavam de fazer, ou de desenhar. Nas últimas folhas, colocaram suas fotos durante a realização de uma atividade de artes.

**“O Infantil 5 convida o mundo inteiro para a exposição das artes”**

## **Exposição**

Para encerramento das atividades do “Projeto Crianças Pintoras”, organizamos uma exposição com as produções em tela das crianças, no Museu de Artes da UFC. A ideia da exposição partiu do próprio interesse das crianças, no início do projeto, quando durante a roda de conversa uma delas falou *“E nós podíamos fazer uma exposição das nossas artes”* e outra criança falou *“Porque nós não mostramos nossas artes para eles?”*. E, mesmo durante o andamento do projeto foram observadas várias falas das crianças referindo-se à exposição no museu:

*Ádila: Cuidado com a tua arte Priscila porque ela vai para o museu.*

*Priscila: Nossa arte vai para o museu para as outras pessoas verem e fazer igual né?*

*Ricardo: É essa a arte que vai para o museu?*

*Professora: Vocês têm alguma ideia para o dia da exposição?*

*Sofia: Nós trabalhamos duro para essa exposição.*

*Professora: Para onde vai essa arte Pedro?*

*Pedro: Vai para o Museu.*

*Professora: Vocês têm outra ideia para a exposição?*

*Ricardo: A gente podia chamar outras pessoas pra ir ver.*

*Priscila: Nós podíamos fazer uma carta.*

*Professora: Uma carta?*

*Sofia: Não, é um convite.*

*Professora: Ah, é um convite. E o que pode ter nesse convite?*

*Sofia: O Infantil IV convida o mundo inteiro para a exposição das artes.*

Levando em consideração todas as ideias dadas pelas crianças, foram confeccionados, então, dois convites: um convite para cada uma, e outro de tamanho menor, para que pudessem entregar para alguém que gostariam que fosse para a exposição. Ambos os convites continham suas falas sobre a exposição:

*Thayná: São pinturas no quadro com tinta.*

*Ádila: A exposição vai ser muito legal.*

*Jairo: A exposição vai ser muito bonita.*

*Ricardo: Todas as crianças são pintoras artistas.*

**Imagem 8:** Exposição no MAUC



Fonte: Acervo do Projeto.

“Todas as crianças são pintoras artistas”; assim nasceu o nome da exposição e o nome do projeto.

Entramos em contato com o responsável pelo Museu de Artes que prontamente colocou o museu e os outros materiais necessários à disposição para a organização da exposição.

No dia da exposição, as crianças se mostraram ansiosas e preocupadas com o evento, e uma das crianças chegou a comentar com outra que estava muito bonita para a exposição.

Acompanhadas de seus familiares, as crianças, ao chegarem ao museu, foram de imediato identificar sua arte, mostrar para seus familiares e identificar a arte dos outros colegas. Elas se sentiram valorizadas e com satisfação e alegria conduziam seus parentes na exposição.

*Professora: O que foi que vocês mais gostaram na exposição?*

*Priscila: Eu gostei dos meus dois quadros.*

*Thayná: Eu gostei de tudo.*

*Levi: Eu gostei de tudo.*

*Ádila: Antes era diferente, eu vi coisas que eu nunca tinha visto antes. Agora está tudo diferente, porque o museu está cheio das nossas artes.*

### ***Últimas pinceladas***

Uma Educação Infantil de qualidade, com a promoção de ricas experiências de aprendizagens que sejam significativas para as crianças, se faz a partir de sua escuta, considerando que elas são seres capazes que precisam ter seus interesses e necessidades respeitados por parte de todo o corpo docente e gestores da instituição.

Desenvolvendo a sensibilidade das crianças por meio de oportunidades diversas de produção simbólica, de experimentação, de expressão e ser e estar no mundo, certamente, elas estarão mais abertas à alteridade e à acolhida do outro.

A escola de Educação Infantil tem, portanto, o compromisso de ampliar as possibilidades das crianças. É um espaço privilegiado, no qual as crianças encontrarão outras crianças, outras culturas, diversos mundos e expressões. O acesso às

diferentes linguagens, manifestações e bens culturais deve fazer parte do currículo.

O desenvolvimento do lúdico, do estético, da criatividade pela criança requer um cotidiano com artes em suas legítimas expressões, que não seja reduzido a eventos pontuais, especificamente como em datas comemorativas.

O trabalho com projetos pedagógicos, desenvolvidos considerando os interesses das crianças, garante o seu envolvimento, a participação ativa no planejamento, execução das atividades e a construção significativa dos conhecimentos.

Com o “Projeto Crianças Pintoras”, as crianças ampliaram suas experiências nas artes visuais, o desenvolvimento da capacidade de apreciação, leitura e releitura de imagens e o respeito as suas produções e às produções de outras pessoas.

## Referências

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino de artes**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB nº 5/2009**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 18 dez de 2009.

CUNHA, S. M. Crianças pequenas e arte: expressões e significações. **Revista Em Aberto**, Brasília, v. 34, n. 110, p.75-84, jan/abr. 2021. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/4587>

DEHEINZELIN, M. **A fome com a vontade de comer**: uma proposta curricular de educação infantil. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

OSTETTO, L. E.; MELO, M. I. Na escola, na cidade, no museu: fazer e pensar artes visuais na educação infantil. **Revista GEARTE**. Porto Alegre, RS, v. 6, n. 3, out. 2019. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/gearte/article/view/92372/54598>>.

SILVA, M. D. N. da. **As Artes Visuais nas práticas das professoras de uma Unidade Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte**. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2015.

# O FANTÁSTICO MUNDO DAS BORBOLETAS

Kátia Cristina Fernandes e Silva

## Introdução

Este relato de experiência retrata um trabalho com projeto desenvolvido em 2008, com um grupo de crianças na faixa etária entre 4 ½ e 5 ½ anos de idade que manifestou interesse pelas borboletas, durante um passeio aos arredores da Unidade Universitária Núcleo de Desenvolvimento da Criança (UUNDC), localizada no *campus* do Pici, da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Deste modo, as propostas de atividades estão organizadas considerando as questões, afirmações, refutações e hipóteses das crianças. O grupo já frequentava a UUNDC há três anos, com exceção de Zidane, que chegou na instituição naquele ano. Assim, acolhemos 14 crianças, seis meninas e oito meninos, que se integraram à rotina das atividades nos espaços internos e externos da instituição.

Em concurso público para ingressar no Núcleo, nós nos apropriamos das bases teórico-metodológicas que orientavam a Proposta Pedagógica da instituição. Deste modo, compreendemos que o currículo dessa instituição se constituía como “um processo de vida, uma sucessão de experiências, em que cada uma se desenvolve da anterior, permitindo uma contínua e frutuosa reconstrução da experiência” (Dewey, 1978, 40). Embora, como professoras da turma, estivéssemos compartilhando experiências pedagógicas pela primeira vez, já tínhamos sido contemporâneas na formação superior, durante a graduação em Economia Doméstica/UFC.

De forma breve, consideramos relevante destacar que as experiências narradas se iniciaram no ambiente externo da UUNDC. Esse contexto convidava as crianças a explorarem com toda energia o grande parque<sup>1</sup> em meio ao sombreado das árvores com copas grandes, como mangueiras e cajueiros. O chão de areia atraía os grupos de crianças de diferentes idades para brincadeiras com terra, entre galhos e folhas, na água ou com objetos estruturados que as crianças gostavam de manipular, como baldes, pás, peneiras, colheres, copos e painéis.

A casa da árvore encantava as crianças que demandavam tempo para brincar. Em torno desse local, elas também utilizavam cordas grossas e escorregadores. As professoras planejavam situações diversas para acontecerem no topo da casa da árvore, pois esse espaço era bem requisitado pelas crianças. A mangueira frondosa sustentava a casa de madeira, local em que as crianças gostavam de subir e observar as mariposas do tipo “estaladeira” (*Hamadryas amphinom*).

As crianças e os adultos avistavam prédios como laboratórios, salas dos cursos de Graduação em Economia Doméstica e Engenharia de Alimentos, a paisagem com árvores de grande porte e o açude Santo Anastácio, pois não havia muros que delimitassem a área externa da instituição e a área do *campus* do Pici. Ao olhar para o referido açude, avistavam-se garças, plantas aquáticas e pescadores em boias com rede de pesca de arrasto. Era uma prática comum da equipe de professoras, organizar passeios aos arredores do açude.

Assim, concebia-se que o uso do espaço externo possibilitava o convívio com a natureza, favorecendo, além do encantamento, o desenvolvimento da iniciativa, da autoconfiança, da criatividade, da capacidade de escolha, da tomada de decisões e da resolução de problemas.

Mediante esse contexto, propusemos, na segunda semana de acolhimento das crianças, um passeio aos arredores do Núcleo,

---

<sup>1</sup> Essa denominação foi feita pela equipe pedagógica da instituição

com intuito de promover o contato com a natureza por meio de observação da paisagem local.

A Proposta Pedagógica da instituição orientava o trabalho da professora, considerando o trabalho com projeto como uma forma de organização das experiências que compõem a prática pedagógica e que se fundamenta em princípios éticos, políticos e estéticos (Brasil, 2017). Em síntese, este relato inicia-se com essa breve introdução, seguida com quatro sessões que ilustram algumas experiências das crianças e professoras na busca de conhecer mais profundamente as borboletas.

### **Que passeio interessante e envolvente! Uma proposta de observação e registro nos arredores do açude Santo Anastácio**

A Proposta Pedagógica da UUNDC apresenta aspectos importantes que orientam o trabalho da professora, dentre eles, criar condições planejadas para as crianças se desenvolverem e aprenderem como seres capazes, competentes e ativos. Com efeito, o projeto intitulado pelas crianças de “O fantástico mundo das borboletas” teve seu início considerando as hipóteses, as dúvidas, as afirmações e a problematização das crianças em torno da vida desse inseto.

Este relato mostra algumas experiências vividas pelas crianças e professoras que aconteceram entre o mês de março ao mês de novembro de 2008. Para acolher as crianças na segunda semana da chegada delas à instituição, foi proposto um passeio aos arredores da Unidade para observar o ambiente natural, próximo ao açude Santo Anastácio, localizado no *campus* do Pici, da Universidade Federal do Ceará.

Cabe salientar que o espaço externo, em especial, encantava as crianças, enquanto observavam os arredores com muita curiosidade. Com objetivo de dar condições para o registro das crianças, fornecemos pranchetas, lápis grafite, máquina fotográfica e gravador de voz, como mostra a Imagem 1.

**Imagem 1:** Registro de observação das crianças, durante o passeio aos arredores do NDC



Fonte: Acervo do Projeto.

Nesse contexto, entendemos que as crianças assumiram uma participação ativa e protagonizaram suas ações em torno de suas curiosidades, interesses e motivações para aprender e se desenvolver. Elas expressaram suas opiniões sobre os cuidados com o deslocamento entre a instituição e o açude, além de escolherem o local para a observação.

Ademais, buscamos uma escuta atenta das crianças com o intuito de compor uma documentação subsidiada pelas falas delas. Em consonância com Oliveira-Formosinho *et al* (2007, p. 28), concebemos a escuta, como:

um processo contínuo no cotidiano educativo, um processo de procura de conhecimento sobre as crianças (aprendentes), seus interesses, suas motivações, suas relações, seus saberes, suas intenções, seus desejos, seus modos de vida, realizado no contexto da comunidade educacional, que procura uma ética de reciprocidade.

Para ilustrar esse momento de envolvimento, segue o diálogo entre as crianças, após indagarmos acerca do que viram e sentiram, durante o passeio ao açude:

*Eu vi umas pessoas pegando peixe.  
Eu gostei da lagoa.  
Eu vi e gostei das plantas.  
Eu vi até borboletas.  
Depois passou borboleta no meu quarto.  
Eu vi uma borboleta de três cores.  
Eu vi as plantas, a lagoa, uma planta sem folhas.  
Eu gostei mais do Rio.  
Eu vi um pescador. E mesmo assim meu pai estuda os peixes.  
Eu estou ouvindo um periquito. Eu vi a voz do periquito.  
Eu gostei mais da borboleta e das flores.  
Periquito é o nome de um pássaro. Tem um periquito que é australiano.  
Eu vi uma borboleta que eu gostei.  
Eu vi as flores e as borboletas.  
Eu gostei das plantas e das borboletas e dos pássaros e da lagoa.  
Eu vi o avião.  
Eu gostei do avião.  
Eu gostei de uma flor branca com uma bolinha amarela no meio.  
Era o Girassol.  
Era uma margarida.  
Será que vira mel? A flor?  
É o pólen da flor. Ele tira para virar mel, aquele líquido.  
O Beija-flor tira o néctar.  
Aqui [apontando para o rosto] é branco e aqui fora é amarelo.  
Como é que é o nome desse negócio branco? Ah! é o pólen e é o néctar.  
É a flor. [apontando para parte 'branca de Breno'].  
Como é que é o nome?  
É pétala. E de dentro é o pólen.  
O Girassol cai da pétala a cada dia.  
Eu acho que é por causa do sol que queima e não aguenta e cai.  
Por que as pétalas caem do Girassol?  
Eu gostei da lagoa.  
Eu gostei também dos pássaros.  
Então a pena é a roupa dele?  
Se ele não tivesse pena, ele ia ficar pelado.  
Ele voa porque é a maneira que ele não cai por causa da gravidade.  
Por que será que os pássaros voam?  
Porque tem asas.  
A galinha não voa porque é pesada.  
O pássaro voa porque é maneiro.  
Não, o pássaro voa porque tem asas.  
E a galinha voa?*

*Não voa porque a galinha é pesada.*

As crianças expressaram suas percepções acerca do que viram ao apreciarem o ambiente natural em que estavam naquela tarde. Elas também representaram por meio de desenhos o que observaram. Esse momento foi marcado por muita alegria e persistência das crianças ao conversarem sobre os animais (periquito, galinha), tipos de flores, evidenciando aspectos da natureza que estavam presentes nos arredores. Percebemos nas falas um vocabulário rico, além das ideias relativas ao voo da galinha e a relação com o conceito de gravidade, considerando que este fato impedia a ave de voar. Sensacional! A sensibilidade e a euforia das crianças na formulação de hipóteses são surpreendentes e fascinantes.

Interagimos com as crianças na tentativa de evidenciar as questões que pareciam despertar o interesse delas. Quando saímos do açude em direção à instituição, elas pediram para subir na casa de madeira da árvore e continuamos o diálogo, nesse momento, mais especificamente, elaborando questões e discutindo aspectos sobre as borboletas. Para ilustrar esse momento, segue um trecho da percepção delas, ao fazermos os questionamentos:

*[Percebemos que havia muitos animais e plantas perto do açude. O que mais chamou atenção de vocês?].*

*Uma criança perguntou: As borboletas voam como os passarinhos?*

*Outra criança afirmou: As borboletas voam.*

*Um menino disse: Não pode matar as borboletas porque é da natureza.*

*Uma menina evidenciou: Tem umas que são só de uma cor.*

*Um menino ressaltou: A borboleta voa e come.*

*Outro menino falou: Come um bichinho amarelo que está dentro das flores que é o pólen.*

*Uma menina explicou: As borboletas ficam no vidro e viram minhoca e depois viram borboleta.*

*Um menino perguntou: Existe borboleta grande? (Grupo de Crianças, Mar. 2008).*

As falas mostram como o grupo demonstrava interesse, curiosidade e autonomia. Constatamos que as crianças realizaram

afirmações e perguntas bem elaboradas, formulando as ideias e hipóteses sobre o voo da borboleta, a função que esse animal exerce na natureza, em especial, acerca da polinização das flores. Diante da curiosidade das crianças, sugerimos a exposição dos desenhos na sala para que outras crianças, familiares e profissionais da instituição pudessem apreciar o que elas haviam registrado no passeio. Com efeito, elas compartilharam essa experiência, recorrendo aos desenhos e, a partir disso, observamos o interesse em buscar informações sobre as borboletas.

Desta forma, planejamos um ambiente em que elas pudessem ampliar, refutar e formular novas ideias sobre esse animal que tanto despertava a curiosidade delas. Inspiradas em Dewey (1978), entendemos que o papel da professora se revelava como “elemento essencial da situação em que a criança aprende e sua função é, precisamente, a de orientar, guiar e estimular a atividade através dos caminhos pelo saber e experiência do adulto” (*Ibidem*, p. 39).

Vale salientar que, na sala de referência, já havia um quadro bem grande com diferentes tipos de borboletas, seus respectivos nomes científicos e o local de ocorrência no Brasil. Além disso, havia diferentes suportes literários sobre o tema, uma caixa com insetos empalhados, lupas e redes disponíveis. Isso contribuiu para que as crianças tivessem acesso aos materiais que ajudavam nas descobertas sobre esse inseto. Por outro lado, tivemos que nos debruçar sobre informações que pudessem ser compartilhadas junto às crianças, possibilitando, assim que elas aprofundassem seus conhecimentos.

Ademais, as crianças se organizavam em torno dos materiais, na procura de borboletas, em conversas com outras professoras e crianças, com as famílias na Instituição e com professores pesquisadores especialistas que foram convidados para falar sobre as borboletas. O teatro esteve presente nas escolhas das crianças para representar a metamorfose. A visita ao Borboletário da UFC provocou uma sensação de magia, favorecendo a construção de conhecimentos e trocas de experiências fascinantes.

Na próxima seção, evidenciamos alguns momentos da rotina, destacando a forma como as crianças protagonizaram o projeto intitulado por elas de “O fantástico mundo das borboletas”.

### **A investigação das crianças sobre “o fantástico mundo das borboletas”**

Esta seção discorre com mais detalhes sobre o que vivenciamos com as crianças ao decidirmos, em conjunto, investigar as afirmações, as dúvidas e as hipóteses que elas haviam levantado sobre as borboletas.

O estudo sobre a vida desse animal aconteceu de maneira envolvente pelas crianças. Elas já consultavam com frequência o quadro exposto em sala com imagens de lagartas e borboletas, contendo também informações diversas, dentre elas, o local de ocorrência. Foi recorrente a consulta a esse recurso. Elas faziam a relação entre o nome da borboleta e a preferência de cada criança, por exemplo. Uma criança pegou um giz e desenhou uma borboleta no chão. Outras crianças também o fizeram. Sugerimos a escolha pelas crianças de uma espécie do quadro em questão. Expusemos uma silhueta de uma borboleta de asas abertas. Elas propuseram realizar essa proposta, sentadas em uma mesa comprida na varanda da sala e depois escolheram um local para a exposição, a fim de compartilhar com outras crianças e adultos informações sobre o local de ocorrência delas no Brasil.

**Imagem 2:** Crianças na varanda para registro de uma espécie de borboleta, a partir de um quadro científico.



Fonte: Acervo do Projeto.

Em virtude disso, elas se apropriaram da nomenclatura popular das borboletas, como ilustra a fala de uma criança: *“Olha, a caixão de defunto”*. Outra criança justificou a escolha da borboleta *“Seda Azul”*, porque correspondia à sua cor preferida. Uma criança demonstrava admiração pela *“borboleta olho de boi ou a borboleta capitão do mato”*. Ficamos atentas aos interesses das crianças no que se referia às preferências de representação e informações sobre o tipo de borboleta que mais chamava a atenção delas. Foram muitas as sugestões e procura das crianças por materiais para a representação das borboletas, por exemplo, a argila para modelagem e diferentes tipos de papéis para desenhar. Sugerimos também a confecção de borboletas com garrafas pets e dobraduras. As crianças demonstraram sinais de envolvimento (Pascal; Bertram, 1999),<sup>2</sup> como satisfação, criatividade, persistência, linguagem e tempo de reação ao participarem das organizações das atividades.

No decorrer do semestre, as tardes na Unidade passaram a ser o momento de caça às borboletas no parque. Certo dia, uma criança segurava a rede com uma borboleta que havia encontrado no

---

<sup>2</sup> Pascal; Bertram (1999).

espaço externo, e outra criança identificou que se tratava de uma mariposa e disse:

*As asas da mariposa são maiores.*

*Outra criança respondeu: Eu já vi.*

*A criança que segurava o animal disse: É uma borboleta marrom. Isso é branco. [aponta para o abdome].*

*A professora perguntou a que classe de animais pertencia a mariposa. Uma das crianças disse: É um inseto.*

*A criança que segurava o animal falou: É por causa do corpo.*

*A professora perguntou: Por que será que esses bichos são insetos?*

*Uma criança respondeu: Porque anda na casa das pessoas.*

*Outra criança disse: Mas, não!!! porque a aranha entra. Ela come pólen.*

*A criança que segurava o animal disse: As aranhas sobem pelas paredes.*

*Uma criança comentou: Elas nascem e chamam de insetos.*

*Outra criança acrescentou: Tem corpo. Tem asas, tem patas. As unhas são grandes.*

*Uma das crianças disse: A barata tem antenas.*

*Outra criança comentou: Barata tem asas.*

O diálogo das crianças com a professora se desenvolveu em um ambiente de acolhimento e desenvoltura para elaboração de questões que se manifestaram em torno de um conhecimento específico e aprofundado sobre as borboletas. Forman (1998) reitera que um bom projeto permite a contribuição individual de cada criança e também permite que elas interajam visando objetivos comuns. As crianças aprendem a dialogar, vivenciar situações de conflitos cognitivos e a coordenar diferentes opiniões.

A busca por informações sobre esses animais impulsionava as crianças a expandir o vocabulário e a perceber diferentes aspectos da vida cotidiana. Nesse contexto, as famílias participaram do processo de investigação junto às crianças, enviando pesquisas relacionadas ao inseto.

Ademais, no percurso para a instituição, as crianças avistaram um campo de girassóis que fazia parte de um experimento do Departamento de Engenharia de Alimentos, da Universidade Federal do Ceará, no *campus* do Pici. Observamos o interesse das crianças, quando mencionavam que apareciam borboletas por lá e

então, sugerimos ao grupo um passeio a esse campo. Quando chegaram ao local, elas exploraram o espaço com muita energia e comentaram sobre o cheiro, as diferentes cores e tamanhos e a posição das plantas em relação ao sol. Neste dia, organizamos - professoras e crianças - o espaço externo com cavaletes e papel de tamanho A3, depois da ida ao campo, para que elas representassem, por meio da pintura com tinta guache e pincel, o que elas haviam observado. Elas perceberam a presença de libélulas e pássaros.

As questões relacionadas à diferença entre néctar e pólen ainda estavam presentes nas falas das crianças. Como professoras, sempre atentas às solicitações das crianças, acatamos a sugestão delas para que fosse lida a história “A lagarta e a borboleta”, o que impulsionou a participação ativa do grupo para pensar sobre a vida desse inseto. Antes do início da leitura, a professora mostrou a capa do livro e fez alguns questionamentos sobre o que elas achavam que aconteceria naquela história, a partir da capa. As crianças identificaram a borboleta e levantaram a hipótese de que ela iria voar pela floresta. Durante a leitura, as crianças foram fazendo perguntas, participando com informações tais como:

*O que é larvinha?*

*Outra criança respondeu: “Eu acho que é uma lagartinha”.*

*Eu sei o que é casulo! É onde a lagarta nasce”.*

*A borboleta fica dentro”.*

*“A lagarta, não, a borboleta”.*

*“Não é a borboleta”. “Ela entrou dentro”.*

*“O que é crisálida?”*

*“É o casulo. Ai a lagarta virou uma borboleta”.*

Em suma, as crianças demonstraram persistência para continuar aprendendo sobre borboletas e reagiram ao conteúdo da história se posicionando por meio da linguagem, acerca do tipo de animal – larvinha ou lagarta? Casulo para abrigar a borboleta ou a lagarta? A convicção de uma criança de que a borboleta entrava no casulo provocou um conflito de ideia entre as crianças. Este fato nos

levou a questioná-las sobre como elas achavam que a borboleta poderia entrar no casulo com as asas tão abertas e grandes.

Elas continuaram a expressar o que entenderam sobre a metamorfose; após o término da leitura, uma criança falou: *“Era, mas tinha uma coisa, o casulo. Ai depois ele virou borboleta. Mas, primeiro ovo, larva, lagarta; ela faz o casulo, o casulo vira borboleta. O casulo se partiu e virou borboleta”*. Questionamos as crianças: *“Como o casulo virou borboleta?”* Na roda de conversa, outra criança sugeriu brincar com as fantasias e mostrar como a borboleta nascia.

Neste momento, o Luan manifestou interesse em vestir a fantasia de uma borboleta. Uma das crianças contestou afirmando que ele não podia ser uma borboleta, pois só havia *“borboleta mulher”*. Ele esclareceu que *“podia ser borboleta”* porque também existia *“Borboleta macho”*. Neste momento, realizamos a leitura de um livro científico e confirmamos o argumento de Luan que se sentiu muito feliz; assim sua proposta inicial foi aceita.

Após a leitura da história, Matheus observou que a borboleta apresentava uma parte fina e comprida que saía da boca, como se fosse uma língua. Neste momento, levantou a seguinte hipótese: Professora, será que saiu uma língua de dentro da boca dela? Então, o João Lucas explicou que a borboleta tinha uma tromba. Matheus disse: *“Mas, quem tem tromba é elefante?”*. João Lucas então, chamou Matheus até o cartaz de uma borboleta para mostrar que a borboleta chupava o néctar das flores com a tromba. Matheus contestou dizendo *“que não! [a borboleta não comia] o néctar, mas o pólen”*.

Bem incomodado com a refutação do amigo, João Lucas chamou a professora e disse: *“Professora, na boca da borboleta, tem uma tromba que estica assim, oh! [esticando o braço] e ela estica bem muito e come o néctar ou pólen”*. Este fato nos levou a verificar que as crianças ainda tinham dúvida sobre de que realmente a *“borboleta”* se alimentava. Do néctar ou do pólen?

A foto 3 evidencia a sugestão das professoras para investigar sobre esse fato, agendando uma visita<sup>3</sup> ao borboletário<sup>4</sup>, coordenado por uma professora do Departamento de Fitotecnia da UFC, para que elas pudessem tirar essa dúvida. Outrossim, elas puderam apreciar cinco espécies de borboletas existentes no Ceará e compará-las por seus ciclos de vida.

**Imagem 3:** Visita guiada pela Professora Niedja Goiana, do Departamento de Fitotecnia da UFC, coordenadora do Projeto Cores da Natureza/Borboletário.



Fonte: Acervo do projeto.

Durante a visita, uma criança observou um desenho de uma borboleta com uma tromba evidente exposta na parede. De maneira enfática, afirmou que a borboleta “*comia o néctar*”. A professora que havia acolhido o grupo no borboletário explicou que funcionava com um “canudo” e que a borboleta sugava o néctar das flores. As crianças demonstraram satisfação quando a professora esclareceu que o pólen seria um grão que a borboleta carregava de uma flor para outra para nascer outra flor. Certamente, a experiência de visitar o borboletário ampliou os conhecimentos das crianças e professoras sobre as hipóteses e as

---

<sup>3</sup> A UFC disponibilizava um ônibus para as atividades da Unidade, uma vez ao mês.

<sup>4</sup> Para conhecer o local, acesse: <https://borboletarioufc.wixsite.com/cores-da-natureza>

dúvidas que as crianças tiveram no início, acerca das curiosidades sobre o ciclo de vida e a alimentação das borboletas, por exemplo.

Em virtude disso, esta proposta impulsionou as crianças ainda mais a observarem o ambiente em que estavam. Em uma tarde, Mateus, encontrou uma borboleta morta no parque. Utilizando uma lupa, foi descrevendo as partes do inseto: “*ela tem um olho marrom, um abdome bem grandão e as asas dela se desmancham quando a gente pega*”. Também alertou as crianças para que não matassem as borboletas, fazendo o seguinte comentário: “*não pode matar as borboletas porque é da natureza*”.

Observamos que as crianças estavam bastante envolvidas com a procura das borboletas no espaço externo. Na casa da árvore (construída ao redor da mangueira), as crianças encontraram um tipo de mariposa nomeado de “estaladeira” (nome científico *Hamadryas amphinom*), e solicitaram a presença da professora para observar a semelhança com o tronco da árvore e o modo como ela pousava (de asas abertas). Estes momentos foram bastante significativos, pois as crianças passaram a diferenciar as borboletas e as mariposas devido à permanência desse animal na superfície dos troncos da mangueira e de outros locais. Nesse contexto, defendia-se uma prática pedagógica em que as crianças se deslocavam da sala para o parque, se envolviam no pátio e estabeleciam relação entre a natureza e a ciência, a ciência e a humanidade, caracterizando o que Tiriba (2010 *apud* Barros, 2018) define como “desemparedamento da infância”, concebendo a ideia de uma escola ao encontro com a natureza.

Enquanto as borboletas mantinham as asas fechadas, a mariposa ficava com as asas abertas. As crianças também passaram a nomear as borboletas que avistavam na área externa. Elas consultavam o quadro fixo na sala de referência para comparar com aquelas que apareciam no parque. Em uma tarde, duas crianças entraram eufóricas correndo pela sala para chamar outras crianças, porque haviam avistado uma borboleta denominada “Caixão de defunto”, tão comum no espaço externo.

A participação das famílias foi evidente em diversos momentos. Este fato alinha-se ao proposto pelo Parecer nº 20/2009, da Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (Brasil, 2009), que destaca “a participação dos pais junto com os professores no acompanhamento de projetos didáticos”, possibilitando agregar experiências e saberes, além de articular os contextos da família e da escola no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança. Para ilustrar essa ideia, nos referimos, por exemplo, ao episódio em que o pai de uma criança trouxe de sua casa pelo menos 18 casulos, pendurados em galhos do cajueiro, como mostra a Imagem 4. Na sala havia um aquário vazio no qual o grupo decidiu colocar os galhos e os casulos para acompanharem o nascimento da borboleta.

**Imagem 4:** Grupos de crianças observando no aquário os casulos de folhas de cajueiro.



Fonte: Acervo do Projeto.

A partir de então, as crianças observavam diariamente os hábitos das lagartas. Elas registravam por meio de desenho e escrita, arquivando-os em uma pasta com plásticos transparentes removíveis para compor um portfólio. O olhar das crianças estava em torno de ver a lagarta se arrastando e retirando parte do corpo para fora do casulo - feito de fio de seda ou semelhante - que

envolvia a folha seca de cajueiro. A lagarta estava em busca de se alimentar de folhas.

As crianças se deram conta de que precisavam colocar folhas dentro do aquário. Elas colheram diversas folhas e acrescentaram pedras de tamanhos diferentes para compor o habitat dos casulos. Constataram que as lagartas não comiam qualquer folha e descobriram que elas se alimentavam da folha de cajueiro, pois as outras folhas que haviam identificado, por exemplo, de uma planta local nomeada de “benjamim”, ficaram no aquário por pelos menos três dias sem que as lagartas as comessem.

Cabe ressaltar que a rotina do grupo era planejada junto com as crianças. No início da tarde, quando fazíamos uma roda de conversa, as crianças solicitaram pegar o aquário com os casulos dependurados nos galhos e colocá-los no chão. Anteriormente, tínhamos esboçado questões sobre o que elas haviam descoberto, após terem colocado diferentes folhas para as lagartas, no dia anterior. Entretanto, antes de impulsionarmos uma conversa sobre o assunto, João Lucas, que havia trazido casulos de casa, dias antes, propôs um desafio para o grupo com situações de natureza lógico-matemática.

As crianças e os adultos ficaram atentos às ideias dele, que propôs: *“Professora, se tem 14 crianças e 18 casulos, dá um casulo para cada criança e ainda sobram quatro. Professora, mas tem duas professoras e a estagiária, Ana Paula. E ainda vai sobrar um casulo”*. A professora lembrou ao João Lucas que naquele dia não havia 14 crianças, pois o grupo não estava completo e sim 13. Imediatamente, ele refez o cálculo e distribuiu os casulos conforme o número de crianças e adultos que estavam presentes naquele momento. Este fato instigou o grupo a elaborar diversas possibilidades de distribuição, entre pares e trios e a observar com mais atenção um casulo específico, como mostra a foto 5. Algumas crianças utilizaram a escrita e o desenho para representar esse momento.

**Imagem 5:** Observação e debate das crianças em torno da relação entre a quantidade de casulos, crianças e adultos.



Fonte: Acervo do projeto.

No decorrer dos dias de observação do aquário, as crianças “bem eufóricas” nos mostraram a presença de uma aranha junto aos casulos. Então, elas levantaram a hipótese de que esse “bicho” havia entrado no aquário, no período da noite, porque elas não estavam na instituição para proteger as lagartas. Daí, iniciou-se uma discussão acerca dos animais que se alimentavam de outros animais. Uma criança levantou a seguinte hipótese: *“acho que esta aranha está viva e vai matar a borboleta”*. Uma menina falou curiosamente: *“Já que a gente está estudando a borboleta porque a gente não vai enterrar, igual ao passarinho, ela vai morrer?”*. Ela fez referência à morte de um pássaro que havia sido encontrado no parque e, posteriormente, o enterraram, marcando com uma cruz no chão.

Então, combinamos de observar o comportamento da aranha. Elas puderam ver a formação da teia e elaborar ideias sobre a função dos predadores tão necessária para a natureza. No dia seguinte, apresentamos às crianças uma reportagem sobre a invasão de borboletas amarelas à cidade de São Luís, capital do Maranhão. Neste dia, usamos uma sala onde havia três computadores para que as crianças pudessem, em trio, assistir à reportagem publicada em vídeo. Elas ficaram surpresas com a quantidade de borboletas e vincularam a reportagem aos possíveis

acontecimentos que poderiam ter levado tantos animais da mesma espécie a migrarem ou invadirem a cidade. Além disso, a exposição da reportagem foi de grande importância para que elas pudessem pensar sobre a modificação que poderia ter ocorrido no meio ambiente.

Assim, elas levantaram várias hipóteses sobre os predadores das borboletas, tais como: poderia haver muitas flores ou o animal que comia as diferentes fases das borboletas havia morrido? ou nenhum animal teria comido as borboletas? Desta forma, elas demonstraram dúvidas sobre os animais que se alimentavam desse inseto. Para resolver esse impasse, sugerimos a colaboração da família, solicitando uma conversa subsidiada com uma pesquisa sobre os predadores presentes na natureza. No dia seguinte, constataram que as aranhas, as formigas e os pássaros faziam parte da lista de animais que se alimentavam de borboletas.

Diante do contexto, a família de uma criança trouxe para o grupo três lagartas. A criança que as guardava dentro de uma caixa pediu para colocar no aquário para acompanharmos seu ciclo de vida. Durante a adaptação do animal, uma criança, Vinicius, levantou a seguinte hipótese sobre o nascimento da borboleta: *“Professora, eu acho que essa lagarta vai passar três dias para virar borboleta e vai sair voando, voando...”*. Depois de registrarmos os três dias, ele percebeu que este fato não havia ocorrido e contestou: *“Acho professora que essa lagarta vai passar mais uns três dias e eu acho que ela vai precisar de mais folhas aí”*.

Durante esse processo de observação das lagartas, ele recorria ao quadro fixado na sala, a fim de comparar com a lagarta da espécie “monarca” e relatava as semelhanças e diferenças entre elas. Já uma menina, a Isa, que também acompanhava esse procedimento, comentou: *“Borboleta nasce em ovo e depois vira lagarta. Ela tem um corpo dela. Ela tem um corpo lindo”*.

As crianças também levantaram hipóteses sobre como seria dentro do casulo de cajueiro, além do tempo que a lagarta iria precisar para se alimentar e se transformar em borboleta. Uma criança disse: *“eu acho professora que falta muitos dias [para nascer]*

*porque ela come muitas folhas. Ela come demais*". Camile sugeriu cortar a folha do cajueiro para observar. Outras crianças não concordaram porque a lagarta iria ficar *"sem casa"; "sem casulo"; "iria morrer!!"*. Mas, a menina defendeu a ideia de que a lagarta construiria outro casulo. Então, aceitamos a proposta e decidimos pela abertura, dando um corte com uma tesoura pequena para que observássemos seu interior. Uma das crianças disse: *"Olha a pupa"*. Outra falou: *"Ela comeu muitas folhas". "Ela comeu tanto que não precisa mais comer"*. Camile, que havia demonstrado interesse em saber acerca da parte interna se mostrou entusiasmada e surpresa com o tipo de lagarta encontrada dentro do casulo como ilustra a Imagem 6; comparou com outra lagarta que havia nas imagens na sala; verificou as diferenças de cores e pediu: *"Deixa, professora, eu vou mostrar para minha avó"*.

**Imagem 6:** Camile mostrando para sua avó a lagarta dentro do casulo.



Fonte: Acervo do Projeto.

Ela saiu da sala e mostrou a lagarta para a avó, falando confiante de que se tratava de uma lagarta dentro do casulo e explicando as diferenças que ela havia percebido. Este fato levou as crianças a observarem com mais interesse a lagarta que duas crianças haviam encontrado no parque. Após a comparação da lagarta encontrada e aquela retirada do casulo aberto, elas

levantaram a hipótese sobre o tipo de borboleta que nasceria do casulo.

Diante dessas evidências, convidamos um ex-aluno, José, (à época com 10 anos de idade), que havia estudado na Unidade, filho de uma das professoras, que, às vezes, permanecia algumas tardes conosco, para conversar com as crianças sobre as borboletas.

José propôs uma roda de conversa na área externa (Imagem 7). Com apoio de um cartaz colorido com a imagem de uma borboleta-monarca (*Danaus plexippus*), explicou para o grupo que aquele tipo de lagarta passava aproximadamente dez dias para virar borboleta. Ele complementou a informação, dizendo que aquela espécie se tratava de uma “falsa Monarca”, porque as asas tinham pequenas quantidades de bolinhas brancas e eram parecidas com a “verdadeira Monarca”, que apresentava maior quantidade de bolinhas brancas nas asas.

**Imagem 7:** Roda de conversa coordenada por José com tema sobre a espécie de borboleta monarca.



Fonte: Acervo do Projeto.

No dia em que a borboleta nasceu, as crianças identificaram pela cor laranja com preto que se tratava da espécie Monarca. Elas ficaram entusiasmadas quando observaram uma aranha que tinha

feito uma teia dentro do aquário e a borboleta que se debatia tentando fugir da teia. Tiramos imediatamente a borboleta da teia e a soltamos no ar. Ela voou, mas caiu morta no chão. As crianças pediram logo para tirar a aranha de dentro porque havia outro casulo. Uma criança falou dos animais que comiam uns aos outros: *“tubarão comia peixe; o sapo comia mosca; o gato comia o rato; aranha comia borboleta”*. As crianças e as professoras participaram de conversas sobre a cadeia alimentar; elas falaram da cadeia alimentar do tempo dos dinossauros (*“uns comem folhas, outros comem outros dinossauros”*), e discutiram também sobre o que os animais comiam na natureza.

As crianças lançavam ideias surpreendentes relacionadas às borboletas. Cabe salientar que as diferentes linguagens estiveram presentes, evidenciando a afirmação de Barbosa (2009), que uma linguagem implica *“as ações de construir significado, possibilidade de comunicação, capacidade de expressar-se e produzir saberes. As práticas sociais são composições de linguagens”*.

Nessa direção, uma criança propôs a leitura de uma poesia de Vinícius de Moraes, *“As Borboletas”*. Muitas vezes, as crianças começavam a recitá-la em coro e se alegravam quando diziam: [...] *“As amarelinhas são tão bonitinhas. E as pretas, então, oh! Que escuridão”*. Após esta atividade, uma das crianças levou para sala um CD de Vinícius *“só para crianças”*, e pediu para que colocássemos as músicas, pois falavam de bichos. Todas as crianças correram para perto do som e disseram: *“Essas músicas falam de bichos. E tem uma que eu gosto muito, é a do Leão”*. *“Essa é a do Pato”*. *“Essa é a da coruja”*.

No dia seguinte, as crianças foram contar para uma das professoras que não estava presente e começaram a relatar sobre o que ouviram no CD. Fizeram a relação entre a poesia que Vinícius de Moraes escreveu sobre as borboletas e as músicas do CD, que falavam sobre bichos. Disseram os nomes das músicas e demonstraram interesse em saber se Vinícius de Moraes havia escrito músicas somente sobre os bichos. Uma das crianças sugeriu saber sobre a vida e obra de Vinícius de Moraes. Assim, trouxemos

para sala de referência outros CDs; as crianças escutaram e perceberam sentimentos como saudade, amor e amizade retratados nas canções.

Nessa direção, uma criança e sua família compartilharam com alegria uma poesia intitulada “Metamorfose”, da autora Vera Guedes. As crianças se utilizaram do teatro com encenações, a partir da poesia (Imagem 8). Passou a ser comum, em nossa sala de referência, cada criança vestir-se com as fantasias. Elas organizaram um teatro da poesia com bichos da floresta (grilo, gato, pato, urubu, rato, coelho, formiga), flores do jardim, lagarta, borboleta macho ou fêmea, vampiros ou crianças que maltratam a lagarta, um casulo com fios dourados que abraçam a borboleta. Nesta atividade de fazer teatro, havia sempre um narrador e as crianças se alternavam entre os personagens e iniciavam a dramatização com muito envolvimento.

**Imagem 8:** Encenação da poesia de Vera Guedes pelas crianças.



Fonte: Acervo do Projeto.

Um dos personagens contou com a representação e a criatividade da encenação de uma criança, interpretando um “vampiro”. Outro dia, a criança pediu para narrar a poesia em pé em cima de uma cadeira. Ao ouvir a poesia, Mateus percebeu que o vampiro “*iria chupar o sangue*” e perguntou: “*borboleta tem sangue,*

*professora?”*. Nesse contexto, já havíamos pesquisado sobre esse assunto e explicamos que as borboletas tinham um líquido corporal chamado de “hemolinfa”. Ele disse: “o quê? ‘Hemo, Hemo, Hemo, Hemo’.... o quê? Ele tentou pronunciar. Depois, falamos a palavra: “Hemolinfa”. Ele disse: “*que é o sangue da borboleta!!*” A borboleta apresenta esse líquido chamado “Hemolinfa” que preenche o corpo para ajudá-la a viver com sais e água [fala da professora]. Ele disse: “*suga como canudo: o vampiro!!*”.

Outras crianças também se envolveram com muita originalidade para a encenação da poesia, pois o interesse em representar os animais era notório. Uma delas gostava de imitar o coelho, fazendo gestos/movimentos com as pontas dos dedos e as mãos bem próximas uma da outra ou emitindo o som do rato fazendo “*cuim...*”. E o voo da borboleta em direção ao “*perfume das flores*”.

As flores e os animais como parte dos personagens da poesia foram alvo de interesse das crianças ao se vestirem com a fantasia. Uma menina representou, com muita originalidade, flores se balançando ao vento, casulo com fios dourados que “*abraçava a lagarta*” e a linda borboleta que saía voando e vivendo junto com os animais da floresta.

A organização do teatro com fantasias e as cenas da história foram planejadas pelas crianças. No processo de docência compartilhada, adotamos o conceito de arte em Vigotski (1999, p. 135), entendida como “a forma cultural da existência humana”. É uma atividade que se estabelece em meio às relações sociais no processo de desenvolvimento histórico-cultural do ser humano. Nesse contexto, elas indicaram as roupas, os locais das cenas, os sons dos animais e os tempos em que cada criança deveria se manifestar. As crianças resolveram utilizar uma cadeira para que outra criança subisse e contasse a história, enquanto o grupo encenava. Para ilustrar essa ideia, segue a narrativa de uma criança: “*Era uma vez uma lagarta. Tinha os bichos. O gato, o urubu, o pato, o grilo. O vampiro riu da lagarta que comia muito. Aí depois ela foi para a*

*flor. E se abraçou com o casulo. E virou uma linda borboleta”* (narrativa de Amanda).

Este momento foi marcado pela participação ativa das crianças, culminando em diferentes apresentações para os grupos de crianças e adultos. Elas também já haviam sugerido a plantação de girassóis e flores para atrair as borboletas. Sabendo disso, marcamos uma visita a um local onde cultivavam flores. Fomos recebidos por um agrônomo, como mostra a Imagem 9, que nos apresentou os tipos de flores, os meios para cultivá-las e sua importância para a natureza.

**Imagem 9:** Visita em uma floricultura guiada por um agrônomo.



Fonte: Acervo do projeto.

Assim, voltamos para a instituição cheios de ideias e novos diálogos para atrair as borboletas. Nesse contexto, continuamos a proposta de trabalho com projeto.

**E continuamos a viver com as borboletas e as flores em nosso jardim...**

A presente narrativa parece não dar conta dos detalhes que vivenciamos junto às crianças no projeto “O fantástico mundo das borboletas”, título escolhido por elas. Aqui, ilustramos um pouco

do protagonismo das crianças no cotidiano da Educação Infantil. Continuamos conhecendo mais sobre as flores e as crianças ficaram encantadas com a ideia de plantação e atração de borboletas. Nós nos encantamos com as ideias delas. Assim, o ano de 2008 foi pouco para tantas descobertas.

Suas curiosidades, afirmações, dúvidas e hipóteses foram consideradas para além de respostas prontas e integradas às ações das crianças em um processo investigativo. Foram fundamentais a escuta das crianças bem como, os registros minuciosos feitos pelas professoras. A documentação das falas, fotos, vídeos e registros das crianças guiaram o planejamento da prática.

As famílias tiveram um papel fundamental nesse processo, assim como os adultos que trabalhavam na instituição. Acreditamos que as crianças tiveram oportunidade de serem ouvidas e de investigar sobre determinado assunto que foi se desencadeando, a partir das ideias do grupo. A forma, como as estratégias de aprendizagem foram sendo organizadas para responder às questões das crianças e solucionar os impasses, ocorreu por meio de trocas entre as crianças, as professoras e as famílias, em consonância com os campos de conhecimentos, que atualmente integram os direitos de aprendizagem das crianças definidos pela Base Nacional Curricular de Educação Infantil.

## Referências

BARBOSA, M. C. S. Projeto de cooperação técnica MEC e UFRGS para construção de orientações curriculares para a educação infantil: práticas cotidianas na educação infantil – bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica**. Brasília: 2009. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat\\_seb\\_praticas\\_cotidianas.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf)> Acesso em: 09 jan. 2017.

BARROS, M. I. A. de. **Desemparedamento da Infância**: a Escola como Lugar de Encontro com a Natureza. 2 ed. Rio de Janeiro, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de **Educação Básica**. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEF, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc2versao.revista.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Parecer nº 20/2009. Brasília: MEC, 2009.

DEWEY, J. **Vida e Educação**. Trad. e estudo preliminar por Anísio Teixeira. 10 ed. São Paulo: Melhoramentos/Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

FORMAN, G. Múltipla simbolização no projeto do salto em distância. *In*: EDWARDS, C. *et al.* **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação infantil da primeira infância. Trad. Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1999, p. 177-194.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. *et al.* (org.). **Pedagogia (s) da infância**: dialogando com o passado: construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PASCAL, C. BERTRAM, T. **Desenvolvendo a qualidade em parcerias**: nove estudos de caso. Porto (Portugal), Porto Editora, 1999.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

# PROJETO DO LOBO-GUARÁ FOFINHO

## CUIDANDO DA NATUREZA, INFANTIL 5A, 2018

Lina Alves Coelho  
Silvia Cristina Costa Gomes

Este projeto foi desenvolvido pela Turma Infantil 5A, 2018, na Unidade Universitária Federal Núcleo de Desenvolvimento da Criança (UUNDC). As experiências foram se construindo, a partir dos movimentos e indagações das crianças e do olhar sensível e observador das professoras que perceberam o gosto e o interesse das crianças pelas brincadeiras e histórias de lobos e suas curiosidades para saber mais sobre esse animal.

Inicialmente, foi desenvolvida uma pesquisa que objetivou explorar essas curiosidades, destacando-se a descoberta de que o lobo-guará é o lobo que existe no Brasil e está em extinção. Como consequência das primeiras experiências, o projeto foi ampliado por meio de estudos sobre alguns animais em extinção e sobre educação ambiental.

Várias experiências foram propostas, utilizando diversas linguagens: musical, verbal, gestual, plástica e dramática, sempre respeitando os eixos norteadores da Educação Infantil: a brincadeira e as interações. As crianças utilizaram diferentes materiais para a construção da cabana do lobo e de um painel com material reciclável, bem como para se expressarem por meio das artes plásticas, destacando-se os desenhos, as pinturas e a modelagem.

Este capítulo pretende contar um pouco da história do projeto, ou seja, seu percurso, a partir das experiências mais significativas vivenciadas pelas crianças. Vale salientar que esta prática é inspirada em estudos sobre o Trabalho de Projetos, de John Dewey, que de acordo com Pinazza (2007), constitui uma das mais fortes

expressões da proposta de educação pela experimentação e pela investigação, respeitando sempre o interesse das crianças.

A narrativa aqui empreendida organiza essas experiências em sequências, abraçadas por um sentido que se manifesta nos diferentes tópicos. Desse modo, a apresentação das experiências é costurada pela continuidade e pela significatividade que as envolvem e não pelo tempo cronológico em que ocorreram.

Nas experiências vivenciadas nesse projeto, foi possível reconhecer e garantir os direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, quais sejam, conviver, brincar, explorar, participar, comunicar e conhecer-se bem como constatar que estas contemplam as aprendizagens essenciais e o desenvolvimento relacionado com os cinco campos de experiência propostos pela BNCC: Eu, o Outro e Nós; Corpo, Gesto e Movimentos; Traços, Sons, Cores e Formas; Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação; Espaços, Tempos, Quantidades, Relações e Transformações (Brasil, 2017).

## **A descoberta e o encantamento pelos lobos**

Os primeiros indícios do projeto surgiram a partir da música “Vamos passear no bosque”, que fala do Seu Lobo, proposta pelas professoras. As crianças ficaram bastante empolgadas ao ouvi-la; demonstraram especial apreço e pediam sempre para colocá-la no aparelho de som da sala de referência, como também brincavam no parque, escolhendo alguém para ser o lobo. Com o passar da semana, as professoras exploraram histórias em que lobos apareciam, e as crianças começaram a trazer livros, como o da “Chapeuzinho Vermelho”, versão em português do clássico escrito pelos irmãos Grimm e o da “Chapeuzinho Amarelo”, escrito por Chico Buarque.

**Imagem 1:** Cantinho da leitura.



Fonte: Acervo do projeto.

Encontraram também no cantinho da leitura livros de lendas brasileiras, como o do “Lobisomem”, e depois, o da “Iara e o Lobisomem”.

As crianças passaram a indagar se esses personagens da nossa cultura realmente existiam, e ficavam encantadas quando as professoras liam histórias envolvendo lobos. O entusiasmo era tanto que, em alguns momentos, elas imitavam o lobo; queriam realizar alguma brincadeira com o lobo e representá-lo, por meio de desenhos. Constatamos o quanto o lobo chamava a atenção das crianças, algo que ficou ainda mais evidente após a leitura da história “Este é o lobo”, de Alexandre Rampazo, da Editora Pequena Zahar.

Na hora do parque, as crianças pediam para brincar de lobo, sugerindo que algum adulto fosse este animal. Então, as professoras convidaram para se fantasiar de lobo, um aluno da UFC que, como bolsista, exercia suas atividades na UUNDC, especificamente na Turma Infantil 5. Ele corria muito, enquanto as crianças o pegavam e o prendiam, demonstrando que a brincadeira estava sendo muito prazerosa. Quando retornavam para a sala de referência, desejavam sempre dramatizar as histórias do livro que havíamos lido anteriormente.

**Imagem 2:** Crianças brincando com o lobo.



Fonte: Acervo do Projeto.

Foi justamente essa demonstração de interesse por histórias com lobos e brincadeiras no parque, aliada às atividades organizadas pelas professoras, em torno dessa temática, que nos ofereceram pistas para perceber a possibilidade do desenvolvimento de um projeto.

Após as férias de julho, ao retornarem à Unidade, no horário do parque, as crianças voltaram a sugerir as brincadeiras de lobo, tanto lá como nas áreas diversificadas da sala de referência.

*Vitória pede para o bolsista Ricardo brincar de lobo mau, a professora Lina escutou e disse: Nós iremos brincar de lobo mau.*

*A professora fala para a turma: Gente, a Vitória deu a ideia de brincar de lobo mau, vocês querem? Todos gritam: Queremos e dizem eu, eu, eu...*

Certo dia, na roda de conversa, as professoras perguntaram para as crianças o que elas gostariam de saber sobre os lobos:

*Professora: O que vocês querem saber sobre o lobo? Vocês querem descobrir os segredos deles?*

*Sofia: O segredo do caldeirão do lobo! Será que ele existe? Onde ele mora?*

*Maria Vitória: Onde eles moram?*

*Matheus: Eu ouvi uma história que o lobo bebeu água do açude e virou churrasco. O que ele come?*

*Lucas: O que ele come, onde mora e como ele toma banho?*

*Benjamim: Como o lobo fica peludo e velhinho?*

*Sofia: O que eles comem?*

*Giovanna: Eles existem? Acho que não.*

*Sofia: Existe na África.*

*Ana Cecília: É bem longe! Será que eles mudam de cor quando ficam velhos (o pelo deles?).*

*Leticia: Onde eles dormem?*

*Lara: Acho que lobo não existe.*

*Pedro: Lobo, lobo.*

*Eliabe: O lobo e os três porquinhos.*

As crianças levaram as perguntas feitas na roda de conversa, para realizar uma pesquisa em casa com os familiares. E na semana seguinte, começaram a apresentar suas descobertas.

## **O surgimento do lobo-guará**

Em uma roda de conversa, as crianças falaram sobre o que haviam pesquisado sobre os lobos, relatando muitas informações que consideraram importantes, principalmente, que o lobo realmente existe e que o do Brasil se chama lobo-guará:

*Professora: Vocês lembram o que vocês pesquisaram sobre o lobo? Sofia, você sabe onde ele mora?*

*Sofia: Na floresta. Ele já nasce com pelo. Meu pai disse que ele vem da zona norte.*

*Matheus: Só lembro de uma coisa: Eles só comem carne e também que eles moram no bosque.*

*Matheus: Eles tomam banho mergulhando.*

*Maria Vitória: Ele mora na floresta. Ele toma banho e come carne.*

*Algumas crianças começaram a falar que o lobo não toma banho.*

*Professora: Lobo toma ou não banho?*

*Lucas, Lara, Ana Cecília, Benjamin, Maria Vitoria e Sofia disseram que não toma.*

*Leticia e Matheus disseram que toma.*

*Ana Cecília: Eu achei o lobo-guará. Ele gosta de ficar sozinho. A cor dele é amarela e vermelha.*

*Lucas: Fiz a tarefa com minha mãe. Ele já nasce com pelos. Toma banho na lagoa.*

*Lara: Ele mora na floresta. Ele devora pessoas. Ele come frutas.*

*Leticia: Se o lobo não existisse tudo ia mudar. Nada ia ter aqui. Uma floresta sem lobo, o lugar fica com muito alce, eles comem o capim todo e com o tempo a floresta fica sem nada, até sem brinquedo. O lobo é o equilíbrio da floresta. Eu vi num vídeo, com minha mãe.*

*Lucas: Todo animal é importante.*

*Benjamim: Ele mora na floresta. Os pelos dele são marrons. Ele come carne.*

*Professora: Pedro, você assistiu a um filme de quê?*

*Pedro: Lobo. (Pedro acaba saindo da sala e a professora lê o texto da tarefa dele para a turma, ele escuta e volta para a sala).*

*Professora: Giovanna, o que você aprendeu sobre o lobo?*

*Giovanna: Ele existe no nosso país, ele tem uma cor preta, ele come carne.*

*Professora: A gente mora em qual país?*

*Lara: No Brasil.*

*Eliabe: O lobo mora na floresta.*

*Alicia: Eu aprendi que o lobo, quando está faminto, ele deixa a barriga bem grande. Ele toma banho na lagoa.*

Perguntamos às crianças, o que elas mais gostariam de saber sobre os lobos e elas se interessaram pelas curiosidades trazidas nas pesquisas, como: Por que o lobo é ancestral do cachorro? Tem pessoas que têm boa relação com os lobos? O lobo-guará gosta de ficar sozinho? Se o lobo não existir mais, a floresta pode sumir? A natureza pode sumir?

Considerando as sugestões das crianças, pesquisamos alguns vídeos de curiosidades sobre os lobos e relacionamos esta pesquisa com o projeto “A natureza no cotidiano da UUNDC: ludicidade, saúde e desenvolvimento integral para as crianças”, da Professora Marcelle e do bolsista Glaydson. Ele, algumas vezes, participou das atividades do grupo e, na primeira conversa, mencionou que alguns animais que estão sumindo da natureza, isto é, estão em “extinção”. Imediatamente, as crianças falaram que o lobo-guará está em extinção:

*Bolsista: Esses animais que estão na mesa (mostra algumas fotos), estão em extinção. A palavra extinção quer dizer que estão desaparecendo, porque os caçadores capturam muitos deles.*

*Ana Cecília: Os caçadores matam eles.*

*Lucas: As lavas mataram os dinossauros.*

*Sofia: Eles (os homens) estão matando para comer.*

*Bolsista: O que a gente pode fazer para ajudá-los?*

*Sofia: A gente tem que pegar os filhotinhos e proteger.*

*Lucas: A gente tem que proteger os animais para a gente ir lá pro céu.*

*Sofia: Ainda bem que as araras têm asas.*

*Benjamim: Não pode matar os animais e nem dar murro.*

*Alicia: Eu também já tive muitos animais lá em casa, que meu tio trouxe, mas eles morreram muito rápido.*

*Bolsista: Agora, nós vamos ser um caçador do bem, vamos procurar animais, mas só para vê-los. (Então, fomos dar uma volta nos arredores da UUNDC).*

*A Leticia escutou o barulho dos pássaros e disse: É um periquito.*

*Lara: Eu estou ouvindo a voz da arara-azul.*

*Bolsista: Pode ser que por aqui tenha algum animal. Olha lá! (Apontando para uma árvore que havia uma imagem do lobo-guará pregada no tronco dela).*

*As crianças gritaram: Não é um animal! É só uma foto.*

*Ana Cecília: Ele é o lobo-guará.*

*Lucas: Ele come carne.*

*Ana Cecília: Ele come galinha, carne e frutas.*

*Lara: Ele come carne moída e pão.*

*Ana Cecília: É ele que faz: auuuuuuuuuuu.*

*Sofia: O lobo-guará não existe porque os caçadores mataram ele.*

*Lucas: Sem o lobo-guará, a gente não existe.*

### **Imagem 3: Procurando animais em extinção nos arredores da UUNDC**



Fonte: Acervo do Projeto.

Retornando à sala de referência, mostramos a foto do lobo-guará para todos verem e falarem de suas características físicas, depois colocamos uma música para dançarem.

No dia seguinte, apresentamos as fotos deste passeio nos arredores da Unidade e perguntamos para as crianças o que elas estavam vendo:

*Sofia: Foi nosso passeio. Estamos indo para a floresta (e contou a quantidade de fotos). A gente tava andando na pista, vimos o lobo-guará e tiramos fotos.*

*Vitória: A gente chegou na floresta e foi ao nosso portão do NDC. A gente estava perto do bosque, pedimos silêncio e o Glaydson mostrou o lobo-guará. O lobo é tão bonito e fortão!*

*Alicia: A gente tava indo ver se tinha algum animal em extinção e fomos para fora do NDC e vimos a foto do lobo-guará.*

*Giovanna: Fomos procurar o lobo. Tava a Cecília, o Pedro, a Sofia, todos os colegas e a gente foi por trás do NDC. A gente sentou para escutar e conversar sobre o lobo-guará.*

*Benjamim: A gente foi procurar animais. A gente foi atrás do lobo-guará para protegê-lo. Algumas crianças queriam levá-lo, depois voltamos para a escola e foi tudo salvo.*

*Ana Cecília: A gente andou, andou, andou. Vimos o lobo-guará, mas não era de verdade. Amei vê-lo. Ele come galinha e frutas e é muito lindo. Tem pelo branco, amarelo, preto e vermelho.*

*Lara: A gente tava no NDC e vendo o lobo-guará. Ele come carne, pão e uva. Ele é muito forte. Acho que tem muito pão e carne na barriga dele.*

*Lucas: A gente viu o lobo-guará e eu gostei da foto dele.*

É possível identificar que no desenvolvimento do Projeto foram contempladas muitas das experiências apresentadas no Artigo 9º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI, tais como: a ampliação de experiências sensoriais, expressivas e corporais; o incentivo à curiosidade, à exploração, à construção de conhecimentos da criança em relação ao mundo físico e social; a interação com a linguagem oral e escrita e a participação em atividades individuais e coletivas entre outras.

Dentre essas experiências, destacamos novamente o momento da história, que favorece o desenvolvimento da curiosidade, da linguagem verbal e escrita, da imaginação, da construção de conhecimentos e é sempre muito apreciado pelas crianças:

*Na contação da história “Mogli, o menino lobo”, de Rudyard Kipling a professora falou: Hoje, nós vamos contar uma história sobre um menino lobo.*

*Tales: O nome dele é Mogli.*

*Professora: O que será que o lobo fez com o bebê?*

*Sofia: Pegou ele e cuidou.*

*Professora: O que é o Shericá?*

*Sofia e Lucas: O tigre.*

*Professora: O que o tigre quer fazer com o bebê?*

*Tales: Levar para o lobo.*

*Lucas: Mas, por quê?*

*Ana Cecília: Ele tem músculos (quando vê a imagem do Mogli já grande).*

*Sofia: Ele é bonitinho.*

*Tales: Meu Deus, ele matou o tigre?!*

*Sofia: Não!*

*Professora: Vamos assistir a um vídeo da parte que passa a reunião que decide se o Mogli fica ou não na alcateia.*

*Tales: Que legal!*

*Tales: Foi massa essa parte (Referindo-se à reunião dos lobos).*

*Lara: Eu vou pedir para minha mãe para a gente ir visitar o lobo-guará.*

*Matheus: Eu tinha um amigo que tem um filhote de lobo pequeno.*

O entusiasmo das crianças com o lobo era notório, ele aparecia sempre (nas falas das crianças) nas rodas de conversa:

*Leticia: Eu vou ter um lobo.*

*Professora: Quem vai te dar um lobo?*

*Leticia: Meu pai, mas é só parecido (risos), é um cachorro.*

*Pedro: O lobo machuca.*

*Leticia: Eu gosto do lobo porque ele perde a paciência com a tartaruga (referindo-se à música "A tartaruga e o lobo", da Banda Palavra Cantada).*

*O Pedro aponta para o casco da tartaruga, na letra da música que está exposta na lousa.*

*Lucas: Gostei do lobo da música da tartaruga, gostei dos óculos que o lobo usava.*

*Matheus: Eu gostei do jacaré, dos óculos do lobo e dessa parte aqui (Apontando o dedo para o ventilador que tem na música citada).*

**Imagem 4:** Crianças colando a ficha do nome da caixa “Acessórios do Lobo”.



Fonte: Acervo do Projeto.

Para incrementar as brincadeiras das crianças, apresentamos alguns acessórios de brinquedo (orelhas, rabo e pulseiras, como também capa marrom de TNT), que tínhamos na Unidade, e que fazem parte da fantasia de lobo. Como esses acessórios eram requisitados pelas crianças, diariamente, organizamos com a ajuda delas, uma caixa grande que nomeamos com a ficha do nome da caixa: “Acessórios do Lobo”. Então, deixamos a caixa na sala de atividades à disposição para as crianças pegarem na hora que desejassem:

*Sofia chega para a professora Silvia e diz: Eu não quero mais ser a mulher-maravilha, eu quero ser o lobo-guará!*

*Matheus disse: Eu quero ser o lobo branco (olhando para os acessórios de lobo que havia na caixa).*

*A professora perguntou: Existe lobo branco? Ele disse: Sim, é o que vive na neve. E ainda completou: O lobo branco é muito inteligente, ele cava, entra num buraco e aumenta a orelha para escutar e quando vem um bicho, ele ataca.*

Depois que lemos a história dos “Três Porquinhos”, versão em português, do clássico escrito pelos irmãos Grimm, no século XIX, na qual aparece o caldeirão em que o lobo caiu, as crianças começaram a perguntar se no NDC havia caldeirão e se elas poderiam brincar com ele. Partindo dessa curiosidade das crianças, propusemos brincar com o caldeirão do lobo de uma forma

diferente. Pegamos uma bacia bem grande que tínhamos na Instituição, colocamos água; selecionamos alguns objetos feitos com materiais diferentes e explicamos que na brincadeira elas poderiam observar e identificar quais objetos flutuavam e quais afundavam. As crianças, então, escolhiam um objeto, colocavam na bacia e levantavam suas hipóteses. Vale registrar que muitas crianças tiraram conclusões, a partir das observações e, todas se divertiram com esta atividade.

Buscamos sempre ampliar as experiências das crianças, satisfazendo suas curiosidades sobre os lobos. Assim, apresentamos um vídeo que falava do caminho dos lobos e que estes animais quando andam em bandos, respeitam uma ordem. Assistimos ao vídeo com as crianças e depois, elas nomearam a sequência estabelecida no caminho dos lobos: velhos e doentes, fortes, jovens, outro grupo de fortes e líder (lobo-alfa):

*Professora: O que vocês mais gostaram do vídeo?*

*Giovanna: Que eles andam em forma de círculo.*

*Lara: Os lobos perdidos e os doentes.*

*Tales: Dos lobos mais fortes.*

*Ana Cecília: O lobo sozinho.*

*Alicia: Eu acho que ele era o dono do lobo mais forte.*

*Lucas: Eu gostei do lobo sozinho. Ele é o chefe.*

*Eliabe: Lobo-mau.*

*Sofia: Eu gostei mais dos doentes e do que ficava sozinho.*

*Pedro: Lobo-guará.*

*Alicia: Eu gostei de tudo. Eu gostei do chefe.*

*Sofia: Eles são guerreiros.*

*O Pedro foi até a TV para ver os lobos de perto.*

*Ana Cecilia: Lobo-alfa.*

As crianças descobriram, de acordo com o vídeo, que a alcateia segue o ritmo dos anciões e sob o comando do líder, que impõe o espírito de grupo não deixando ninguém para trás. As crianças ficaram tão interessadas que tiveram a ideia de fazer este caminho dos lobos. Fizemos um quadro com os nomes do bando, e as crianças escolheram o que queriam ser. A seguir, imprimimos um

crachá com esses nomes; entregamos para cada uma delas e caminhamos nos arredores da Unidade. Elas saíram cantando a música “Vamos passear no bosque” e quando alguma criança queria sair da ordem dos lobos, outra a lembrava onde era seu lugar. Este momento foi bastante rico e divertido.

Em relação às interações das crianças com as manifestações artísticas, pesquisamos e apresentamos artistas que trabalhavam com lobos. Em todas as atividades de arte que eram propostas, mesmo quando as crianças eram livres para escolher, o lobo-guará sempre foi a inspiração principal.

O lobo também esteve presente em experiências que envolveram contagens, escritas numéricas, desafios com quantidades, sugeridas muitas vezes, pelas próprias crianças. Como exemplo, relatamos que certo dia, Matheus chegou para a professora Silvia e falou: *Professora, tem uma brincadeira bem legal do lobo e do tigre, vocês podem pesquisar e trazer?* Professora: *Sim, Matheus!*

**Imagem 5:** Crianças realizando o caminho dos lobos



Fonte: Acervo do Projeto.

As crianças também participaram de atividades de transformação com experimentos e culinária, sempre relacionando com o lobo; fizemos, por exemplo, a gelatina do lobo, entre outras. A receita era apresentada num cartaz, com os ingredientes (em imagens e nomes) e as quantidades.

Procuramos sempre propor às crianças experiências relacionadas à temática de seu interesse e que favorecessem a

imersão delas nas diferentes linguagens e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical e em diferentes situações envolvendo relações quantitativas, medidas, formas e orientações espaço-temporais, em consonância como o que é proposto pelas DCNEI (Brasil, 2009).

### **O lobo-guará existe mesmo?**

Para responder aos questionamentos das crianças sobre a existência de lobos, procuramos encontrar um local onde houvesse lobos para o passeio cultural do mês. Entramos em contato com o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), que é um órgão federal responsável pelas políticas de proteção do meio ambiente no Brasil, porém descobrimos que nenhum zoológico no Ceará possuía este animal. Fomos a este órgão, aqui em Fortaleza e conversamos com alguns técnicos de lá que nos forneceram materiais como vídeos e revistas em quadrinhos que falavam sobre animais silvestres. Estes materiais foram muito explorados nas rodas de conversa; também contamos as histórias e enviamos uma tarefa para fazer com os familiares, sobre educação ambiental e proteção aos animais em extinção.

**Imagem 6:** Material produzido pelas crianças.



Fonte: Acervo do Projeto.

A professora Lina foi para a cidade de Natal e descobriu que no zoológico de lá havia dois lobos-guará. Ela visitou o local, filmou e trouxe algumas fotos para mostrar às crianças:

*Professora: Eu tenho uma surpresa: Eu fui em uma cidade, um pouquinho longe daqui. Eu fui para Natal, visitar e tenho um vídeo para mostrar a vocês.*

*Colocamos o vídeo da visita que a Professora Lina fez ao Aquário-zoológico de Natal.*

*Cecília: É o lobo-guará!*

*Vitória: E ele existe mesmo?*

*Matheus: Ele come a gente?*

*Maria Vitória: E não comeu ela? (Referindo-se à monitora do local).*

*Tales: Ele come beterraba, é horrível! (Quando vê o lobo comendo beterraba).*

*Tales: Ele não aprendeu a mastigar de boca fechada não?*

*Vitória: O lobo-guará é muito bonitinho.*

*Ana Cecília: Ele vai comer as galinhas.*

*Bolsista: Ele come frutas também.*

*Ana Cecília: Ele solta pum.*

Pedro ficou olhando as fotos do lobo de Natal; pegou o dedo da professora e apontou para alguns animais. As crianças também acharam o pelo destes lobos muito bonito, então, após o vídeo, sugerimos que elas produzissem um lobo-guará com papel crepom, da cor do pelo do animal. Na intenção de ampliar os conhecimentos das crianças sobre esses animais, após estudos, explicamos para as crianças que os lobos, as raposas e outros animais (guaxinim e coioite, por exemplo) são animais que fazem parte de uma mesma família, chamada de Canídeos. Também explicamos que infelizmente, não havia lobo-guará no Ceará, mas que havia animais bem parecidos com os lobos e que poderíamos encontrar na nossa cidade:

*Professora Silvia: Crianças, vocês sabem que animais são estes? (Apontando para algumas fotos dos familiares dos lobos).*

*Benjamim: Eles estão sendo matados, sendo extintos.*

*Professora: Esse aqui é o guaxinim.*

*Matheus: Esse é o coioite.*

*Sofia: A raposa é menor e o lobo-guará é grande.*

*Tales: A mãe natureza fez a raposa para imitar o lobo-guará e enganar os caçadores.*

*Ana Cecilia: Eu gosto de lobinhos, eu já fui a um zoológico diferente que tinha um lobo.*

*Professora: Esse aqui é o mabeco, ele é um cachorro selvagem da África.*

*Lucas: A mordida dele é forte?*

*Professora: Deve ser. Aqui é o pastor-alemão, um cachorro. Só existe a raça pastor-alemão?*

*Lara: Existe cachorro que é fêmea e existe cachorro que é da polícia.*

*Benjamim: A cauda do guaxinim é preta e a do lobo-guará é branca.*

*Lucas: Ele é laranja (lobo-guará) e ele é cinza (guaxinim). A raposa é igual o lobo-guará.*

*Matheus: Gostei mais do mabeco.*

*Lara: Eu gostei do lobo-guará, não do cachorro. O lobo-guará tem as pernas maiores que as do cachorro.*

*Professora: Vocês querem desenhar o animal que mais gostaram? Todos disseram sim!*

*Sofia: Vou desenhar a raposa.*

*Giovanna: A raposa.*

*Lucas: Lobo-guará e raposa.*

*Lara: Lobo-guará.*

*Matheus: Raposa cavalheira com poderes sensacionais e com arma.*

*Lara: Cheio de raio, de lagoa e o lobo-guará e o cachorro.*

*Tales: O lobo-guará e o coiote.*

## **Este animal está em extinção?**

Após a roda de conversa com o bolsista Glaydson sobre os animais em extinção, algumas crianças perguntavam se estes animais existiam na UFC, principalmente o lobo-guará. Fizemos um quadro e colocamos as fotos apresentadas pelo Glaydson; incluímos também fichas com os nomes dos bichos que ali estavam e apresentamos às crianças:

*Professora: Que animais são esses, crianças?*

*Lucas: Esses animais estão em perigo.*

*Sofia: É importante cuidar deles.*

*A professora segura o nome dos animais que estão no quadro e pede para que as crianças façam a correspondência do nome com a imagem de cada animal.*

*Lucas escolheu uma ficha e disse: Lobo-guará.*

*Matheus: Orangotango-de-Sumatra.*

*Lara: Sapo-folha.*

*Ana Cecília: O gato-maracajá está em extinção.*

*Pedro foi até o quadro e ficou falando e apontando para o rinoceronte.*

*A professora apresentou um vídeo infantil sobre os animais em extinção.*

*Lucas: Esse é o Gorila (apontando para a imagem no quadro).*

*Lara: Arara-azul. Acertei!*

*Professora: Alguém já foi para o Ecopoint (um zoológico particular que existe em Fortaleza)?*

*Lucas: Já fui muitas vezes.*

*Ana Cecília: Não.*

*Sofia: Sim.*

*Professora: Pois, nosso passeio desta semana vai ser para lá. Vocês sabiam que poderemos ver alguns animais desse quadro? O que vocês gostariam de saber sobre este lugar?*

*Benjamim: O que os animais comem?*

*Sofia: Será que tem o lobo-guará? E esses animais do quadro?*

*Giovanna: Lá tem parquinho? E gorila?*

*Benjamim: Tem animais da floresta? E insetos?*

*Matheus: Quero saber se tem gorila, lobo-guará e macaco-aranha.*

Depois que realizamos o passeio, as crianças levaram uma tarefa para fazer em casa com os familiares e no outro dia, apresentaram:

*Professora: Agora vamos apresentar suas tarefas sobre o passeio.*

*Maria Vitória: Eu desenhei um pássaro bonito. Eu usei brilho para ficar mais brilhoso. Eu gostei da Arara-azul, mas eu queria uma arara dourada.*

*Giovanna: Eu gostei mais da casinha e dos bichos.*

*A professora aponta para as fotos do passeio e pergunta: Alguém sabe que fotos são essas?*

*A Lara vai até as fotos e diz: São as fotos do passeio.*

*A Sofia vai até as fotos e fala que gostou da foto do pavão.*

*A Giovanna fala que também gostou da foto do pavão.*

*Maria Vitória: A gente foi de mãos dadas pro Ecopoint.*

*Sofia: A gente viu um pavão, um macaco-aranha e um cabrito.*

*Ana Cecília: Eu gostei de todos os soins. Eles pulavam.*

*Giovanna: Eu gostei da tartaruga.*

*Tales: Eu tô sentindo cheiro de manga, é o cheiro do lobo-guará.*

*Matheus: Eu senti cheiro de lobo-guará e ele tava lá no escorrega.*

Após este momento, descobrimos um filme chamado “Lobo-guará, o protetor do cerrado”, de 2013, do cineasta Fáuston da

Silva, e o apresentamos para as crianças, em um dia do cineminha que ocorre às sextas-feiras, no NDC. Elas começaram a dizer que queriam ser amigas da natureza e protegê-la, igual ao Super Lobo-guará do filme; ficaram tão animadas que sugerimos fazer um distintivo, igual ao que a criança do filme recebeu.

Elas receberam um papel, tipo crachá no qual estava escrito “amigo do lobo”, para fazerem um desenho e escreverem seus nomes. Depois, disseram que queriam fazer um outro distintivo no qual pudessem colocar as palavras que quisessem. Acatamos a vontade delas e fizemos um outro, com as palavras que elas gostariam de colocar neste tipo de crachá:

*Lucas: Quero ser amigo do lobo-guará.*

*Benjamim: Amigos do lobo.*

*Tales: Sou amigo da natureza e protetor do cerrado.*

*Matheus: Protetor do cerrado e do lobo-guará.*

*Vitória: Quero ser amiga do lobo-guará.*

*Cecília: A gente ama a natureza.*

*Sofia: A gente ama a natureza.*

*Letícia: A vida natureza.*

*Giovanna: Cuidar da natureza.*

*Eliabe: Distintivo da natureza.*

*Pedro: Distintivo da natureza.*

*Lara: Sou amiga do lobo-guará.*

*Alicia: Sou amiga do lobo-guará e da natureza.*

## **Cuidando da natureza**

Experiências que “promovam a interação, o cuidado a preservação e o conhecimento da biodiversidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais” (DCNEI, 2019) foram intencionalmente planejadas durante todo o decorrer do Projeto.

Assim sempre conversávamos em muitas rodas de conversa sobre a importância de cuidar da natureza, a responsabilidade com o lixo e a valorização do prazer de estar na natureza. Em uma delas,

contamos com a participação do bolsista Glaydson, que falou sobre a natureza perto do NDC:

*Glaydson: Vocês gostam da natureza?*

*As crianças respondem: Sim!*

*Bolsista: Ao redor da nossa escola tem muita coisa da natureza, alguém sabe dizer o que tem?*

*Sofia: Árvores.*

*Bolsista: Tem animais também. Quais animais vocês querem encontrar?*

*Lara: Lobo.*

*Sofia: Coelho.*

*Bolsista: Então, hoje a gente vai combinar um passeio para conhecer a natureza ao redor da nossa unidade. Além de árvores, tem um açude, vocês sabem o que é?*

*Lucas: A gente pode tomar banho no açude?*

*Bolsista: Não! Pois a água do açude é poluída. Vocês querem conhecer o açude ou as árvores?*

*Crianças: Açude, açude! (A maioria gritou!).*

*Professora: Então vamos conhecer o açude.*

**Imagem 7:** Conhecendo e desenhando o açude Santo Anastácio, da UFC



Fonte: Acervo do Projeto.

Fomos conhecer o açude Santo Anastácio, na UFC e no retorno à sala de referência, as crianças construíram um texto coletivo, registrado na lousa por nós, professoras.

A TURMA DO INFANTIL 5A FOI PARA O AÇUDE DA UFC. NÓS VIMOS UM MONTÃO DE LIXO E DE EXPERIÊNCIAS. A GENTE VIU ONDE O SACI MORA E UM MONTE DE ÁRVORES E TAMBÉM PEDRAS GRANDES E PEQUENAS QUE NÃO PODIA JOGAR NO AÇUDE. LÁ TINHA MUITA TERRA. NÓS DESENHAMOS O AÇUDE LÁ MESMO.

No outro dia, contamos às crianças que recebemos doações de um material que poderia ser usado numa brincadeira da cabana dos lobos (eram rolos de papelão em tamanho de 1m). Ele iria para o lixo e poderíamos fazer um grande bem à natureza, utilizando-os para fazer a casinha dos lobos. Mostramos um vídeo que falava sobre reciclagem e um quadro com animais que ingeriram lixo, pensando ser alimento e registramos as falas:

*Professora Silvia: O vídeo é sobre o quê?*

*Sofia: Sobre reciclagem.*

*Professora: É legal jogar lixo na rua?*

*Lara: Não.*

*Ana Cecília: Não.*

*Leticia: Eu fui para uma colônia de férias e a gente pegava a garrafa pet, pintava e colava.*

*Professora: Como podemos ajudar o lobo-guará a defender os animais?*

*Ana Cecília: Eu gosto de limpar a natureza.*

*Lara: Eu gosto de fazer carinho nos animais.*

*Giovanna: Eu vou limpar a natureza.*

*Sofia: Eu quero que a natureza não tenha lixo e que não machuque os animais.*

*Lara: Fazendo carinho e não jogando lixo na rua.*

*Benjamim: Dar comida ao lobo.*

*Lucas: Eu vou ajudar a não atirarem nele (no lobo-guará).*

*Matheus: Campo de força na natureza.*

*Tales: Só usar canudo de papel. Porque papel desmancha na água e o plástico não e também eu vou comprar uma metralhadora para os caçadores não matarem mais eles (os lobos). É só para assustá-los (em relação à metralhadora e os caçadores).*

*Professora: Crianças, o que vocês acham dessas imagens? (São animais aquáticos e lixo reciclável).*

*Leticia: Eu vi um golfinho e ele está em extinção. Tem papel na nadadeira dele.*

*Lucas: Ele está se metendo em risco.*

*Sofia: Maldade.*

*Cecília: O lixo tem que jogar no lixo.*

*Giovanna: Vi a tartaruga, ela quer comer um papel e um copo.*

*Professora: Tartaruga come copo?*

*Giovanna: Não e se ela comer dá dor de barriga.*

*Sofia: As pessoas que maltrataram foi que jogaram esse lixo. Ali é um pato.*

*Professora: O que aconteceu? O que é isso?*

*Sofia: É um copo, ele está no bico do pato, ele virou porque tava muito pesado esse negócio.*

*Professora: Por isso, que a gente não pode jogar lixo no mar.*

*Leticia: Quem joga lixo no mar prejudica os animais.*

*Lucas: Aqui é um caranguejo. Ele não pode andar porque está preso no copo.*

*Professora: Ele está gostando?*

*Lucas: Não. Eu acho que jogaram isso nele.*

*Sofia: Acho que foi alguém que enfiou um copo nele.*

*Professora: Eliabe, você viu o que tem no quadro?*

*Eliabe: Um peixe. Um tubarão.*

*Professora: Ele está preso ou solto?*

*Eliabe: Preso.*

*Professora: Ele está*

*preso em uma luva de plástico.*

*Leticia: Ele não consegue mais sair.*

*Benjamim: Eu vi a tartaruga, ela comeu plástico e morreu.*

*Lucas: Eu vi a águia, ela está com o pescoço todo desarrumado com um anel e morreu.*

*Maria Vitória: Esse peixe aqui engoliu um cotonete. Não pode comer isso, porque faz mal para barriga e ele morre.*

*Cecília: Foi alguém que usou cotonete e jogou no rio.*

*Lucas: Tem que jogar aqui no lixo (Lucas pegou a lixeira e mostrou para todos).*

**Imagem 8:** Lixo coletado.



Fonte: Acervo do Projeto.

Em seguida, as crianças foram convidadas a recolherem lixo no entorno do açude, em frente à Unidade e fazer um painel com os materiais encontrados. Todas colocaram luvas e receberam um saco para guardarem o que encontrassem.

Depois, retornamos à nossa sala, fizemos um painel e pedimos para as crianças colarem o que elas encontraram. Sobre o painel, cada criança disse uma frase:

*Para ser bonzinho, precisa cuidar da natureza e tem que fazer bem para a natureza, porque senão, os animais vão ficar doentes (Ana Cecília).*

*Não é legal jogar lixo no chão porque algum animal pode pensar que é comida, vai comer e morrer (Alicia).*

*Não pode jogar lixo na rua porque os animais morrem (Benjamim).*

*Não pode sujar a natureza porque os bichos comem e ficam doentes (Giovanna).*

*Não pode fazer isso com a natureza, nem com os animais porque é muito errado (Lara).*

*A gente deveria cuidar dos bichos e não os maltratar, jogando lixo no mar e na praia.*

*Nós temos de ser caçadores de lixo (Letícia).*

*Devemos cuidar dos bichinhos do mar e não jogar lixo no mar, nem na lagoa (Lucas).*

*Não pode jogar lixo na água, nem na areia porque é proibido (Vitória).*

*Por favor, não jogue lixo elétrico no mar, porque vai fazer mal para o lobo-guará (Matheus).*

*Quadro tartaruga e peixe (Pedro).*

*Temos que cuidar da natureza, senão os animais vão morrer (Sofia).*

*O lixo é para colocar na lixeira (Tales).*

*É a natureza (Eliabe).*

Posteriormente, perguntamos o que estava faltando naquele quadro, indagando se poderíamos lhe dar um nome; elas concordaram e cada criança sugeriu um título. Fizemos uma votação e o nome escolhido do painel foi “Cuidando da natureza”.

Ao longo do ano, valorizamos o ato criador e a construção de respostas singulares das crianças. O ato de nomear foi uma das estratégias que se insere nas práticas de letramento que tem relação com a função social da escrita. Exercendo o papel de escribas, fazíamos listas, a partir das falas das crianças, depois as digitávamos; as fixávamos nas paredes e líamos para a turma. Foram elaboradas listas dos livros preferidos de cada criança; lista dos filmes preferidos; os desejos para os eventos (da família, dia da criança, exposição); lista de nomes para o muro da piscina; lista de nomes da turma, e, por fim, a lista de nomes para o projeto. Neste, a turma decidiu unir os dois nomes mais votados, o qual gerou: “Projeto Lobo-guará fofinho cuidando da natureza”.

No final do semestre, preparamos, com as crianças, uma amostra de produções que foi compartilhada com as famílias, apresentando todo o percurso realizado, desde a identificação dos

interesses da turma pelos lobos, o planejamento e desenvolvimento coletivo e participativo das experiências que incluíram as inúmeras brincadeiras e a produção de obras artísticas e, por último, a exposição de todas as experiências vivenciadas.

O desenvolvimento do Projeto e a organização da exposição constituíram oportunidades ricas de aprendizagem para todos os que se envolveram; a exposição foi um momento ímpar de lembrar os encantamentos, as descobertas e os conhecimentos construídos, como também de compartilhar com os familiares, parceiros dessa caminhada.

A parceria e o diálogo com as famílias, certamente, favoreceram o envolvimento das crianças no projeto e permitiram a superação dos desafios nas resoluções de problemas. A colaboração das famílias se efetivou na participação nas experiências, no acompanhamento aos passeios culturais, e, sobretudo, na compreensão de que a educação da criança é uma tarefa complexa que envolve um trabalho de cooperação recíproca entre a família e a instituição, tendo como embasamento a confiança, o conhecimento e, principalmente, o respeito mútuo.

A participação das crianças nesse Projeto foi caracterizada pelo empenho, pela vontade de investigar e pela alegria em compartilhar as descobertas.

As crianças aprendem e se desenvolvem quando são respeitadas e têm suas vozes escutadas e valorizadas, tendo o direito de expressar seus interesses, curiosidades e encantamento pelo mundo. Constitui, pois, o papel do professor dar suporte e apoio à trajetória, desafiando e criando condições e ambientes de aprendizagem.

## **Referências**

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** – educação é a base. Versão final. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB nº 5**. Brasília: MEC/CNE, 2009.

HOYUELOS, A. **A estética no pensamento e na obra pedagógica de Loris Malaguzzi**. Trad. Bruna Heringer de Souza Villar. São Paulo: Phorte, 2020.

PINAZZA, M. A. John Dewey: inspirações para uma pedagogia da infância. *In*: PINAZZA, M. A. (org.). **Pedagogia (s) da infância – dialogando com o passado construindo o futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

# PROJETO HIGIENE CORPORAL

Antonia Emanuela Oliveira de Lima  
Denise de Castro Feijó  
Fátima Carneiro de Vasconcelos Araújo

## Introdução

O Trabalho com Projetos é uma das práticas pedagógicas adotadas no Núcleo de Desenvolvimento da Criança (NDC), da Universidade Federal do Ceará, onde as autoras do presente capítulo foram professoras. A Instituição acredita que essa abordagem possibilita uma intervenção pedagógica significativa, intencional e envolvente, capaz de transformar as crianças em corresponsáveis pelo trabalho e pelas escolhas, ao longo de seu desenvolvimento.

O projeto apresenta uma nova perspectiva de compreensão do processo de ensino e aprendizagem: ensina-se e aprende-se significativamente por meio de ações planejadas, experiências e resolução de situações problemáticas. Ao ser agente de sua própria atividade, a criança assume responsabilidades; planeja suas ações; constrói sua autonomia. Além disto, o projeto em sua perspectiva globalizante e integradora possibilita, ainda, a mobilização e a interação das diferentes áreas de conhecimentos de forma mais abrangente, contemplando assim, a interdisciplinaridade (Oliveira; Kishimoto, 2002).

## O projeto

O Projeto Higiene Corporal foi desenvolvido com as crianças da Turma Infantil 4, no ano de 2007. Fizeram parte desse universo as três professoras da turma e 15 crianças. O momento detonador do Projeto “Higiene Corporal” surgiu em uma roda de conversa na qual uma

criança demonstrou muita alegria ao falar para o grupo que tinha lavado os cabelos naquele dia, pedindo para as professoras cheirarem porque estava muito cheiroso: “*professora, cheira aqui o meu cabelo como tá cheiroso*” (Luan). Então, as professoras perguntaram para o grupo por que os cabelos de Luan estavam tão cheirosos. Os comentários que surgiram, posteriormente, não apenas por ocasião da roda de conversa, mas também, em muitas outras ocasiões da rotina, demonstraram o interesse das crianças em “saber o que fazer para ficar limpas e cheirosas”, constituindo, assim, o ponto de partida para o Projeto. Em um segundo momento, por ocasião da entrega dos relatórios de avaliação do primeiro semestre, os pais também sugeriram o estudo da temática.

Embasadas no interesse das crianças e no incentivo dos pais, as professoras exploraram o assunto na roda de conversa e foram planejadas algumas estratégias de atividades a serem realizadas sobre o que as crianças gostariam de estudar no semestre que se iniciava. Após o registro de várias sugestões, procedeu-se à votação que indicou como vitorioso o tema higiene corporal. O título surgiu como sugestão das crianças no decorrer do Projeto.

O objetivo geral do Projeto foi promover ações de higiene corporal no intuito de contribuir para o desenvolvimento da consciência da necessidade de ter bons hábitos de higiene, para a prevenção de doenças e a reflexão sobre a importância da higiene na mudança de atitudes como: não tomar banho ao vir para a escola, não escovar os dentes após as refeições, não cortar as unhas, não usar roupas limpas entre outras. Especificamente, desenvolvemos ações relacionadas a hábitos da higiene corporal, à identificação de produtos utilizados principalmente na higiene dos pés, mãos, ouvidos, dentes, unhas e cabelos; à inserção na rotina da escola da higiene bucal e à identificação de alimentos saudáveis para a prevenção da cárie dentária.

A riqueza e complexidade do tema permitiram que desenvolvêssemos atividades durante todo o semestre, capazes de oferecer às crianças múltiplas experiências, incluindo diferentes

linguagens e áreas do conhecimento. Citaremos algumas atividades desenvolvidas durante o desenvolvimento do Projeto.

### **Etapas vivenciadas**

Inicialmente, realizamos uma sondagem sobre os conhecimentos prévios das crianças – durante a rotina da turma na instituição. Era comum iniciarmos o dia acolhendo as crianças em uma roda de conversa para que elas pudessem falar sobre diferentes assuntos: novidades do final de semana, o planejamento das atividades a serem desenvolvidas etc.

Esse momento também era importante para que instigássemos as crianças sobre diversos assuntos do interesse delas. Quando a ideia desse projeto surgiu, passamos a discuti-la com mais frequência e descobrimos que as crianças já tinham muitas opiniões construídas a respeito da temática:

*“O cabelo sujo fica com piolho sujo e o cabelo limpo fica com piolho limpo”.*

*“Quando acorda, tem que escovar os dentes”.*

*“Porque a gente pode ficar fedendo”. “Não é feder, fica cheirando mal”.*

*“A bactéria é uma coceira”.*

O planejamento diário passou então a incluir a questão da higiene corporal. Esse planejamento deve ser realizado em conjunto com as crianças, pois, segundo Barbosa (2006), a garantia do sucesso do trabalho em grupo é o planejamento das atividades, feito em conjunto, professores e crianças. A autora afirma que as crianças inicialmente participam desse momento, demonstrando dificuldades, mas pouco a pouco, com o trabalho diário, vão ampliando sua capacidade de planejar. A professora deverá orientá-las na escolha e na distribuição das atividades do dia.

A cada dia era uma nova descoberta, e as crianças não paravam de trazer novidades:

*“Tem que tomar banho porque fica sujo, tem que lavar o covaco e o pipiu. Tem que lavar as mãos e cortar as unhas porque fica arranhando os colegas”.*

*“Eu lavo a xereca, xereca é o pipiu”.*

*“As bactérias estão dentro do dedo da gente”.*

*“Se botar sujo aí as bactérias vão nascer bem rapidinho”.*

*“Quando a gente brinca, suja a roupa. Às vezes a gente veste a mesma roupa porque não tá muito suja”.*

Ao longo do desenvolvimento do Projeto, foram se delineando as principais estratégias para responder e complementar as ideias postas e para responder às questões levantadas na fase da problematização. Ao selecionar as estratégias com as crianças, as professoras consideraram que os conhecimentos a serem construídos não se restringiriam a conceitos e fatos, mas incluíam a aprendizagem de procedimentos e o desenvolvimento de atitudes de responsabilidade em relação aos bons hábitos de higiene.

Durante o Projeto Higiene Corporal, as crianças participaram demonstrando interesse e curiosidade nas atividades desenvolvidas: aulas-passeio, filmes exibidos, socialização das pesquisas e da releitura, das fotografias da aula-passeio ao consultório dentário.

Nas referidas atividades, demonstravam ainda, por meio de seus relatos orais e registros gráficos, ter ampliado bastante os seus conhecimentos, como indicam as falas:

*“Se não tomar banho, o cabelo fica podre, feio e com piolho”.*

*“Eu já sei por que tem que lavar os dentes: porque senão os bichos comem. Eu ensinei a minha mãe a escovar os dentes”.*

*“Tem que tomar banho todo dia. Se não tomar banho, fica coçando”.*

*“Tem que usar o xampu para lavar o cabelo e sabonete para lavar o corpo”. “Não pode comer com a mão suja porque tem bactéria na mão”.*

A participação das crianças nas atividades propostas demonstrava que elas estavam sempre dispostas para desenvolvê-las. Durante a realização das experiências do Projeto, participavam ativamente das atividades como: escovação dos dentes, limpeza com fio dental, lavagem das mãos, pés, corte das unhas, entre outras. Percebíamos que, a cada atividade, as crianças ganhavam a

oportunidade de desenvolver o senso crítico, formular perguntas e questionamentos.

No planejamento das atividades, foi pensada uma visita a um consultório dentário. A turma foi acompanhada de suas professoras e de alguns familiares que sempre foram parceiros da Instituição. A presença da família também foi possível em outros momentos do projeto. Destacamos, então, a importância dessa parceria para um melhor desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Conforme Zabalza (1998), essa parceria se torna imprescindível para que as instituições possam oferecer um atendimento de qualidade a todas as crianças.

Após uma breve conversa em grupo com o profissional que apresentou seu consultório, a equipe de trabalho falou da importância da higiene bucal; demonstrou como escovar adequadamente os dentes, e, em seguida, uma criança, sobrinha do dentista, teve seu dente de leite extraído na presença de seus colegas.

**Imagem 1:** Visita ao consultório dentário. Visita ao consultório dentário localizado na Av. Sargento Hermínio.



Fonte: Acervo do Projeto.

Outras atividades interessantes, apresentadas nas fotos, foram planejadas e desenvolvidas.

**Imagens 2 e 3:** Higiene bucal. Escovação diária e estímulo do uso do fio dental na área externa da instituição – NDC.



Fonte: Acervo do Projeto.

**Imagem 4:** Banho de mangueira utilizando os produtos de higiene. Banho de mangueira na área externa da Instituição (NDC).



Fonte: Acervo do Projeto.

Outro momento, que se destacou e continuou sendo importante para o grupo foi o momento da história, no qual as crianças saíam correndo para a estante dos livros e escolhiam, em alguns dias, a história do dia; davam opinião sobre as histórias contadas ou pediam para contá-las. Além das histórias, podiam compartilhar suas pesquisas sobre higiene corporal. Uma das estratégias adotadas foi o quadro dos contadores de história que tinha como objetivo dar oportunidade, principalmente, àquelas crianças que demonstravam timidez para se expressarem oralmente.

Com isto, as professoras observaram que algumas crianças já pediam para se sentarem na frente para contarem a história que elas mesmas haviam escolhido ou para explicarem o trabalho sobre higiene corporal. Apesar de falarem baixinho, só paravam de falar quando tinham apresentado todo o trabalho realizado com alguém da sua família: *“esse a minha mãe pesquisou comigo”*.

Durante esse momento de contação de história, no cantinho da leitura ou da apresentação das pesquisas das crianças, professoras e crianças perceberam o quanto estavam sujas as capas das almofadas que as crianças usavam para deitar a cabeça enquanto as apreciavam, e uma das crianças sugeriu que fossem lavadas. Foi então que as professoras perguntaram às crianças quem havia deixado as almofadas sujas e quem teria que lavá-las. As crianças perceberam que o grupo todo, incluindo as professoras, eram as responsáveis e, com empolgação, a turma inteira aceitou a tarefa e as crianças listaram, por meio da escrita, o que precisariam para esse momento.

**Imagem 5:** Lavagem das capas das almofadas da sala de atividade. Lavagem das capas de almofadas utilizadas em diferentes momentos pelas crianças (NDC).



Fonte: Acervo do Projeto.

Nas atividades de classificação, as crianças foram desafiadas a coletarem em suas casas e nas casas de seus parentes, embalagens de diferentes produtos de higiene. A maioria delas conseguiu trazer embalagens bem diversificadas: de sabonetes, xampus, condicionadores, perfumes, cremes dentais, entre outros. Cada

criança teve a oportunidade de apresentar o material coletado e, em seguida, o grupo separou os frascos de xampu, condicionador, sabonete e creme dental com muita competência. Após a atividade de classificação das embalagens de produtos higiênicos, resolvemos utilizá-las na confecção de algum brinquedo. Em clima de grande diversão, as crianças confeccionaram carrinhos, trens e bonecos e apresentaram ao grupo a sua obra de arte.

**Imagem 6:** Classificação dos produtos higiênicos utilizados nas diferentes partes do corpo. Trabalho em grupo: classificação dos produtos de higiene trazidos pelas próprias crianças.



Fonte: Acervo do Projeto.

Outra etapa, muito instigante para todo o grupo, foi o momento de aprender um pouco sobre os microrganismos, onde são encontrados e o que podem causar. Para isso, era necessário um nutriente ágar. Então, foi preparada uma mistura de gelatina incolor acrescida de caldo de carne que depois de pronta foi colocada pelas próprias crianças em recipientes de vidro, com tampa. As crianças puderam participar do preparo do meio de cultura; colocaram no recipiente, etiquetaram e continuaram colhendo amostras em diversas superfícies: maçanetas, mesas, brinquedos, cédulas de dinheiro, saliva, sujeira das mãos e em

seguida deixadas em um local reservado. A cultura foi se desenvolvendo em um ritmo lento, devido às variações de temperatura, mas as crianças percebiam as mudanças e vibravam com as descobertas. Ao observarem a colônia de bactérias desenvolvidas, elas demonstraram ter construído muitos conhecimentos:

*“No chão tem bactérias, fica na roupa aí a gente senta na cadeira e fica a bactéria”.  
“Bactéria é muito pequenininha”. “É um bicho”.*

Ao término da experiência, as crianças relacionaram as colônias de bactérias encontradas nos recipientes, devido à falta de higiene.

**Imagem 7:** Cultivo de bactérias. Confeção da mistura para o cultivo de bactérias numa placa de Petri.



Fonte: Acervo do Projeto.

No desenvolvimento do projeto Higiene Corporal, as experiências das crianças tornaram-se cada vez mais significativas para elas, que se sentiam motivadas a realizar as mais diversas atividades. Observamos que as crianças possuíam muita criatividade e desejo de se expressarem por meio do fazer artístico e, assim, frequentemente vivenciavam experiências relacionadas às artes visuais. Suas produções de desenhos, pinturas, modelagens e colagens constituíram um verdadeiro arsenal artístico, que era

apreciado pelo grupo. As crianças tiveram também a oportunidade de manipular diferentes materiais de sucata; confeccionaram um dente gigante de garrafa pet, que pintaram com tinta guache e esponja e desenharam o rostinho no dente.

**Imagem 8:** Arte em garrafa pet – confecção de um dente. Formando e pintando um dente de garrafa pet.



Fonte: Acervo do Projeto.

Elas também demonstraram envolvimento ao utilizarem caixas de leite para confeccionarem uma bolsinha. Nesse trabalho, as crianças usaram uma lixa para deixar a superfície da caixa de leite áspera para poder colar papéis e enfeitá-la. A bolsinha produzida serviu para colocar o *kit* de higiene, que todas as crianças receberam no final do Projeto Higiene Corporal. Como podemos ver numa fala, as crianças demonstraram alegria e satisfação ao receberem os kits: *“Olha pessoal! Nessa bolsinha dos super-heróis tem uma toalhinha, um xampu, um condicionador, um sabonete com saboneteira, um creme dental e escova para escovar os dentes, gostaram?”*.

**Imagem 9:** Organização de um *kit* de higiene (escova de dente, creme dental, sabonete, xampu e condicionador), na bolsa feita de caixa de leite. Confeção da bolsinha de caixas de leite para colocar o *Kit* higiene.



Fonte: Acervo do Projeto.

Outras técnicas utilizadas para despertar o fazer artístico foram a manipulação da “meleca” (mistura de goma, água e tinta guache). Nessa atividade, as crianças desenvolviam técnicas próprias, dando asas à imaginação, e seguiam as instruções dadas pelas professoras, sem perder a espontaneidade de criar formas e traçados. Com a meleca, as crianças poderiam fazer várias pinturas enriquecendo com o toque direto, pois elas tinham que utilizar suas mãos ou pés para passar a meleca na cartolina que ficava decorada com diferentes formas e traçados. Tudo colorido e com muita riqueza de detalhes.

Em seguida, tinham que higienizar bem suas mãos e pés, cortar as unhas caso estivessem grandes, ou tomar banho. Nessa ocasião, era também proposta a escovação dos dentes, a higiene com fio dental, higiene dos ouvidos e a lavagem dos cabelos com xampu. As crianças compreendiam rápido a importância da higiene, como podemos observar nas contribuições expressas por algumas delas:

*“Eu aprendi que nós sempre quando terminar de almoçar tem que escovar os dentes. Que sempre que for tomar banho tem que passar sabonete porque senão a cocceira do suor vem pra nós e a gente fica todo se coçando”.*

*“Eu aprendi que tem que lavar os pés, passar perfume e tirar a meleca dos olhos”.*

*“Ah, então para matar a bactéria tem que ter limpeza”.*

*“Eu gosto de estudar higiene”.*

*“Eu gostei. Eu aprendi a escovar os dentes, a cortar as unhas, a passar fio dental, a botar perfume e lavar as mãos”.*

*“Hoje eu penteei os cabelos e fiquei com os cabelos de porco espinho”. “Tem que deixar o dente brilhante”*

Além dessas atividades apresentadas pelas fotos, outros momentos também fizeram parte do projeto, como: pesquisas em jornais, revistas e *internet* sobre o tema; confecção de brinquedos com embalagens dos produtos de higiene de jogo da memória com cenas de higiene corporal e construção de texto coletivo, higienização dos ouvidos, higienização e corte das unhas, atividade de pintura em cavalete, de alguns produtos higiênicos, banho coletivo na piscina e no chuveirão, hábitos diários de higienização das mãos antes do lanche e depois do parque. E, para concluir, foi produzido um *banner* no tamanho de 20cm de largura por 30cm de comprimento, contendo os desenhos das crianças e a transcrição de suas falas. Vale destacar que em todas as etapas do projeto, as crianças eram instigadas a representar suas experiências por meio do desenho e pinturas.

**Imagem 10:** Representações das crianças por meio de desenhos. Produção dos desenhos das crianças.



Fonte: Acervo do Projeto.

Na etapa de síntese do Projeto, organizamos uma exposição, aberta à apreciação dos pais e convidados, de todas as produções das crianças. Na ocasião, foi projetado em *datashow* uma sequência de fotos das principais experiências vivenciadas no grupo durante

o desenvolvimento do projeto Higiene Corporal. As produções da turma foram reproduzidas em um DVD, e um mini *banner* que as crianças, com evidente orgulho, entregaram aos pais.

No *banner*, foi registrada toda a trajetória do projeto por meio de fotografias das principais atividades, registro das representações com desenhos e alguns relatos sobre o que as crianças aprenderam nas experiências vivenciadas. O *banner* foi apresentado à comunidade escolar pelas crianças, por ocasião do encerramento do ano letivo.

### **Considerações finais**

No decorrer do Projeto, houve a preocupação das professoras em observar as ações e os interesses das crianças, buscando avaliar os passos dados e realizar os reajustes necessários. Todas as atividades propostas tiveram o objetivo de integrar as diferentes áreas do conhecimento, por meio de contextos significativos e da criação de situações que despertassem a curiosidade das crianças para as descobertas e aquisição de novos conhecimentos.

Na realização do projeto Higiene Corporal, foram valorizados o ato criador, a observação do ambiente e situações cotidianas, a formulação de hipóteses e a construção de respostas pelas crianças aos desafios propostos nas diversas experiências vivenciadas. Para tanto, situações estimulantes as desafiaram em relação aos seus conhecimentos prévios e ampliaram suas possibilidades de expressão, comunicação, criação e trabalho em grupo. Todas as atividades tiveram como eixos norteadores as interações e as brincadeiras, fundamentais para a aprendizagem e desenvolvimento da criança.

Embora, o Projeto tenha sido desenvolvido antes da publicação das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2009), emanadas do Ministério da Educação e Cultura (MEC), observamos que ele contemplou várias experiências recomendadas no Art. 9º da Resolução nº 5, de

dezembro de 2009, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009).

Para atingir o objetivo principal do Projeto, propusemos experiências que possibilitaram “situações de aprendizagem mediadas para o desenvolvimento da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar”, de acordo com o inciso VI do referido Artigo. Ressaltamos que ao longo de um semestre letivo, muitas atividades realizadas possibilitaram às crianças “experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos” - inciso III (conversa sobre o tema, escolha de um título para o projeto; registro em cartazes dos conhecimentos prévios das crianças; leitura de pesquisas realizadas com a ajuda dos pais; produção de textos coletivos após as aulas-passeio e produção de painéis com as pesquisas).

O envolvimento das crianças contribuiu para a vivência de experiências que “recriassem, em contextos significativos para as crianças, relações quantitativas, medidas, formas e orientações espaço temporais” – inciso IV (contagem e classificação das embalagens dos produtos de higiene; jogo da memória com cenas de higiene corporal e confecção de brinquedos com embalagens dos produtos).

Muitas experiências também favoreceram a “imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical” – inciso II (representação por meio de desenhos, pinturas e colagens, e confecção de brinquedos com embalagens dos produtos). Outras atividades incentivaram a “curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza” - inciso VIII (experimento cultivo de bactérias; higienização diária dos dentes, incluindo a utilização do fio dental; higienização dos ouvidos; higienização das mãos antes do lanche e após as brincadeiras no parque;

higienização e corte das unhas, banho de mangueira, utilizando os produtos de higiene e lavagem das capas das almofadas da sala de aula). As conversas e demonstração do uso correto da água e dos produtos higiênicos promoveram a “interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais” (inciso X).

Vale também ressaltar que no desenvolvimento desse Projeto, estiveram expressos o compromisso e a cumplicidade do grupo, as produções coletivas e individuais das crianças e das professoras, as emoções vividas e sentidas nas aulas-passeio e as alegrias da significação do espaço escolar como espaço de interações e trocas. Mediante o envolvimento do grupo nas atividades, bem como por meio de seus relatos, constatou-se que as crianças ampliaram consideravelmente seus conhecimentos sobre a importância da higiene corporal para a manutenção da saúde. Além de fundamental para as relações sociais, a higiene do corpo foi imprescindível para evitar doenças. Observamos mudanças de atitudes por parte das crianças que se recusavam a tomar banho ou escovar os dentes antes de irem à escola, como podemos constatar nos relatos:

*Professora me cheira, hoje eu tomei banho”; olha meu cabelo como está cheiroso; “Eu já sei porque tem que lavar os dentes, porque senão os bichos comem”; nós estudamos sobre higiene de limpar gente, higiene corporal, quando terminar as refeições pode comer só comida saudável, não pode bombom porque estraga os dentes; “era muito difícil fazer as coisas, a gente não sabia, eu to ensinando a minha mãe a escovar os dentes porque a profa. Manu foi a nossa ensinadora*

A fala da criança é um depoimento forte do quanto as experiências vivenciadas no decorrer do Projeto favoreceram o desenvolvimento integral das crianças e a ampliação de conhecimentos, inclusive aqueles relacionados com a conscientização da importância da higiene corporal para o bem estar e a saúde.

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Resolução nº 5 de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, 2009.

BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COLL, C.; MARCHESI, A.; PALÁCIO, J. (org.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação** 2 ed. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2004.

OLIVEIRA F. J.; KISHIMOTO, T. M. (org.). **Formação em contexto: uma estratégia de integração**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

VYGOTSKY, L. S. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

ZABALZA, M. A. **Qualidade em educação infantil**. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.



## **SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES**

### **ANTONIA EMANUELA OLIVEIRA DE LIMA**

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Metodista de São Paulo (2012), graduação em Economia Doméstica pela Universidade Federal do Ceará-UFC (2006), mestrado (2010) e doutorado (2013) em Educação pela UFC e Pós-doutorado (2023) pela Universidade Pública de Navarra/Espanha. Atualmente é professora do Curso de Graduação em Gestão de Políticas Públicas do Departamento de Estudos Interdisciplinar/UFC e participa do Grupo de Análise de Pesquisa em Política Pública (GAPPP/CNPQ). *E-mail*: emanuela.lima@ufc.br

### **CELIANE OLIVEIRA DOS SANTOS**

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG); professora adjunta na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Departamento de Educação, Curso de Pedagogia, Campus Central; pedagoga pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Economista Doméstica pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestre em Educação (FACED/UFC); vice-líder do Grupo de Pesquisas em Formação e Profissionalização do Professor (UERN/CNPQ); integrante do Grupo de Pesquisa Cuidado, Educação e Infâncias (CEI/FaE/UFMG); coordenadora de Estágio Supervisionado e do Projeto de Ensino Alumiar (FE/UERN). *E-mail*: celianeoliveira@uern.br

### **DANIELE SILVA VIEIRA**

Mestranda em Supervisão e Orientação da Prática Profissional pela Faculdade de Educação da Universidade de Lisboa (Ulisboa); especialista em Educação Infantil pela Faculdade PLUS; graduada e licenciada em Economia Doméstica pela UFC; graduada em Pedagogia pela UFC; Professora efetiva da Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF). *E-mail*: daniele.silva2@educacao.fortaleza.ce.gov.br

### **DENISE DE CASTRO FEIJÓ**

Graduada em Economia Doméstica pela Universidade Federal do Ceará (UFC); licenciada em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú (UVA); especialista em Educação Infantil com ênfase em Educação Especial pela Faculdade Via Sapiens em Tianguá/Ce. Professora de Educação Infantil efetiva no Município de Viçosa do Ceará/CE. *E-mail*: denisefeijo@gmail.com

### **DIANA ISIS ALBUQUERQUE ARRAES FREIRE**

Mestre em Educação (UFC), Especialista em Docência na Educação Infantil (UFC), Especialista em Alfabetização de Crianças (UECE), Graduada em Pedagogia (UFC). Professora efetiva do Núcleo de Desenvolvimento da Criança - Colégio de Aplicação da UFC (NDC CAp UFC). Coordena o Projeto de Extensão Letramento na Educação Infantil: vivências infantis e diálogos docentes. Coordena o Projeto Literatura infantil e relações étnico-raciais: vivências e encantamento com as crianças do NDC. Atualmente cursando Psicologia (UNICHRISTUS). *E-mail*: dianaisis@ufc.br

### **FÁTIMA CARNEIRO DE VASCONCELOS ARAÚJO**

Mestranda em Educação pela Universidade Del Sol (UNADES-PY); especialista em inclusão pela Universidade Federal do Ceará (UFC); graduada e licenciada em Economia Doméstica pela UFC e em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú (UVA). Professora efetiva da Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF). *E-mail*: fatima.carneiroed@hotmail.com

### **FÁTIMA MARIA ARAÚJO SABOIA LEITÃO**

Pedagoga (UFRN); mestre em Educação (FACED-UFC); doutora em Educação Brasileira (FACED-UFC); professora do Núcleo de Desenvolvimento da Criança/Colégio de Aplicação da UFC (NDC CAp UFC) aposentada. Áreas de interesse: Pedagogia de Projetos e Formação de professores. *E-mail*: saboiaf@ufc.br; saboiaf@yahoo.com.br

### **FÁTIMA SAMPAIO SILVA**

Bacharel em Economia Doméstica, mestre em Desenvolvimento da Criança, PhD em Educação Infantil (U of A, USA); professora associada da UFC (aposentada); coordenadora do Núcleo de Desenvolvimento da Criança (UFC); pesquisadora do CNPq; professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira (UFC); áreas de pesquisa: linguagem da criança e Educação Infantil. *E-mail:* sampaiosilvafatima5@gmail.com

### **KÁTIA CRISTINA FERNANDES E SILVA**

Bacharel em Economia Doméstica pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Pedagoga pela Universidade Vale do Acaraú (UVA). Doutora e Mestre em Educação (UFC); Especialista em Educação Infantil na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural. Professora efetiva do Núcleo de Desenvolvimento da Criança - Colégio de Aplicação da UFC (NDC CAP UFC). Coordena o Projeto de Extensão Brincar e Aprender com a História e a Cultura Afro-brasileira. Pesquisa temas que envolvem: a escuta de crianças, famílias e professoras; as relações étnico-raciais na Educação Infantil; práticas educativas de boa qualidade. *E-mail:* katiacristinandc@ufc.br

### **LINA ALVES COELHO**

Pedagoga pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Assistente Social pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). *E-mail:* linaalves40@gmail.com

### **MARCELLE ARRUDA CABRAL COSTA**

Pedagoga pela Universidade Federal do Ceará, mestre e doutora em Educação Brasileira (UFC) Professora efetiva no Núcleo de Desenvolvimento da Criança - Colégio de Aplicação (NDC CAP UFC). Atualmente, exerce o cargo de Diretora no NDC CAP. Coordena do Projeto de Extensão: O trabalho com Projetos no NDC

CAP: contribuindo para a organização do trabalho pedagógico de professores da Educação Infantil. *E-mail*: marcelleacc@ufc.br

### **MARIA AURICÉLIA DA SILVA**

Pedagoga (UECE); mestre em Educação (UECE); doutora em Educação Brasileira (UFC); professora efetiva do Núcleo de Desenvolvimento da Criança/Colégio de Aplicação da UFC (NDC CAP UFC); pesquisa o uso de tecnologias digitais na Educação Infantil; coordena o Projeto de Extensão Tecnologias Digitais na Educação Infantil: ludicidade e aprendizagem. *E-mail*: auricelia.silva@ufc.br

### **SILVIA CRISTINA COSTA GOMES**

Pedagoga (UFC); Especialista em Psicomotricidade (UECE). Foi integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ludicidade e Educação (GPEL-UFC) e é Professora efetiva de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF). *E-mail*: silvia.cristina@educacao.fortaleza.ce.gov.br e siltinacris@gmail.com

No NDC, como a criança sempre foi considerada um ser ativo, curioso, motivado a explorar seu mundo físico e social, optou-se por uma forma privilegiada de aprendizagem: o trabalho com projetos. Nesta abordagem, o protagonismo da criança guia os caminhos de descobertas vivenciados em ambientes estimulantes, estéticos, interativos, favorecendo o desenvolvimento integral das crianças. Professoras, famílias, profissionais e estagiários de diversas áreas compartilham experiências inovadoras, significativas e transformadoras.